

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
CAMPUS DE RIO CLARO**

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE  
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

---

**MARCELO RODELLA BETTANIM**

**ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS DE TRABALHO DE TREINADORES DE  
FUTEBOL DA CATEGORIA SUB-15 DE CLUBES ESPORTIVOS PAULISTAS**

Rio Claro – SP  
2016

**MARCELO RODELLA BETTANIM**

**ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS DE TRABALHO DE TREINADORES DE FUTEBOL DA CATEGORIA SUB-15 DE CLUBES ESPORTIVOS PAULISTAS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo

Rio Claro – SP  
2016

796.334 Bettanim, Marcelo Rodella

B565a Análise dos procedimentos de trabalho de treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas / Marcelo Rodella Bettanim. - Rio Claro, 2016  
153 f. : il., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Alexandre Janotta Drigo

1. Futebol. 2. Clubes esportivos paulistas. 3. Futebol - Treinadores. 4. Rendimento esportivo. I. Título.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**Câmpus de Rio Claro**



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** Análise dos procedimentos de trabalho de treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas

**AUTOR: MARCELO RODELLA BETTANIM**

**ORIENTADOR: ALEXANDRE JANOTTA DRIGO**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, especialidade: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Pós Doutorando do PPG em Ciências da Motricidade / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. ROBERTO TADEU IAOCHITE

Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana. / Universidade Federal de São Carlos / SP

Rio Claro, 13 de dezembro de 2016

Dedico este trabalho a todos que acreditaram e  
contribuíram de alguma forma para que ele fosse  
realizado!

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo por acreditar e confiar em minha capacidade e possibilitar a oportunidade de ingresso no programa de mestrado da Unesp de Rio Claro e, após esse ingresso, por colaborar com sua sabedoria não só em relação à dissertação, mas também passando suas ricas experiências de vida, contribuindo de maneira decisiva com o desenvolvimento humano de seus orientados e de todos ao seu redor.

À Profa. Dra. Juliana Cesana por suas contribuições e também por juntamente com o Prof. Alexandre abrir as portas de sua residência para receber-me durante as reuniões de orientação.

Aos membros da Banca Examinadora Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochite e Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos por aceitarem ao convite de participação na banca e pelas contribuições significativas e decisivas no processo de qualificação.

Ao amigo Romulo Nunes por mostrar que era possível realizar o desejo de entrar em um programa de mestrado com seu exemplo de perseverança e iniciativa por começar as viagens até Rio Claro e indicar o caminho.

Ao amigo Hudson Nunes por compartilhar os conhecimentos previamente adquiridos durante o seu curso de mestrado e pela parceria nos trabalhos acadêmicos durante o processo de realização do meu curso.

Ao amigo Tiago Pedicini por também contribuir com os seus conhecimentos previamente adquiridos no curso de mestrado da Unesp de Rio Claro.

Aos amigos Profs. Emerson, Idelson e Régis por estarem lado a lado nos momentos difíceis e por compartilhar com seus ensinamentos sobre a educação pública, amenizando os percalços encontrados na árdua tarefa de ser professor nesse segmento, principalmente quando se acumula essa tarefa às tarefas necessárias para a conclusão do mestrado.

Ao Prof. Dr. Samuel de Souza Neto, à Profa. Dra. Dagmar Hunger e à Profa. Dra. Laurita Schiavon pelos ensinamentos acadêmicos.

Ao grupo de estudos do Prof. Dr. Alexandre Drigo pelo acolhimento, pela segurança e pela amizade adquirida através dos seus membros contribuindo no incentivo ao meu ingresso no programa.

Aos pesquisadores e estudiosos da área de Educação Física citados no trabalho, pelos seus estudos e pesquisas desenvolvidas acerca do tema escolhido.

Aos funcionários da Unesp de Rio Claro – RC, especialmente à Ivana Brandt pela atenção e eficiência em solucionar as dúvidas em relação às documentações acadêmicas.

Aos clubes e seus respectivos treinadores de futebol das categorias de base que concordaram em participar da pesquisa tornando-a real, sempre com muita atenção e paciência em entender os termos e as questões propostas.

A todos meus amigos que fazem parte de minha história, contribuindo de forma direta e indireta para o meu desenvolvimento.

A todos os meus professores escolares e universitários pela contribuição dada à minha formação pessoal e profissional, contribuindo para a formação do pensamento crítico, reflexivo, autônomo e ético.

A todos os meus familiares pela confiança e incentivo, especialmente ao meu irmão Celso, exemplo de sabedoria que me acompanha, apoia e contribui com o meu desenvolvimento educacional desde o ensino das primeiras palavras escritas.

Enfim, agradeço por ter a oportunidade de evoluir intelectualmente no curso que proporcionou principalmente aumentar ainda mais a certeza da ideia que eu já tinha sobre o fato do conhecimento ser o nosso maior bem e o melhor caminho para a emancipação de nossa alma.

“É preciso que compreenda que não existe liberdade sem igualdade e que a realização da maior liberdade na mais perfeita igualdade de direito e de fato, política, econômica e social ao mesmo tempo é a justiça.”

Mikhail Bakunin

“Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres, de modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade.”

Mikhail Bakunin

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.”

Rosa Luxemburgo

“Se você nasceu em um mundo onde você não se encaixa, é porque você nasceu para criar um novo mundo.”

Autor desconhecido

“A desobediência é uma virtude necessária à criatividade.”

Raul Seixas

“Quando o poder do amor superar o amor pelo poder, o mundo conhecerá a paz.”

Jimi Hendrix

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.”

Albert Einstein

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Madre Tereza de Calcutá

“A um rio que tudo arrasta, se diz que é violento. Mas ninguém chama de violentas as margens que o aprisionam.”

Bertold Brecht

“Como uma pessoa pode gostar de ser acordada diariamente pelo despertador às 6h30, pular da cama, se vestir rápido, comer depressa, cagar, mijar, escovar os dentes, pentear o cabelo, lutar contra um imenso engarrafamento para chegar a um lugar onde essencialmente se faz muito dinheiro para outra pessoa e ainda ter que agradecer por essa oportunidade?”

Charles Bukowski

"Se as pessoas foram feitas para serem amadas e as coisas para serem usadas, por que amam as coisas e usam as pessoas?"

Bob Marley

## RESUMO

BETTANIM, Marcelo Rodella. **Análise dos procedimentos de trabalho de treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas**. 2016. 153f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

Este estudo objetivou analisar os procedimentos de trabalho de treinadores de futebol de categorias sub-15 de clubes esportivos paulistas através da identificação do processo de formação dos treinadores e análise de quais procedimentos de trabalho os treinadores utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva e humana de seus atletas. A metodologia caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, sendo utilizada como fonte de dados a revisão de literatura acerca do assunto pesquisado, leis que regulamentam o atual exercício da atividade de treinador de futebol no Brasil e a interpretação das informações advindas de um questionário semiestruturado e posterior aprofundamento das informações coletadas através de uma entrevista semiestruturada, sob a técnica de análise do conteúdo. Os resultados revelaram que o perfil dos treinadores é constituído pela prevalência da formação acadêmica de licenciado e bacharel em Educação Física de forma concomitante, sendo que as competências que fundamentam os procedimentos de trabalho são adquiridas através do conhecimento científico, socioeducativo, disciplinar e artesanal. Como procedimentos de trabalho na seleção esportiva de seus atletas destacam-se a avaliação técnica, comportamental, tática, física e indicação externa (com base no saber fazer, método de tentativa e erro). Como procedimentos de rendimento esportivo destacam-se a preparação tática, preparação técnica, preparação física, conduta disciplinar, estímulo cognitivo e abordagem psicológica, sendo que para os procedimentos de formação humana, destacam-se a socialização através do diálogo, a orientação disciplinar, a orientação educacional, a formação cidadã ética-moral e a valorização dos valores esportivos universais. O estudo concluiu que os treinadores não utilizam procedimentos de trabalho pautados em critérios objetivos e científicos aparentes em suas ações procedimentais, indicando apenas que tais ações baseiam-se pela observação subjetiva. Apesar dos treinadores compreenderem a relevância do conhecimento científico em suas ações procedimentais, as informações também indicam a importância do conhecimento prático para exercer a atividade de treinador de futebol. Sugere-se que mais estudos acerca dessa temática sejam desenvolvidos para aprofundar as práticas utilizadas pelos treinadores no sentido de revelar a construção de procedimentos de trabalho baseados em parâmetros científicos.

**Palavras-chave:** Procedimentos. Treinadores. Futebol. Categoria sub-15.

## ABSTRACT

BETTANIM, Marcelo Rodella. **Analysis of soccer coaches working procedures of category sub-15 paulistas sports clubs.** 2016. 153f. Final paper for the Master's Course – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

This study aimed to analyze the working procedures soccer coaches categories sub-15 São Paulo sports clubs by identifying the training of trainers process and analysis which work procedures trainers use to achieve the sporting and human development objectives of their athletes. The methodology is characterized as a descriptive qualitative approach, being used as a data source literature review on the subject researched, laws governing the current year the football coach of activity in Brazil and the interpretation of the information coming from a semi-structured questionnaire and further development of the information collected through a semi-structured interview, in the analysis of technical content. The results showed that the profile of coaches consists of the prevalence of licensed academic background and degree in Physical Education concomitantly, and the skills that underlie the working procedures are acquired through scientific, socio-educational, disciplinary and traditional knowledge. As working procedures in sports selection of their athletes stand out the technical, behavioral, tactical, physical and external indication (based on know-how, trial and error). As a sports performance procedures include the tactical preparation, technical preparation, physical preparation, discipline, behavior, cognitive stimulation and psychological approach, and for the procedures of human, socialization stand out through dialogue, disciplinary orientation, educational, ethical-moral civic education and appreciation of universal sporting values. The study concluded that the coaches do not use working procedures guided by objective criteria and apparent scientific in its procedural actions, indicating only that such actions are based on the observation subjective. Despite the coaches understand the importance of scientific knowledge in its procedural actions, the information also indicates the importance of practical knowledge to practice football coach activity. It is suggested that more studies on this subject are developed to deepen the practices used by coaches in order to reveal the construction work procedures based on scientific parameters.

**Keywords:** Procedures. Coaches. Soccer. Category sub-15.

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> – Síntese dos objetivos do estudo.....	94
<b>Quadro 2</b> – Dados Gerais dos Treinadores.....	101
<b>Quadro 3</b> – Experiência como jogador de futebol.....	102
<b>Quadro 4</b> - Formação profissional em Educação Física e formação continuada.....	102

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> – Formação Profissional dos treinadores de futebol da categoria sub-15	104
<b>Tabela 2</b> – Competências dos treinadores de futebol da categoria sub-15	104
<b>Tabela 3</b> – Procedimentos de trabalho utilizados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 para selecionar os jovens atletas	105
<b>Tabela 4</b> – Procedimentos de trabalho adotados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 para atingir os objetivos de rendimento esportivo	105
<b>Tabela 5</b> – Procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de formação humana	106
<b>Tabela 6</b> - Descrição analítica individual das respostas da questão 1	107
<b>Tabela 7</b> - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 1	108
<b>Tabela 8</b> - Descrição analítica individual das respostas da questão 2	108
<b>Tabela 9</b> - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 2	110
<b>Tabela 10</b> - Descrição analítica individual das respostas da questão 3	110
<b>Tabela 11</b> - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 3	111
<b>Tabela 12</b> - Descrição analítica individual das respostas da questão 4	112
<b>Tabela 13</b> - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 4	113
<b>Tabela 14</b> - Descrição analítica individual das respostas da questão 5	114
<b>Tabela 15</b> - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 5	115

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	15
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	17
<b>1.1 Justificativa.....</b>	19
<b>1.2 Objetivos.....</b>	21
1.2.1 Objetivo Geral.....	21
1.2.2 Objetivos Específicos.....	21
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	23
<b>2.1 Caracterização da Categoria de Base: formação versus problemas.....</b>	23
2.1.2 O futebol como fenômeno sociocultural.....	23
2.1.3 Surgimento das categorias de base.....	27
2.1.4 A importância da prática esportiva na infância e na adolescência e sua relação com o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais em atletas da categoria sub-15.....	31
2.1.5 Problemas detectados na formação de atletas no futebol brasileiro.....	35
2.1.6 Percepção dos atletas de futebol em relação à formação adquirida através do Treinador e do universo que o cerca nos clubes.....	43
<b>2.2 Caracterização do Treinador: regulamentação e competências.....</b>	48
2.2.1 Regulamentação Legal para Atuação como Treinador de Futebol no Brasil	48
2.2.2 Estudos sobre a formação do Treinador de futebol.....	53
2.2.3 Atuação do Treinador de futebol nas categorias de base.....	59
2.2.4 Diferentes perspectivas de ensino em relação ao futebol.....	69
<b>2.3 Caracterização da Educação Física: história, procedimentos e a disciplina futebol nas Instituições de Ensino Superior.....</b>	76
2.3.1 História da Educação Física e a relação com seus procedimentos de trabalho.....	76
2.3.2 Ética, procedimentos e intervenção em Educação Física.....	83
2.3.3 Panorama do Ensino na Disciplina Futebol nas Instituições de Ensino Superiores nos cursos de Educação Física no Estado de São Paulo.....	85
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	91
<b>3.1 Delineamento da pesquisa.....</b>	92
3.1.2 Fase descritiva.....	92
<b>3.2 Estrutura do instrumento investigativo.....</b>	93
<b>3.3 Interpretação das informações do instrumento investigativo: sob a técnica da análise de conteúdo.....</b>	96
3.3.1. Aprofundamento dos dados coletados através de entrevistas.....	97

<b>3.4 Procedimentos de contato e seleção dos participantes .....</b>	<b>99</b>
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISES</b>	<b>101</b>
<b>4.1 Resultados e análises da primeira parte do questionário semiestruturado.....</b>	<b>101</b>
<b>4.2 Resultados e análises da segunda parte do questionário semiestruturado.....</b>	<b>103</b>
<b>4.3 Resultados e análises da entrevista semiestruturada.....</b>	<b>107</b>
<b>5 DISCUSSÃO.....</b>	<b>117</b>
<b>5.1 Perfil dos Treinadores de futebol da categoria de base sub-15.....</b>	<b>117</b>
<b>5.2 Análise das categorias.....</b>	<b>118</b>
5.2.1 Processo de formação.....	118
5.2.2 Competências que norteiam os procedimentos de trabalho.....	119
5.2.3 Procedimentos de seleção esportiva.....	121
5.2.4 Procedimentos de rendimento esportivo.....	123
5.2.5 Procedimentos de formação humana.....	126
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>131</b>
<b>6.1 Considerações finais.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>134</b>

## APRESENTAÇÃO

Minha história de vida sempre se confundiu com o futebol, fazendo parte dele desde minha mais tenra idade. Como muitos meninos brasileiros, um de meus primeiros presentes foi uma bola de futebol. Cresci jogando futebol na rua com vários outros meninos da periferia onde morava. Logo, o sonho de vir a ser um jogador de futebol foi ganhando força, impulsionado principalmente por comentários de quem me via jogando, de que teria futuro nesse esporte. No início dos anos noventa, já fazia parte das categorias de base da A.A. Flamengo de Guarulhos, equipe que disputa as divisões inferiores do campeonato paulista de futebol. Naquela época, com catorze anos, finalmente consegui, depois de muito sacrifício, realizar um teste no Sport Club Corinthians Paulista. Junto a cento e onze garotos, que fiz questão de contar, todos sentados lado a lado à beira do terrão do Parque São Jorge, começamos a jogar sem critério algum de organização. Apenas éramos separados onze para cada lado e o jogo começava. Aos poucos, alguns eram dispensados logo de imediato, outros como eu, aguardavam ansiosamente seu papelzinho de retorno para a próxima semana. Ao final da quarta semana, apenas eu e mais dois garotos havíamos passado por todos os testes e, finalmente, conquistávamos um lugar na equipe de base corinthiana.

Depois desse árduo processo, o que deveria ser motivo de alegria, passou a ser motivo de incertezas e decepções. Durante seis meses permaneci treinando junto a outros adolescentes que já faziam parte da equipe de base sub-15. Nosso treinador era um atacante muito famoso do final dos anos setenta do próprio Corinthians. Seus treinamentos não seguiam uma sequência lógica e não eram planejados, e isso já dava para ser percebido até por mim, que tinha pouca experiência no universo do futebol até então. Quando o campeonato paulista de nossa categoria finalmente começaria, veio o pior, que fora a dispensa de vários jogadores que estavam treinando por um único motivo alegado pelo treinador: ele ficaria com os garotos que já treinavam com ele desde os sete anos porque já os conhecia e confiava neles. Indignado com a falta de critérios de seleção ou, como hoje compreendo, de procedimentos, inclusive durante os treinamentos e também em relação às justificativas de dispensa dos atletas da base, fui para casa e desisti do meu sonho, frustrado com o ocorrido dentro do meu próprio time de coração.

Decepcionado, mas impulsionado por aqueles que ainda acreditavam no meu potencial, voltei atrás, e tentei outro teste, agora na Associação Portuguesa de Desportos. Lá, deparei-me com uma situação ainda mais inusitada. O treinador colocava os meninos que já eram da base para treinar contra os meninos da “peneira”, e mandava “bater” caso alguém da

peneira se destacasse ou quisesse fazer “gracinha”. Mesmo assim, atuei em uma boa equipe, na qual conseguimos encaixar o jogo e empatar em um a um contra os meninos da base que já treinavam e representavam a equipe nas competições, mesmo sem nos conhecermos ou termos jogado juntos anteriormente. Nosso gol saiu de uma jogada minha, na cobrança de uma falta. Olhei para a beira do campo na hora do gol, mas o treinador estava preocupado em separar a próxima equipe que jogaria contra seus meninos e não em assistir ao teste. Nenhum menino foi aprovado nesse dia, mesmo estando claro que muitos jogavam melhor que aqueles que já faziam parte da equipe da Portuguesa. Outra vez, não estavam presentes critérios ou procedimentos claros e objetivos em relação à seleção de atletas para participar das categorias de base.

A vida foi dando voltas e em 2002 fui fazer graduação plena em Educação Física. No último ano da graduação, 2005, fui treinador da equipe de campo da Unesp de Presidente Prudente, que se sagrou campeã do Inter Unesp realizado naquele ano na cidade de Ilha Solteira, em uma final emocionante contra a Unesp de Rio Claro. Do outro lado, pude vivenciar na pele as dificuldades que é ser um treinador de futebol, lidando com diferenças e caprichos de atletas, cuja maioria também passou por equipes de base de grandes clubes do futebol brasileiro. Planejei e introduzi procedimentos de treino dentro do que estava ao meu alcance, mas me senti refém por não possuir conhecimentos suficientes que dessem suporte à minha atuação como treinador, uma das funções passíveis de ser ocupada por profissionais de Educação Física.

Hoje, no programa de mestrado da Unesp de Rio Claro, resgato todas essas situações e me sinto na obrigação de estudar profundamente esse assunto, a fim de que, no futuro, garotos que tenham o sonho de ser jogador de futebol tenham um caminho mais justo e menos árduo na obtenção ou não desse objetivo. Aos que conseguirem alcançá-lo, que as suas carreiras como jogadores de equipes principais sejam mais gratificantes no que se concerne à formação holística e não apenas financeira devido a uma melhor formação na base, e aos que não o conquistarem, para que não saiam frustrados com esse esporte tão importante no cenário esportivo brasileiro e para a Educação Física.

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol sempre ocupou um lugar de destaque no cenário esportivo brasileiro, sendo o esporte mais popular do país (TOLEDO, 2000). Conseqüentemente, crianças e jovens almejam através desse esporte alcançar a ascensão social e o reconhecimento. Sonham em tornarem-se jogadores em grandes equipes de futebol, e com isso, disputam de forma acirrada, um lugar nas “peneiras” oferecidas por essas equipes em busca da realização desse sonho (BELLOS, 2003).

Quando finalmente conseguem espaço nas categorias de base dessas equipes, os jovens se deparam com situações que dificultam o processo de ascensão até a equipe principal. Pressões da família, dos clubes, dos empresários e também muitas vezes vivendo em condições precárias, quase sempre em alojamentos que não oferecem instalações adequadas para um bom desenvolvimento, fazem com que a maioria deles desista por causa desses e de outros fatores negativos (GIGLIO, 2007).

Alguns poucos escolhidos saem do anonimato e entram no rol dos astros mais bem pagos do mundo. Os jogadores que conseguem tal façanha participam de um processo que muitos sonham e poucos conseguem. Portanto, os famosos, os ídolos e heróis constituem uma exceção da exceção (GIGLIO, 2007).

Em outras palavras, “para ser jogador de futebol é preciso passar por longas etapas e muitas angústias, é preciso conviver com a possibilidade de ser dispensado em qualquer fase das categorias de base” (GIGLIO, 2007, p. 119). Nessas etapas, convivem e depositam a possibilidade de realização de seu sonho na figura do treinador, que seria o personagem central e também o elo com os clubes nesse difícil caminho.

Estudos sobre treinadores como o de Mesquita et al. (2009), denotam a relevância dessa função na formação dos futuros atletas. Esta informação nos leva a refletir o quanto o treinador das categorias de base de futebol é peça fundamental nesse processo, portanto, necessita de ferramentas que o capacite a desenvolver um bom trabalho.

Assim, a Educação Física por formar profissionais habilitados a atuarem no esporte, deve nortear o trabalho desses treinadores, oferecendo suporte científico para guiar suas ações, minimizando os percalços durante o processo de formação desses futuros atletas. Nesse sentido, considera-se que os conhecimentos da pedagogia do esporte devam ser utilizados como um dos suportes indispensáveis tanto na capacitação como na tomada de decisão dos procedimentos profissionais utilizados por treinadores das categorias de base, fato revelado em um estudo realizado em categorias de base do esporte basquetebol (GRAÇA, 1997).

Portanto, esse estudo surge com a intenção de identificar os procedimentos utilizados por treinadores como forma de entender a relação desses procedimentos com o funcionamento das categorias de base do futebol, relacionando as atitudes e os procedimentos de trabalho do treinador enquanto profissional de Educação Física ou com conhecimentos adquiridos em outras experiências de vida, como ocorre com o ex-jogador de futebol.

A literatura disponível atualmente já oferece uma vasta bibliografia em relação aos diversos métodos de treinamentos esportivos passíveis de serem implantados em uma equipe de categoria de base de futebol, mas deixa a desejar em relação aos procedimentos de trabalho que serão utilizados na implantação desses métodos.

Esses procedimentos devem ser organizados, sistematizados e referendados pelos profissionais da área, que desenvolvem pesquisas científicas com o intuito de colaborar e melhorar o trabalho dos treinadores. Além disso, devem estar pautados pela pedagogia do esporte, para formar futuros atletas preparados a exercer sua cidadania de forma plena (HERBERT; LANDIN; SOLMON, 2000).

Alguns procedimentos em Educação Física já existem em outros segmentos de atuação da área, como na área da saúde, onde já houve inclusive a criação de um manual de procedimentos de trabalho pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), com intervenções sistematizadas nos três âmbitos da saúde: primária, secundária e terciária, que será detalhado no decorrer do estudo (CONFEF, 2010).

No futebol, ainda não existe um manual de procedimentos que poderia ser utilizado como suporte ao trabalho dos treinadores desse esporte. Sendo assim, o trabalho desses treinadores fica a critério individual, pois eles não possuem parâmetros científicos para embasar sua atuação no que tange aos procedimentos de trabalho. Possuem apenas parâmetros científicos em relação aos métodos, mas não procedimentos que os auxiliem a implantá-los.

Já no judô (esporte individual), por exemplo, verificou-se a existência de um manual criado recentemente para auxiliar no treinamento desse esporte em suas categorias de base (OLIVIO JUNIOR; DRIGO, 2015).

Além disso, estudos recentes como o de Costa (2009), demonstram que metade dos treinadores de categorias de base de futebol não possui formação em Educação Física, o que pressupõe que na maioria das vezes nos lugares onde eles trabalham independentemente de clubes grandes ou pequenos, já que damos importância maior à formação das pessoas sob a responsabilidade dos treinadores que o tamanho do clube, o conhecimento científico da área é deixado de lado na formação desses futuros atletas, ou quando utilizado, não vem

acompanhado de conhecimentos adquiridos em uma graduação universitária em Educação Física.

Nesse mesmo estudo, Costa (2009) também aponta que o estilo de liderança desses treinadores para com seus atletas é o estilo autocrático, onde a formação é de mão única, ou seja, a palavra final sempre é do treinador, para além, todas as palavras provêm dele, não só a final, pois não existe diálogo. Esse estilo de liderança advém de pressões dos clubes que exigem resultados em todo momento, mesmo nas categorias de base, consideradas suas “vitrines”. Pressões que poderiam ser amenizadas caso a função de treinador de futebol das categorias de base fosse regulamentada por leis que exigissem que esses treinadores tivessem formação nos cursos superiores de Educação Física, e que essa função fosse desempenhada obrigatoriamente e não preferencialmente, como sugere a Lei n. 8.650/1993, por profissionais formados em Educação Física, pois os treinadores teriam a possibilidade de se filiar ao CONFEF a fim de obter respaldo na defesa de seus direitos profissionais, já que uma das funções do Conselho é defender os abusos em relação às atividades profissionais que porventura fossem cometidos por empresários e dirigentes de clubes.

Casos constantes de atos de indisciplina que são cometidos por atletas pertencentes a equipes principais, inclusive atletas que já disputaram partidas pela seleção brasileira de futebol, ocasionando quase sempre o afastamento ou a venda desses atletas, poderiam ser evitados ou amenizados, se desde a sua formação nas categorias de base fossem utilizados procedimentos de trabalho por parte dos treinadores que contemplassem os mais variados aspectos na formação da plena cidadania.

Para além, a relação jovem atleta, família, treinador e dirigente esportivo deve ocorrer à luz de conhecimentos que garantam uma iniciação esportiva que atenda aos preceitos socioeducativos, e não apenas os físicos e técnico-táticos, tendo como eixo central as necessidades do jovem e a importância desse momento de sua vida esportiva ser prazerosa e acolhedora (PAES, 2006).

## **1.1 Justificativa**

Esse estudo justifica-se pela investigação dos procedimentos de trabalho de um dos personagens mais relevantes dentro do universo do futebol: o treinador das categorias de base.

Durante a revisão de literatura não foi encontrada a definição acadêmico-científica do termo “procedimentos de trabalho” para treinadores de futebol. Assim, as poucas definições encontradas definiam o termo procedimentos de trabalho baseados no dicionário

brasileiro da Língua Portuguesa como sendo modo de atuar, comportamento, processo (FERREIRA, A. B. H., 2010)<sup>1</sup>. Na área biológica, o termo procedimento está relacionado aos atos de responsabilidade, atribuições, parâmetros, código de ética, habilitações e capacitações dos profissionais que atuam no campo da saúde. Para medicina, o termo procedimento refere-se ao ato técnico-profissional, sendo definido da seguinte forma (RESOLUÇÃO, CFM n. 1627/2001)<sup>2</sup>:

Ato profissional é como se denomina, de maneira rigorosamente científica, uma ação, procedimento ou atividade que a legislação regulamentadora de uma profissão atribua aos agentes de uma dada categoria profissional; ainda que esta não lhes seja exclusiva, ou seja, privativa daqueles profissionais. Todo ato profissional deve ser praticado por pessoa adequadamente preparada, devidamente habilitada e que esteja exercendo legalmente sua profissão, de acordo com a legislação vigente. Os atos profissionais privativos ou exclusivos de uma profissão configuram o que se denomina o monopólio profissional, que decorre principalmente da necessidade que a sociedade tem daquele serviço e da importância que lhe atribui.

Assim, entendemos que a definição do termo procedimentos pela área da saúde também pode ser atribuída à atividade de treinador de futebol, guardadas as devidas proporções, no que tange as ações de responsabilidade, parâmetros científicos de formação esportiva e humana, utilização de código de ética e preparação técnica, tática, física e psicológica dos atletas de futebol.

Em nossa concepção, que corrobora com a concepção de Matvéiev (1986), entende-se que o treinador, preferivelmente formado em Educação Física, necessita possuir um olhar pedagógico em suas ações para contribuir na formação de um ser humano de maneira integral, considerando-se os aspectos: sociais, culturais e psicológicos tão importantes quanto aos aspectos biológicos na formação do atleta independentemente do modelo de treinamento desportivo.

O treinador de futebol estaria, portanto, em meio a todo o processo de formação de futuros atletas, que deverão participar dos processos de cidadania na sociedade, mesmo não se tornando jogadores profissionais, e por isso, deve transcender a dimensão física e técnico-tática. Sabemos que há pressões de várias partes neste processo, tais como: dos empresários, dos dirigentes de clubes, dos pais, da mídia, etc. Por outro lado, nosso estudo está pautado na

---

<sup>1</sup>A definição do significado de uma palavra no dicionário é previamente pesquisada e criteriosamente elaborada por uma comissão de redatores lexicógrafos através de minuciosas leituras que legitimam literariamente essa definição.

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2001/1627\\_2001.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2001/1627_2001.htm)>. Acesso em: 20 set 2015.

pedagogia em relação ao direito da formação global do adolescente, relacionando-a com sua vida de atleta e pós-atleta, entendendo de forma direta sobre quais elementos são necessários no desenvolvimento global do atleta da categoria de base em relação aos processos de formação para a cidadania (DRIGO, 2013).

Daí a importância desse treinador possuir procedimentos de trabalho pautados em conhecimentos científicos que possam abranger os mais variados aspectos que tangem a sua atuação na formação de atletas profissionais ou amadores para o futebol (BENTO, 1999).

Quanto à conclusão desta pesquisa espera-se, socialmente, que os jovens orientados por esses treinadores possuam cada vez mais respaldo no desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais durante sua passagem pelas categorias de base nos clubes de futebol.

Profissionalmente, espera-se que a mesma gere benefícios para a área de Educação Física, na perspectiva de ampliar a discussão sobre os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol das categorias de base de clubes paulistas, não com a intenção de “engessar” o trabalho desses treinadores, ao contrário, pretende-se trazer as configurações existentes no cenário atual para verificarmos práticas em comum e sua origem, possibilitando que o trabalho desses treinadores possa evoluir a partir dessas constatações em um processo de construção de sistemas e atitudes que possam estar ética e conceitualmente respaldados conforme se espera de uma atividade profissional reconhecida pela sociedade brasileira.

Academicamente, espera-se que esta pesquisa gere conhecimentos que possam ser utilizados por futuros estudiosos deste assunto, afim de que o debate seja constante na busca da melhoria de condições de trabalho para todos os envolvidos nesse processo.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral:**

Identificar o processo de formação e analisar quais são os procedimentos de trabalho que os treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes paulistas utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva e humana de seus atletas.

### **1.2.2 Objetivos específicos:**

a) Identificar como foram adquiridos os conhecimentos práticos e científicos que fundamentam os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas;

b) Analisar quais são os procedimentos de trabalho que os treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva (seleção e rendimento) e formação humana (educação e cidadania).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Caracterização da Categoria de Base: formação versus problemas

#### 2.1.2 O futebol como fenômeno sociocultural

O futebol é sem dúvida nenhuma expressão cultural do povo brasileiro e mesmo não sendo aclamado de forma unânime como paixão nacional distingue-se pelo gosto popular da maioria, já que apenas vinte e cinco por cento dos brasileiros declaram não gostar desse esporte (MURAD, 2007).

Para Brandão (2009, p. 16):

O futebol como expressão de nova religião, tem símbolos próprios, uma liturgia específica, dias de novenas, devoção e ocasiões solenes; proporciona uma catarse coletiva, uma força psicológica e uma felicidade indescritível, promove êxtases quase místicos, sentimentos de fraternidade e fanatismos incontidos fazendo com que o futebol seja vivenciado como um verdadeiro culto.

Já Daólio (2005, p.3), afirma que:

O futebol é, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade e um modelo para uma determinada sociedade apresentar-se e que no Brasil o futebol ganha relevância por ser o principal esporte nacional, tanto que aqui a expressão 'jogar bola' diz respeito ao futebol e a nenhum outro esporte.

Assim como no Brasil, o futebol está presente na maioria dos países internacionalmente, mas não há rincão do mundo e não há brasileiro que não associe o Brasil ao futebol e que não sinta uma emoção diferente, uma energia especial, diante de uma partida de futebol (BRANDÃO, 2009).

Devido esse grande apelo popular, o futebol foi despertando ao longo do tempo interesses financeiros de várias partes. Explorado pela mídia, empresários e grandes indústrias multinacionais, vem tornando-se uma mercadoria de consumo, e o lucro conquistado a qualquer preço por esses intermediários, uma verdadeira obsessão. Para Levine (1982), na junção entre sociedade e política, o futebol no Brasil sempre foi vinculado à mobilidade social e à autoafirmação. Campeonatos são vendidos para emissoras de televisão a preços exorbitantes, jogadores negociados por valores inimagináveis entre clubes e acessórios de

futebol como camisetas de times são vendidas também a preços acima de outras camisetas no mercado (SANTANA GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

Torcidas uniformizadas organizam-se para torcer de forma muitas vezes até exagerada pelas agremiações de sua preferência, resultando inclusive em brigas (que terminam muitas vezes em mortes) com torcedores adversários devido ao fanatismo incorporado em sua forma de conduzir essa paixão desenfreada (PIMENTA, 2000).

Ao analisar a violência no futebol, Daólio (2005) chega à conclusão que o social é fator determinante nessa questão, influenciando diretamente no ato de torcer, no ato de jogar futebol e na maneira de jogar com certos estilos diferentes.

Da Matta (1982) também conclui em seus estudos que existe uma forte influência social nas raízes da violência no Brasil, onde o grande distanciamento entre as classes seria um fator preponderante em relação a essa questão.

Frustrações na vida cotidiana dos torcedores são transportadas ao ato de torcer no futebol trazendo a sensação de pertencimento a um grupo, onde problemas com famílias desestruturadas, a falta de emprego, dinheiro e perspectivas de melhorias pela falta de cidadania fazem resultar em cenas impressionantes entre o limiar do matar ou morrer protagonizadas por “torcedores” que depois de uma derrota de seu time temem voltar à realidade de suas vidas (DAÓLIO, 2005).

Assim, o grito de guerra vira ação e a brincadeira emocionalmente gostosa, sadia e agradável permitida nos estádios são substituídas em poucos minutos por confrontos violentos e injustificáveis que se iniciam e se manifestam através de vaias, xingamentos, gestos, canções e hinos para confrontar os torcedores da equipe adversária ou até mesmo de sua própria equipe.

Para Daólio (2005), a violência no futebol pode ser analisada sobre diversos aspectos, mas seria um engano atribuir-lhe o ônus dessa violência, pois o esporte futebol não foi criado para ser violento tendo em vista as suas regras extremamente éticas, nem tampouco devemos culpar alguns poucos considerados “marginais” que frequentam os estádios por essa violência, pois o fato de cobrar ingressos mais caros e considerar que “marginal” é também pobre e não poderá adquiri-los seria uma forma de “selecionar” os que vão aos estádios e também não resolveria o problema, ao contrário, geraria mais um: o preconceito.

Daólio (2005) finaliza dizendo que não podemos separar o futebol da sociedade brasileira, pois o futebol faz parte dela, e sim atentarmos para os problemas sociais que têm gerado tanta violência nos espetáculos futebolísticos.

A violência seria apenas um dos sentimentos aflorados através do futebol, tão discutido diariamente na televisão, nas rodas de bares, nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalho, enfim, em quase todos os lugares. O futebol brasileiro, visto como uma prática social, também se constitui em uma válvula de escape pela qual os indivíduos expressam outros sentimentos (DAÓLIO, 1997).

É nesse sentido que podemos falar como Geertz (1989, p. 308), que “o futebol para o brasileiro é como brincar com fogo”. É verdade que nessa brincadeira temos visto ultimamente algumas “queimaduras”, que, apesar de graves, não negam nossa afirmação de que o futebol serve como um meio de expressão do povo brasileiro e possui importante papel cultural no país.

Em meio a esse turbilhão de sentimentos, interesses financeiros e outros norteadores que permeiam o universo do futebol estão os jovens das categorias de base de clubes profissionais, que almejam um dia alcançar os píncaros da glória através da realização do sonho de ter um lugar de destaque e ser bem remunerado nesse esporte. Na formação desses jovens estão os treinadores, função primordial e referência para muitos deles, que os terão como verdadeiros norteadores de seus destinos.

Por isso, essa função tem sido alvo de estudos, como o de Bento (1999), que ressalta a importância da figura do treinador esportivo afirmando que é necessário reinventar a pedagogia do esporte, nomeadamente no tocante às questões dos objetivos, dos sentidos e valores, das condições e possibilidades, das normas e razões da educação e formação no e através do ato desportivo, ou seja, é necessário fundar em novos conceitos e princípios no sentido pedagógico do esporte como prática de formação e educação, de realização da humanidade e da condição humana do homem.

A questão do entendimento do esporte, ultrapassando o problema da modelação didática da introdução numa técnica cultural, a questão de desnudar o significado e o valor do esporte para aqueles que o praticam, a questão de saber como organizar tal prática para que se realizem os valores humanos pretendidos – eis hoje a questão central para cuja resposta se deve orientar e mobilizar a totalidade das Ciências do Esporte.

Para Matvéiev (1986, p. 72), se o treinador for um:

(...) autêntico pedagogo, guiar-se-á constantemente no seu trabalho por todos os princípios gerais do ensino e da educação, aplicando-os de maneira criadora às particularidades do treino esportivo e às situações pedagógicas que surgem neste processo. De modo que as proposições de base da atividade do treinador não são diferentes dos princípios da atividade de qualquer outro professor.

Portanto, está cada vez mais evidente no processo de formação do treinador esportivo, a necessidade dos conhecimentos dos princípios formulados pela teoria e metodologia da Educação Física, essenciais para uma formação adequada de atletas e cidadãos à sociedade (MATVÉIEV, 1986).

Essa formação já ocorre de forma mais estruturada nos países europeus, onde os treinadores têm de passar por uma formação rigorosa e criteriosa para obter a permissão de treinar uma equipe esportiva de futebol. Já no Brasil, esse processo ainda está engatinhando, apesar da recente aprovação do decreto n. 7.984/2013 (BRASIL, 2013), que regulamenta a lei n. 9.615/1998 (BRASIL, 1998) e institui normas gerais sobre o desporto.

Esse decreto estabelece, dentre outras, algumas exigências no que se concerne à função de treinador de futebol, como por exemplo, no artigo 49:

(...) o direito aos atletas das categorias de base a conhecimentos teóricos e práticos de Educação Física, condicionamento e motricidade, por meio de um corpo de profissionais habilitados e especializados, norteados por programa de formação técnico desportiva, compatível com o desenvolvimento físico, moral e psicológico do atleta (BRASIL, 2013).

No Brasil, por ser o futebol um esporte tão popular, torna-se fundamental que os treinadores possuam uma boa formação, pois com o advento da exploração comercial desse esporte, surgem também “escolinhas” privadas que disputam os jovens com os clubes, quando não se juntam a eles, prometendo desde a ocupação do tempo livre dos jovens da classe média, até a possibilidade de realização do sonho de um dia ocupar o lugar de um jogador renomado no futebol como um Rivelino ou um Zico (BRACHT, 2011), ou seja, o processo de educação humanística que deveria nortear os programas de treinamento desportivo vai dando lugar a outros interesses de cunho comercial, e essa educação, portanto, se torna mercadológica, ora isto, acrescenta Dias de Carvalho (1992, p. 50), impõe a denúncia da “taylorização mais ou menos camuflada” a que as atividades humanas foram sujeitas em nome da rapidez de resultados e da eficácia das estratégias (um termo oriundo dos meios militares, que subentende formas de iludir, de enganar, de vencer o outro, o oponente, o inimigo), além da obsessão da rentabilização de sistemas e processos que fez com que a lógica destes substituísse a do homem, conduzindo a um desconhecimento do papel dos atores e à sua falta de comprometimento.

Contrário ao resultado em quaisquer custos, Bento (1999, p.21) ressalta que “o ensinar bem, escorado em técnicas e estratégias, deverá ceder o lugar ao ensinar para o bem do jovem, da sociedade, do desporto e também do treinador”.

Neste sentido, Drigo (2013) enfatiza que o treinador esportivo necessita possuir um olhar pedagógico em suas ações para contribuir na formação de um ser humano de maneira integral.

O treinador de futebol estaria, portanto, em meio a todo esse processo. Por um lado, recebendo pressões de várias partes tais como: empresários, proprietários de clubes, pais de possíveis futuros jogadores, etc. Por outro lado, nosso objeto de estudo estaria envolvido na essência do futebol de maneira mais profunda, pois trabalha com as categorias de base. É ele que lida com o ser humano, aquele que pratica o esporte e que poderá conduzir os jovens atletas ao alto nível de excelência, dentro de um universo concorrido e de difícil obtenção de sucesso.

Daí a importância desse treinador possuir procedimentos de trabalho que possam impactar na formação esportiva e na formação humana de jovens atletas que possivelmente se tornarão jogadores profissionais de futebol, pois com procedimentos definidos, o trabalho poderá ser mensurado e repensado a qualquer momento para que se alcancem os objetivos propostos, fazendo com que através do auxílio desses procedimentos o trabalho esteja sempre em constante evolução.

### **2.1.3 Surgimento das categorias de base**

Para entendermos o surgimento das categorias de base no futebol brasileiro, faremos um breve relato acerca do processo histórico da chegada do futebol ao Brasil.

Após ter contato com o futebol na Banister Court School em Southampton, em 1984, o paulista e descendente de inglês, Charles Miller retorna ao Brasil com alguns poucos acessórios do futebol na bagagem como bolas, uniformes e um livro de regras, a fim de difundir entre seus amigos esse esporte que o deixara tão maravilhado (CARRAVETA, 2006).

Sua prática, diferentemente do objetivo central do grande entusiasta do esporte no séc. XIX Pierre de Coubertin, que defendia o esporte para o benefício de todos sem distinção, caminhava para o sentido oposto no Brasil, e sua prática era vista com olhares e julgamentos diferentes dependendo da classe social que o praticava.

A elite usava o esporte como um mecanismo de distinção e fazia uso do seu poder econômico para adquirir os melhores equipamentos, que eram importados da Inglaterra, para impor sua superioridade na prática do futebol (CARRAVETA, 2006).

Essa distinção perdura até os dias atuais, onde a prática de qualquer esporte possui conotações e sentidos diferentes dependendo da classe social que se apropria dele, sendo como espectador, seja como praticante (SCHERER, 2010).

Outro grave problema apontado por Carraveta (2006) no futebol daquela época e que também acomete os jogadores atualmente é o racismo. Jogadores negros eram insultados por suas torcidas e as primeiras formações de equipes da seleção brasileira no início do séc. XX não possuíam jogadores negros entre os seus convocados.

Racismo que teve a sua primeira derrota representada pela equipe do Vasco da Gama durante a conquista do campeonato carioca. A equipe era formada em sua grande maioria por jogadores pobres, mulatos e negros, contrariando o conceito elitista até então presente no futebol. Esse fato foi um marco na massificação e popularização do futebol no país (CARRAVETA, 2006).

Essa massificação não foi suficiente para atenuar as desavenças entre as classes sociais praticantes do futebol, mas o futebol seguia sendo prestigiado no país, o que culminou com a sua primeira grande mudança organizacional radical, ocorrida em 1933, através do então presidente Getúlio Vargas, que instituiu a criação da profissão de jogador de futebol e tornou obrigatória sua sindicalização (CARRAVETA, 2006).

Resultados adversos por parte da seleção brasileira nos primeiros campeonatos mundiais disputados, principalmente por divergências na convocação, que privilegiava jogadores amadores em detrimento dos melhores jogadores que se tornaram profissionais, não abalaram o prestígio do futebol brasileiro que foi se transformando na principal bandeira da cultura popular, mexendo com o imaginário das pessoas e conquistando espaço no cenário esportivo nacional (CARRAVETA, 2006).

A esse respeito, Brandão (2009), afirma que os mais diversos sentimentos e paixões vêm à tona nos indivíduos que de alguma forma estão envolvidos com o universo do futebol, passando pelos mais negativos até o êxtase, em uma única partida disputada.

Esses sentimentos, presentes tanto em adultos como em crianças e adolescentes quando o assunto é futebol, aliados ao grande apelo popular desse esporte no país, propiciaram uma avassaladora inserção dos mais jovens em sua prática cotidiana, primeiro pelo fator cultural, e mais tardiamente, pela promessa de sucesso e ascensão social

vislumbrada principalmente pelo glamour passado pela mídia em torno da vida dos jogadores de futebol.

De acordo com Paim e Strey (2004), a mídia em especial foi o fator fundamental para que o futebol se tornasse um fenômeno de massa, ultrapassando as barreiras da arquibancada para chegar às imensas multidões, em especial no Brasil, onde esse esporte é aclamado por um público de diversas condições sociais e de idades diferentes.

Aliada à mídia, também a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), entidade criada para regular o futebol mundial e que movimentava cifras exorbitantes de capital, é um importante fator na colaboração da proliferação e difusão do futebol ao redor do mundo. No Brasil, o representante oficial da FIFA é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), constituída por 24 federações nacionais. A CBF é responsável pela organização de campeonatos, agindo diretamente em consonância com os clubes (CARRAVETA, 2006).

Atualmente, diversos escândalos de corrupção vêm à tona sobre essas duas instituições do futebol, tanto a CBF quanto a FIFA, com reflexos negativos sobre o esporte, respectivamente no Brasil e no mundo, já que ambas detêm supremacia em seu controle dentro dos âmbitos de suas atuações (DE MEIRELLES; WHATELY MARTINS, 2015).

Todos esses aspectos e magnitudes ao redor do esporte futebol, responsáveis por um nível elevadíssimo de aceitação pública, vão inevitavelmente corroborando para a sedução de crianças e adolescentes que buscam um dia realizarem o sonho de tornarem-se jogadores de futebol, levando-as a procurar um clube para que esse sonho possa enfim ser realizado.

Devido à grande procura, as pessoas que gerenciam o futebol viram-se obrigadas a criarem “condições” de acolherem essas crianças e adolescentes nos seus respectivos clubes, criando mecanismos de seleção, detecção de talentos e algumas raras vezes fornecendo alojamentos para que os que consigam ultrapassar essas barreiras possam ficar instalados fazendo parte do seu “patrimônio” (KUNZ, 2003).

Em nosso país, essa busca por novos talentos para as categorias de base é constante, mas sofreu alterações em seu processo ao longo dos anos. Acerca desse processo, Kunz (2003), verificou em seus estudos que a formação de jogadores nos clubes brasileiros teve um grande marco por volta de 1960, quando os clubes começaram a instituir em suas dependências, escolas de formação de atletas, em resposta à crise em nosso futebol instalada à época da Copa do Mundo de 1966.

Nessa época, o surgimento desses talentos era quase espontâneo, pois o futebol era praticado em qualquer lugar como ruas, quintais, praças, campinhos de várzea nos bairros, dentre outros. Indicações de pais, professores de Educação Física e treinadores, com alguma

dose de bom senso, facilitavam esse processo, e a grande quantidade de praticantes que se sobressaíam nessa prática nos locais mais comuns e até mesmo em locais inusitados era determinante na facilitação das escolhas e direcionamento destes para as escolas de formação dos clubes (KUNS, 2003).

Hoje, esse processo necessita de um cuidado cada vez mais consciente e profissional, pois ganha relevância na ótica dos dirigentes de clubes futebolísticos devido principalmente ao elevado preço dos passes de jogadores profissionais consagrados, associado ao aumento da disputa entre os clubes pela busca dos melhores jogadores das mais variadas idades disponíveis no “mercado”.

Consequentemente, em meio a todos os esportes coletivos, talvez o futebol seja o que inicia seu processo formativo mais precocemente em relação à idade dos ingressantes nesses locais de formação, mas em contrapartida, as pesquisas científicas em torno dos efeitos das atividades físicas aplicadas às crianças e adolescentes nessa modalidade carecem de aperfeiçoamento (FRISELLI; MONTOVANI, 1999).

Ainda em relação às pesquisas científicas e suas contribuições ao futebol, Carraveta (2006), enfatiza a sua necessidade afirmando que para os mais jovens deve-se elaborar e proporcionar um método de treinamento e competição que possa atingir o rendimento integral de todos os seus fundamentos, sempre buscando um comportamento competitivo através de movimentos renovados aliados a resolução de problemas psicológicos como o estresse, surgidos nas diferentes etapas do jogo.

Também estudando esse assunto, Melo (1999), concluiu que a pesquisa científica contribui para o desenvolvimento de novas posturas táticas e técnicas das equipes de futebol, além de auxiliar na interdisciplinaridade no trato com os atletas, apresentando dados que confirmam que um bom jogador não nasce pronto como muitos acreditam, e que o “dom natural” de um jogador de futebol necessita ser trabalhado e direcionado de forma correta.

O estudo de Melo (1999) salienta que o jogador brasileiro de futebol, no que se refere às suas técnicas e habilidades, carece de aperfeiçoamento desde o início da carreira para que os jogadores possam se adaptar às novas exigências e dinâmicas do futebol, tornando fundamental que a operacionalização das escolas de formação de atletas seja preenchida por profissionais de Educação Física em seus quadros de trabalho.

Toda essa atenção em relação às categorias de base ocasionou outra grande mudança em relação ao seu funcionamento e direcionamento, dessa vez instituída pela esfera política, afetando de maneira substancial os atletas das categorias de base, modificando vínculos com

os clubes que detêm seus direitos esportivos: a criação da popularmente conhecida e apelidada de “lei Pelé” em 1998 (BRASIL, 1998).

Esta lei fez com que alguns clubes, em detrimento da grande maioria dos clubes brasileiros, se transformassem em empresas que movimentam somas astronômicas de dinheiro, fazendo com que seus jogadores da base se transformassem em verdadeiras mercadorias, gerando lucros exorbitantes aos clubes e principalmente aos empresários envolvidos em negociações altamente lucrativas na venda dos passes desses atletas para equipes principalmente localizadas em continentes com maior poderio econômico.

Essas mudanças ao longo do tempo, muitas vezes realizadas em meio a um processo conturbado de aceitação e entendimento, não abalaram a paixão do brasileiro pelo futebol e o sonho de ser jogador de futebol permanece vivo na mente de crianças e adolescentes, impulsionando-as a buscar um clube onde possam talvez atingir o sucesso.

#### **2.1.4 A importância da prática esportiva na infância e na adolescência e sua relação com o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais em atletas de categorias sub-15**

A infância e a adolescência representam dois períodos na vida dos seres humanos caracterizados por inúmeras descobertas a respeito de si próprias e também do mundo. Uma série de alterações psicológicas, afetivas, físicas e sociais vai se sucedendo nestes períodos e a atividade física constitui-se como sendo um dos aspectos desencadeadores nesse processo (VIEIRA; PRIORE; FISBERG, 2002).

A atividade física possui em seu significado, diversas definições diferentes em estudos presentes na literatura. Ramos (1999), a define como qualquer movimento corporal ocasionado por contração muscular, com dispêndio energético superior ao do repouso, permitindo o aumento da força física, maior resistência e flexibilidade do corpo, propiciando mudanças na composição corporal e na *performance* esportiva.

Estudos como o de Vieira, Priore e Fisberg (2002), apontam vários benefícios para a prática de atividades físicas e esportes na adolescência, principalmente no que se refere aos efeitos exercidos nos aspectos biopsicossociais.

Particularmente em relação às alterações físicas, uma das principais mudanças refere-se à alteração da composição corporal, que possui relação direta com o nível, a intensidade e a frequência das atividades físicas realizadas até então, paralelamente a uma boa nutrição (CAROL; DWYER, 1991).

Para Barros (1993a), a atividade física auxilia no aprimoramento e no desenvolvimento do adolescente de maneira integral, podendo aperfeiçoar seu potencial físico e adequá-lo ao melhor aproveitamento de suas habilidades.

Carol e Dwyer (1991), também reconhecem a atividade física como sendo um elemento de grande importância no crescimento e desenvolvimento no período da adolescência, bem como um fator para diminuição dos riscos de futuras doenças.

Especificamente para o adolescente, Barbosa (1991) enumera as seguintes vantagens da atividade física e do esporte: servem como contra ponto para evitar os vícios, estimulam a socialização, reforçam a autoestima, ocasionam maior empenho na busca de objetivos, possibilitam menor predisposição às moléstias, além de auxiliarem no equilíbrio da ingestão e do gasto de calorias.

Outros estudos como o de Tucker e Friedmam (1989), destacam que a inatividade seria o fator mais importante no desencadeamento da obesidade. Fato também confirmado por outros estudos que concluíram que o nível de atividade física realizado por indivíduos jovens relaciona-se diretamente a ocorrência de sobrepeso e obesidade (AL ISA AN, 1999; MARTINÉZ et al., 1999).

Já em relação à adesão a um melhor estilo de vida, Valois et al. (1995) chegaram à conclusão em um estudo envolvendo 4.800 adolescentes, de que níveis elevados de atividade física eram inversamente proporcionais ao menor uso de maconha e cigarro, exercendo fator positivo nos aspectos psicossociais nessa faixa etária.

Brownell (1995) afirma também que, além dos benefícios fisiológicos, a atividade física proporciona efeitos psicológicos positivos como redução do estresse, melhora do humor, aumento da autoestima em consequência à melhora da autoeficiência e o desenvolvimento de esquemas cognitivos que favorecem o raciocínio otimista.

De acordo com French et al. (1994), a prática de atividades físicas por jovens fez com que eles apresentassem fatores psicológicos positivos em seus estudos, pois representaram um fator de proteção contra o desenvolvimento de transtornos alimentares, como bulimia e anorexia, devido ao fato de aumentar a autoestima e o apoio social em detrimento da diminuição da sensação de estresse e da depressão, aliado ao fato que essa prática relacionou-se diretamente a um padrão e preferências alimentares mais adequados.

Barros (1993a) também reforça o benefício de caráter psicossocial proporcionado aos adolescentes através do esporte, já que todos eles precisam atingir os próximos quatro elementos fundamentais para uma boa atuação nos esportes praticados: carga agressiva equilibrada, personalidade ajustada, estabilidade emotiva e resistência às frustrações.

Por se tratar o futebol do esporte mais praticado no Brasil, segundo os estudos de Basei e Vieira (2007) atingindo 41% de adesão em relação ao universo de todos os esportes praticados, necessita de uma atenção adequada e de um direcionamento e planejamento das ações de forma correta por aqueles que são responsáveis por transmitir os conhecimentos pertinentes a essa modalidade, seja em qual for à esfera (escolar, clubes esportivos, escolinhas de futebol) e o objetivo dessa prática (educativa, recreativa, rendimento).

Caso contrário, se procedimentos adequados não forem utilizados nas mais diversas ações envolvendo o trabalho com o futebol, diversos problemas poderão ocorrer com os adolescentes.

Portanto, desde o início do processo, para cada faixa etária e para diferentes organismos que se encontram na fase de crescimento e desenvolvimento, é importante a realização de atividades físicas de forma metodologicamente e sistematicamente organizadas (PRIORE, 1998).

Tourinho e Tourinho (1998) ressaltaram que se deve levar em conta a diferenciação entre idade cronológica e biológica no planejamento de atividades físicas para adolescentes. Para tal, é preciso saber avaliar os estágios de maturação sexual. Essa classificação pela idade biológica possibilita que o trabalho considere as adaptações morfológicas e funcionais de um programa de treinamento, bem como as modificações decorrentes do processo de maturação intensificado durante a puberdade, além de evitar que adolescentes com mesmas idades cronológicas, mas diferentes graus de puberdade participem de uma mesma partida esportiva, gerando um sentimento de frustração pela derrota e influenciando todo o relacionamento com o restante do grupo.

De acordo com Damásio e Serpa (2000) a preparação esportiva de crianças e jovens através de metodologias desajustadas às características do processo de crescimento e maturação, vem sendo apontadas como razões determinantes para o maior abandono e menor adesão de praticantes entre os 14 e os 18 anos nos esportes. Por esse motivo, é importante que as crianças e os jovens que se encontram em fase de crescimento, sempre marcada por numerosas alterações no desenvolvimento físico, psíquico e social, obtenham durante a sua formação esportiva o máximo de experiências motoras que lhes garantam um repertório motor rico, um bom desenvolvimento das suas capacidades físicas e psicossociais, para que possam no futuro, caso queiram, ter êxito no esporte de rendimento.

Barbosa (1991) considera que o esporte em nível de competição pode contribuir de maneira positiva na vida dos adolescentes, desde que não impeça o desenvolvimento de outras potencialidades no campo da música, da cultura, da comunicação social e das artes. Se for

encarado como única atividade do adolescente pode ser maléfico devido ao esforço físico exagerado, provocando ansiedade por resultados, podendo gerar um desequilíbrio com relação às satisfações emocionais e físicas.

Outros autores também levantaram problemas resultantes de deficiências encontradas em treinamentos e em outras situações concomitantes ao esporte que podem prejudicar e muito a vida de adolescentes atletas.

Jobin et al. (1993), estudaram adolescentes praticantes de esportes em alto nível e constataram que esse grupo está sujeito a deficiências e que estas são geralmente de cunho alimentar.

Problema confirmado nos estudos de Poskitt, (1988) e Wardley et al. (1997), que constataram o desequilíbrio nutricional em programas de treinamentos excessivos que não foram acompanhados de um aumento compatível dos nutrientes ingeridos.

Essa desnutrição é ocasionada principalmente devido aos diferentes horários de treinos, fazendo os adolescentes adotarem dietas inadequadas, omitindo refeições ou substituindo-as apenas pela reposição líquida, que supre apenas parte das calorias e eletrólitos desperdiçados (POSKITT, 1988; WARDLEY et al. 1997).

Eisenstein (1995) enfatiza que mais de dez horas semanais de treinos para adolescentes sem uma correta reposição nutricional pode ocasionar sérios riscos aos seus organismos.

Além de desnutrição, treinos muito rigorosos podem levar os adolescentes à desidratação, devido ao aumento da temperatura do corpo e de problemas ósseos e da musculatura esquelética já sobrecarregada pelo excesso nos treinamentos (MEREDITH, 1996).

Contusões variadas e distúrbios de conduta como agressividade, decorrentes do esforço físico em demasia também são problemas ocasionados quando não há acompanhamento e planejamento adequados nos treinamentos e são comprovados em estudos científicos realizados como o de Barbosa (1991).

Outro fator importante a ser considerado é a prática da musculação por parte de atletas adolescentes em academias de clubes esportivos muitas vezes sem acompanhamento e sem um estudo prévio e adequado que vise de antemão verificar a possibilidade ou não de realização dessa prática.

De acordo com Barros (1993b), como a musculação tem o objetivo de aumentar as células musculares, ela deve ser praticada apenas após a avaliação do estágio puberal do

adolescente, para evitar a diminuição do crescimento ósseo em decorrência da vigorosa força utilizada no sentido do crescimento lateral.

Por fim, não podemos deixar de ressaltar que a prática de atividade intensa na adolescência pode provocar a morte súbita quando os adolescentes são portadores de patologias como hipertensão arterial e cardiopatia congênita, ou quando adolescentes saudáveis são expostos a contusões fatais ou até sofrem choques térmicos causados por excesso de esforços (BARBOSA, 1991).

### **2.1.5 Problemas detectados na formação de atletas no futebol brasileiro**

A formação de atletas de futebol no Brasil tem sido alvo de alguns estudos que procuram esclarecer problemas variados que envolvem esse processo. Problemas na condução do treinamento nas categorias de base invariavelmente aparecem como uma das principais barreiras na formação adequada de futuros atletas de futebol.

Sobre a melhor adequação desse treinamento, Weineck (1999), aponta que o mesmo deve conter um objetivo prévio a ser atingido, e as metodologias a serem utilizadas nesse treinamento deve levar em conta a obtenção desse objetivo final, sempre considerando no planejamento desse treinamento, os inúmeros fatores que se alteram durante a sua execução, sejam eles pedagógicos, biológicos, psicológicos e sociais.

Quando esse treinamento é voltado ao rendimento, não se leva em conta todos esses fatores e também o fato da busca de uma rápida ascensão social almejada pelos integrantes das categorias de base (algo que raramente se concretiza), priorizando-se apenas fatores biológicos, desconsiderando-se a formação integral do ser humano (WEINECK, 1999).

Esses adolescentes, ao se depararem com o fracasso e a frustração de verem o seu sonho não ser realizado, podem se tornar reféns de uma sociedade que cobrará o desenvolvimento de outras capacidades para a realização de outras funções sociais, e é nesta hora que a ausência do desenvolvimento dessas outras capacidades nas categorias de base farão falta.

Rosa (2009) destaca que um dos principais motivos para que isso ocorra é o fato do próprio adolescente enxergar o futebol como o único caminho possível ao sucesso, deixando de lado a constatação que apenas uma minoria chegará ao fim desse caminho com esse objetivo concretizado.

O abandono da escola, a separação da família, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições, aliados a incerteza quanto à continuidade da carreira, na qual a

maioria esmagadora sucumbe, também são fatores negativos nesse árduo caminho (MARQUES; SAMULSKI, 2009).

Essa falta de orientação adequada nas categorias de base é responsável pelo futuro incerto desses jovens após a desilusão com o futebol levando-os a trabalhar em subempregos, quando o pior não acontece, como o envolvimento com drogas e a criminalidade, que os deixam à margem da sociedade, pois enquanto pertencentes aos clubes eram vistos apenas como uma mercadoria para gerar lucros, sendo descartados quando deixam de servir os clubes aos quais pertenciam (ROSA, 2009).

As equipes profissionais existentes no Brasil não oferecem condições de realização do sonho da maioria desses adolescentes, e o caminho a ser percorrido vai se afunilando em vários momentos: na seleção, na permanência nos treinamentos em suas categorias de base e principalmente na ascensão até a equipe profissional.

Os clubes e suas respectivas categorias de base, muitas vezes preocupados apenas em revelar atletas de excelência visando somente o lucro, também não impedem e até mesmo incentivam o atleta a abdicar de sua educação escolar, criando o estigma de que a educação é desnecessária em face da atividade de jogador de futebol.

Sobre essa questão, Loureiro (2007) faz questão de salientar sua importância no cotidiano dos jogadores, já que os mesmos não são máquinas de jogar futebol e que, portanto, não podem ser cobrados como tal pelas torcidas dos clubes, pois os torcedores que os consideram máquinas durante as partidas são os mesmos que os cobram como seres humanos intelectualmente desenvolvidos quando falam alguma “bobagem” em entrevistas televisivas e os mesmos que os criticam quando “jogam fortunas pela janela” por não saberem administrarem os bens adquiridos.

Por outro lado, os jogadores também se acomodam ao não fazerem questão de exercer seu direito à educação, considerando sua frequência à escola como obrigação e cobrança e não como oportunidade de inclusão social, tornando essa inclusão um grande desafio que deve ir além de interesses particulares de empresários e até mesmo dos próprios jogadores (LOUREIRO, 2007).

Já Carraveta (2006), acrescenta que a interrupção da frequência escolar acarreta diversas restrições na vida do jogador de futebol, desde limitações na vida em sociedade no que diz respeito à cidadania, experiências, amizades, convivência com outras lideranças fora do contexto futebolístico e senso de lógica, como também provoca limitações que irão afetar diretamente o seu desempenho na própria prática do futebol como reduções nas

representações mentais, no desenvolvimento da capacidade de análise e compreensão das informações, além de déficit nos mecanismos de comunicação.

Amaral et al. (2007) ressaltam que a ausência da educação escolar fará falta até mesmo após o término da carreira daqueles poucos que conseguem tornarem-se profissionais, pois nesse momento de reintegração a sociedade outros conhecimentos adquiridos fora do universo do futebol seriam essenciais para uma transição e inclusão muito mais tranquila.

A esse respeito, Filgueira e Greco (2008), afirmam que o afastamento da escola básica prejudica a compreensão da grande alternância e complexidade das situações no jogo, afetando consideravelmente a compreensão e a percepção dos elementos presentes.

Outro autor que também realizou um estudo nessa linha foi Melo (2010), ressaltando que a escola jamais deva ser abandonada por esses jovens, e que ela deve servir para abrir as portas de outros caminhos mais sólidos caso o do futebol venha a tornar-se uma desilusão.

Vale lembrar que alguns clubes, como o São Paulo Futebol Clube, possuem em suas dependências escolas apropriadas para atender exclusivamente esses jovens, mas são exceções se considerarmos o cenário nacional como um todo.

Devemos destacar também a obrigatoriedade contida na Constituição Brasileira em relação à frequência e permanência na escola de crianças e adolescentes na educação básica, compreendida entre os quatro e os dezessete anos de idade (BRASIL, 1988).

Melo (2010) também critica o alto tempo despendido nos treinamentos por esses jovens, fazendo com que a escola dispute palmo a palmo com os clubes, o tempo de dedicação que esses jovens irão dispor para o seu acompanhamento e rendimento satisfatório na realização de suas atividades.

Para exemplificar, Melo (2010, p. 21), afirma que:

(...) o atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar), se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana, o que permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol.

Todo esse tempo, segundo Soares et al. (2011), não servirá de base na preparação dos aspectos necessários na realização de outras atividades pertencentes a outras profissões dentro do mercado de trabalho na sociedade, pois o capital corporal adquirido é muito específico ao universo do futebol, confirmando o fato da ausência da formação integral do indivíduo nas categorias de base.

Rodrigues (2003) também realizou um estudo sobre o tempo despendido por atletas nas categorias de base, e destacou a importância dada às concentrações de atletas pelos clubes, fazendo com que eles fiquem metade de seu tempo em concentrações, sendo controlados de corpo e alma, para que se dediquem apenas ao futebol, renunciando à vida pessoal e submetendo-se a treinamentos excessivos, que têm como objetivo afastá-los do mundo extra-futebol, legitimando o futebol com um fim em si mesmo.

O autor critica o glamour existente em torno do futebol, onde apenas momentos agradáveis da vida desses atletas são mostrados, e os sacrifícios dessa função (muitas vezes em um momento de despreparo intelectual dos atletas para absorvê-los) são deixados de lado, criando a ilusão no imaginário coletivo que a vida de jogador de futebol é fácil e atraente (RODRIGUES, 2003).

Outro fato que demonstra a dificuldade encontrada por jogadores em sua formação, ocasionado pela grande dedicação de seu tempo disponibilizado para esse intuito, é a mudança drástica do seu círculo social e a conseqüente mudança do seu círculo de amizades.

Marques e Samulski (2009) configuram em seus estudos grandes alterações no círculo de amizades dos jogadores de futebol, pois os amigos do bairro, da infância e da escola, referências em sua vida, não dando espaço aos amigos adquiridos no universo esportivo pelo contato diário e contínuo nos treinamentos e em outras atividades de realização conjunta como as concentrações, portanto, essas amizades são “forçadas” pela convivência e não pela afinidade e tem como agravante o fato de o mesmo amigo que aconselha poder tornar-se o mesmo que toma o lugar no time.

Para Marques e Samulski (2009), mais da metade desses atletas queixam-se de restrições em sua vida social em decorrência do futebol como o contato com a família, com a namorada e com os amigos, além de sentirem falta de realizarem outras atividades que não sejam relacionadas ao futebol, o que mais uma vez comprova que o trabalho nas categorias de base é centralizado apenas em fatores de desenvolvimento cognitivo e motor visando à prática do futebol como fim principal.

Percebendo esse grave problema, Santos (2011), concluiu que o desenvolvimento da cognição é fundamental para o atleta, e que esses jovens atletas e também os que o cercam deveriam mudar drasticamente a visão da importância dada à educação, visto que ela ampliará a visão de mundo e os beneficiará na prática do futebol.

Quanto aos clubes, local que os garotos possuem algum tipo de vínculo, nenhuma responsabilidade é atribuída nessa questão e, sua única preocupação (pelo menos para a

maioria deles), é o lucro nas negociações desses jovens atletas que não lhes custaram praticamente nada e lhes trarão lucros consideráveis quando vendidos (SANTOS, 2011).

Santos (2011) sugere que o país siga bons exemplos na administração de clubes como os da França, onde a formação de jogadores ultrapassa os gramados, pois se utiliza de ações integradas com a escola e outras ações sociais, demonstrando uma preocupação social e a possibilidade de dar continuidade a vida desses jogadores caso não vinguem como atletas profissionais.

Infelizmente, aqui em nosso país, o foco das instituições futebolísticas está apenas no jogar futebol com o intuito de se obter lucro, e direitos garantidos dos atletas como cidadãos vão sendo deixados de lado e esquecidos. A escola deveria ser a prioridade, pois essa instituição é imprescindível para o crescimento pessoal e desenvolvimento dos jovens atletas (BALZANO; MORAIS, 2012).

Sugestões não faltam por parte de autores para melhorar essa relação entre clubes e escolas como a realizada no estudo de Balzano e Morais (2012), que consideram imprescindível a criação de um canal de comunicação mais efetivo entre esses dois locais de formação, para que ambos caminhem juntos e percebam as carências dos jovens atletas, acompanhando e avaliando a evolução e o resultado dos mesmos nos dois âmbitos, trabalhando juntas para solucionar as necessidades detectadas, construindo ações e políticas positivas envolvendo não só clube e escola, mas também a família, a imprensa e o estado que devem contribuir na atenção das demandas desse grupo diferenciado (jovens jogadores de futebol), mudando não apenas os serviços prestados e a forma de atenção dada, mas trabalhando em outra perspectiva que proporcione diversidade cultural e social a eles.

Balzano e Morais (2012) também levantam outro grave problema nas categorias de base que ultrapassa as quatro linhas e que não deveria ser ignorado em hipótese alguma por clubes e seus treinadores: o preconceito racial e social, respectivamente atingindo atletas negros e os oriundos de classes sociais menos favorecidas.

Para Giulianotti (2002, p. 205), os casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas para formar as equipes e ironicamente também ocorrem na escola, instituição que como já foi apresentado, é imprescindível na formação dos atletas e deveria proporcionar apenas aspectos positivos nesse processo. Conforme o autor:

Para atletas não brancos, a experiência do racismo começa na escola. Os professores esperam um nível acadêmico relativamente limitado dos alunos negros, tacitamente conscientes de que suas oportunidades de trabalho são pequenas. O currículo é modificado para maximizar sua habilidade esportiva

natural. Uma vez estabelecidos dentro do futebol, os jovens jogadores negros têm menos chances de compartilhar das brincadeiras e da camaradagem dos colegas de equipe brancos. Estereótipos raciais sobre as habilidades atléticas e a baixa inteligência dos negros continuam durante a seleção do time.

Racismo que também é apontado no estudo do sociólogo Vieira (2001) sobre o viés da questão financeira, onde de 327 jogadores de 17 clubes do Rio de Janeiro analisados, foi apontado que, enquanto 26,6% dos atletas brancos recebem apenas um salário-mínimo, entre os negros essa proporção é aumentada para 48,1%, ou seja, praticamente o dobro. Já no topo da pirâmide salarial estavam os brancos, com 24,8% de atletas com uma renda superior a 20 salários-mínimos enquanto somente 17,1% dos negros atingiram esse patamar salarial.

O estudo também demonstrou a questão do atraso salarial que afeta mais os atletas negros em detrimento dos brancos, além do menor recebimento de convites para participarem de eventos ao lado dos dirigentes dos clubes, popularmente conhecidos como “cartolas”, demonstrando um grande desprezo para com eles (VIEIRA, 2001).

O sonho de ser Rivaldo, Ronaldinho, Ronaldo, Romário, Neymar entre outros, perpassa no imaginário e no discurso dos jovens iniciantes no futebol, independentemente de sua classe social de origem, mas quando deparam com situações adversas como o racismo, percebem que esse sonho pode se tornar um grande pesadelo em suas vidas, pois além da dificuldade que esses jovens vivenciam para atingir o objetivo de ser um futuro profissional no futebol, ainda precisam ultrapassar a barreira do racismo para manter-se neste segmento (VIEIRA, 2001).

Quando o assunto é investimento, um levantamento publicado recentemente pelo Banco Itaú concluiu que se gasta pouco e mal nas categorias de base dos clubes brasileiros. Os principais times do país destinaram um total de R\$ 457 milhões para a formação de novos atletas entre os anos de 2010 e 2014 com destaque para a temporada de 2013, quando foram investidos R\$ 123 milhões na área pelos clubes. Em seu relatório sobre a área, a instituição financeira Itaú BBA, aponta que há poucos clubes que realmente levam a sério este assunto no futebol brasileiro e complementa que 40% de todo o investimento nos últimos cinco anos foi realizado por apenas quatro clubes: São Paulo, Corinthians, Santos e Cruzeiro. No ano de 2014, o time do Parque São Jorge foi o líder em investimentos, com R\$ 27 milhões, seguido do São Paulo, que destinou R\$ 26 milhões para a formação de jogadores. Nos últimos cinco anos, entretanto, o clube do Morumbi lidera correspondendo a 25% dos R\$ 457 milhões investidos nas categorias de base pelos clubes. E mesmo entre os times que mais investem nas categorias de base, a avaliação do banco é que pouco se revelou no período e cita que o meia

Oscar (Chelsea) e os atacantes Lucas (PSG) e Neymar (Barcelona) foram exceções em relação a jogadores com nível técnico acima da média, formados pelos clubes que lideram em investimento na base. Por meio desse levantamento do Itaú BBA, também é possível verificar que a formação de atletas está longe de ser prioridade dentro dos investimentos dos clubes. Na comparação com outras áreas, a participação da categoria de base é a menor em relação a investimentos em estrutura e, principalmente, em elenco. Em 2014, por exemplo, os clubes investiram R\$ 99 milhões para formar atletas, quantia que representou 15,9% do total de R\$ 621 milhões destinados para essas três áreas. Investimento em estrutura representou 38,2% (R\$ 237 milhões), enquanto que a contratação de jogadores para o elenco ficou com a maior participação, de 45,9% (R\$ 285 milhões). Nem a queda da fatia destinada para a contratação de atletas aumentou a importância das categorias de base no total investido, já que o percentual se manteve na casa dos 15% nos últimos cinco anos<sup>3</sup>.

Se tomarmos como exemplo a equipe do Barcelona da Espanha, veremos que lá o investimento fica em torno de vinte e seis por cento das receitas do clube nas categorias de base, ou seja, praticamente o dobro, o que faz com que esse investimento ultrapasse as fronteiras espanholas e se difunda ao redor do mundo (SORIANO, 2010). Além disso, o Barcelona, nos últimos anos, trabalhou para desenvolver vínculos contratuais estáveis com os garotos e as famílias, para assegurar aos pequenos uma educação básica e ajudar os pais neste aspecto. A iniciativa mais original foi o estabelecimento de um clube na Argentina para que os talentos descobertos ali não tivessem de vir imediatamente para a Europa e pudessem se desenvolver perto de suas famílias e de seu ambiente nativo, mas gozando da atenção e do método que o Barcelona dedica aos jovens talentos (SORIANO, 2010).

Essas contradições refletem a ineficácia dos clubes brasileiros, onde o modelo de gestão em grande parte deles ainda é muito amador, se encontrando defasado em relação à maioria dos clubes do resto do mundo (REBELO; TORRES, 2001).

O país, que é referência em qualidade de jogadores, passa longe de ser modelo quanto aos quesitos organização, responsabilidade, respeito aos torcedores (seus principais clientes), gerenciamento e tantos outros aspectos que estão ligados ao modelo da gestão esportiva que essas organizações devem possuir. Esse amadorismo se reflete principalmente na formação de jovens atletas, onde os clubes demonstram tamanha incompetência e falta de

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/lance/clubes-brasileiros-investem-pouco-e-mal-nas-categorias-de-base-aponta-estudo,f28fc6599bbaf45d3d4173955b86d3caso1wRCRD.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

habilidade gerencial para poder usufruir de todo o potencial humano disponível existente em território verde e amarelo.

Para Leoncini e Silva (2005) os clubes não enxergam a importância que as categorias de base possuem em relação à formação de equipes competitivas e qualificadas em longo prazo e também não aproveitam a perspectiva de exploração da identificação destes jogadores com a instituição formadora, gerando maior identidade perante aos torcedores, e possivelmente, maiores lucros. Mesmo aqueles clubes que possuem excelente infraestrutura física, com belos centros de treinamentos, ainda não investem em um modelo de gestão integrado e com profissionais capacitados, capazes de extrair toda a potencialidade que as categorias de base podem gerar em prol da própria instituição.

No estudo de Lobato, Dias e Teixeira (2012) realizados no Cruzeiro Esporte Clube, clube de maior torcida em Minas Gerais e uma das instituições com melhor infraestrutura física de trabalho em todo Brasil, constatou-se que seu modelo de gestão não privilegia a utilização de jogadores oriundos das categorias de base no elenco principal. Esta é uma situação decorrente de uma gestão não focada na qualidade e da não integração entre os setores das categorias de base e do profissional ao longo do tempo, acarretando uma falta de padronização e qualidade nos processos de formação dos jovens atletas. Com isso, o clube não consegue utilizar o grande potencial dos jovens jogadores que desenvolve e não aproveita os retornos que esses seus atletas podem proporcionar, necessitando por isso mesmo de grandes investimentos para atender às expectativas e anseios dos seus principais clientes, os torcedores.

Desta forma, perdem-se oportunidades de gerar maiores receitas e obter maior retorno do capital investido nesses jovens atletas. Assim, os clubes de futebol no Brasil, em sua grande maioria, cuja representatividade no contexto cultural todos reconhecem, passam por circunstâncias que são esdrúxulas quando nos aprofundamos em sua observação. Mediante as receitas de milhões, provenientes das mais diversas fontes, estas instituições não conseguem atender ao princípio elementar de qualquer ramo de negócio: as receitas não podem ser menores que as despesas, ou numa linguagem popular, se você gastar mais do que você arrecada, você não se mantém. Esses clubes só não entram em falência por benesses da legislação vigente, e que geram circunstâncias que tornam esse meio ainda mais nebuloso. Portanto, entre o reconhecimento de uma instituição e o bem-estar que ela proporciona, existem lacunas que devem ser preenchidas, fazendo com que o futebol brasileiro se torne um setor de referência, e gere a satisfação esperada por todos os setores e segmentos envolvidos. Esse processo de mudança perpassa por uma nova gestão no futebol brasileiro, que foque na

integração dos processos, na formação de jogadores, culminando com equipes mais qualificadas e com um saldo positivo em suas finanças (REBELO; TORRES, 2001; SANTOS, 2002; LEONCINI; SILVA, 2005).

Mas apesar de todos esses problemas de gestão, também existem bons exemplos a serem seguidos como aponta o estudo de Verardi e Burgos (2013), realizado em cinco clubes de futebol do interior do Rio Grande do Sul, onde os autores concluíram que esses clubes almejam abastecer suas equipes profissionais com a formação desses atletas ou vendê-los futuramente, preocupando-se em dar oportunidade aos atletas da região em praticar futebol, amparados por uma equipe técnica capacitada contribuindo na formação de cidadãos.

Nesses clubes, fica clara a importância de uma boa gestão, pois todos os gestores participantes da pesquisa afirmaram ser essencial ter uma base bem estruturada, entendendo a missão primordial do esporte, aproveitando-se de seus benefícios, mas sem perder a sua essência, seus valores e seus princípios.

### **2.1.6 Percepção dos atletas de futebol em relação à formação adquirida através do Treinador e do universo que os cercam nos clubes esportivos**

Alguns estudos científicos na literatura brasileira e mundial como os de Franco (2000), Voser e Hernandez (2004), Becker Jr. (2000) e Peres e Lovisolo (2006), abordaram a percepção dos atletas de futebol em relação a sua própria formação nos clubes adquirida através de seus treinadores e destacaram as características mais comuns e relevantes que aparecem nesse contexto.

A parte mais importante em relação ao estilo do treinador no processo de formação apontada por grupos de jogadores de futebol de campo e do futsal analisados por Oliveira, Voser e Hernandez (2004) diz respeito à questão educacional voltada ao futebol, assim sendo, eles consideraram o ensino do funcionamento do esquema tático e o conhecimento do sentido das ações nos treinos diários como fundamental.

Esse mesmo estudo identificou como sendo da preferência dos atletas pesquisados um treinador com estilo de liderança democrática, em detrimento da liderança autocrática, onde prevaleçam aspectos de conduta educativa, de apoio social e de *feedback* positivo.

Para chegar a essa conclusão, os autores utilizaram-se do instrumento criado por Chelledurai e Saleh (1980) nomeado *LeadershipScale for Sports - LLS*, que identifica as diferentes condutas do treinador resumidas a seguir:

Conduta educativa: Conduta de treinadores que busca o aperfeiçoamento constante e a melhoria de execução das ações dos desportistas através da insistência em treinamentos exigentes e duros, onde os preceitos das técnicas e táticas do esporte sejam instruídos com o intuito de esclarecer as relações entre os integrantes da equipe, estruturando-as e combinando-as da maneira mais harmoniosa possível;

Conduta democrática: Conduta de treinadores que possibilita uma grande participação dos desportistas nos assuntos e decisões pertinentes ao alcance das metas do grupo, além de dar abertura a opiniões sobre as melhores práticas e estratégias de jogo a serem adotadas;

Conduta autocrática: Conduta de treinadores que inclui autonomia por parte do treinador nas tomadas de decisões fazendo questão de colocar sempre sua autoridade pessoal à frente das decisões finais dos assuntos relacionados a toda equipe;

Conduta de apoio social: Conduta de treinadores norteada pela preocupação irrestrita aos seus comandados, passando pela preocupação com o seu bem-estar, pela manutenção de um ambiente sempre positivo de trabalho para o grupo e pelas relações afetuosas com os seus participantes;

Conduta de *feedback* positivo: Conduta dos treinadores que implica no reconhecimento dos esforços de seus atletas e em proporcionar recompensas por uma boa atuação.

Outros autores como Becker Jr. (2000) também analisaram do ponto de vista dos atletas quais seriam as qualidades que estes mais valorizavam e achavam importantes em seus treinadores, chegando à conclusão que as qualidades de um bom professor foram às preferidas pelos atletas pesquisados. Para tanto, segundo os atletas, ele necessita ter conhecimento sobre o que vai ensinar e capacidade para realizar essa tarefa.

Apenas a aprendizagem adquirida no período que esses treinadores eram atletas não garantirá êxito na função de treinador, pois conhecimentos técnicos, táticos e psicológicos serão exigidos para uma boa execução dessa função.

Franco (2000) acrescenta que os atletas afirmam que o treinador deve ser o grande líder da equipe, para assim comandar de forma plena os jogadores durante os jogos e treinos. Além disso, o planejamento e a didática adotada por eles devem ser adaptadas à idade e às qualidades reveladas em seus atletas. O autor também aponta que as principais funções desse treinador seriam: dar preleção antes do jogo e comentá-los após o seu final; apresentar estudos sobre futuros adversários a serem enfrentados; comandar os variados tipos de treinos (táticos, dois toques, técnicos, recreativos e coletivos); supervisionar a disciplina de seus atletas dentro

e fora do campo de jogo; ter um bom relacionamento com o restante da comissão técnica; acompanhar mesmo que de forma discreta as ações de seus atletas fora do ambiente de trabalho para que ações negativas não os prejudiquem tanto em sua vida como na prática de seu trabalho.

Já em suas pesquisas, Cratty (1983) concluiu, segundo depoimentos de atletas, que o treinador ideal seria aquele indivíduo sociável, criativo, estável, inteligente, confiante, seguro e que assume riscos calculados durante os jogos, mantendo sempre o controle em situações adversas e tensas decorrentes do esporte.

Para adquirir esses preceitos e conquistar êxito, o treinador deve ter conhecimento das ciências do esporte, empatia, motivação, facilidade de comunicação e princípios de reforço positivo para com os atletas (MARTENS et al. 1995).

Assim, podemos constatar o quão importante é a liderança do treinador para com a sua equipe de trabalho, pois ela contribui decisivamente para que suas ações sejam efetivadas, influenciando diretamente nos resultados posteriores da equipe e na obtenção das metas planejadas.

O perfil de liderança responde pela forma como o método de trabalho será aplicado, portanto, mesmo que treinadores utilizem um mesmo método, a abstração por parte da equipe poderá modificar de acordo com o perfil de liderança adotado em sua transmissão.

Além do perfil de liderança, outros diversos estudos com atletas como os de Peres e Lovisollo (2006), Coté (1999), Durand-Bush e Salmela (2002), Gould, Dieffenbach e Moffett (2001), apontaram o papel fundamental da família, constatando que ela deve agir em consonância com os treinadores, sendo o agente social mais atuante nesse período de formação.

Destaca-se no estudo de Peres e Lovisollo (2006) a importância dos jovens atletas das categorias de base vivenciar as aulas de Educação Física escolar devido à possibilidade das aulas enriquecerem o seu repertório motor e a sua cultura corporal, apesar da precariedade que a escola enfrenta em relação às deficiências de instalações e a ausência de equipamentos, aliadas à baixa carga horária de prática dessa disciplina na escola. Nesta direção, o estudioso russo Platonov (2004) também ressalta que a etapa escolar é fundamental, pois apesar de ser um processo sem planejamento ou mecanismos de controle em suas diretrizes, desempenha através da vivência multiesportiva um fator social notadamente marcante na formação do atleta. Entretanto, observa-se que a maioria dos dirigentes dos clubes esportivos brasileiros não exige a permanência dos jovens atletas nas instituições escolares.

Após a etapa escolar, chega à vez dos clubes serem protagonistas na formação dos atletas e estes apontam sérios obstáculos nesse processo, como a falta de um sistema organizado para a descoberta de talentos por parte dos treinadores, deixando o surgimento de atletas praticamente ao acaso, ou seja, sem uma política ou programa de intervenção voltada a esse objetivo (PERES; LOVISOLO, 2006).

Outros obstáculos como dificuldades de estabelecimento em algum centro de treinamento pelo afastamento da família e irregularidades e mudanças na questão escolar também foram apontadas pelos atletas. Mas o que realmente chama muito a atenção nessa pesquisa e que vem ao encontro deste estudo, é o fato dos atletas apontarem como grandes carências nas categorias de base a falta de incentivo ao aperfeiçoamento de treinadores, as dificuldades na recuperação de lesões por falhas estruturais nos clubes, os precários suportes financeiros aos atletas e a falta de preparação em longo prazo, o que indica defasagem no treinamento esportivo (PERES; LOVISOLO, 2006).

Esse estudo deixa clara a reivindicação por parte dos atletas da necessidade de aperfeiçoamento técnico para toda a comissão técnica, que invariavelmente deve ser constituída por treinador e auxiliares, nutricionista, preparador físico, médico e fisioterapeuta. Essa qualificação será decisiva no aperfeiçoamento dos aspectos fundamentais da função de treinador de futebol (PERES; LOVISOLO, 2006).

Essa falta de aperfeiçoamento deve-se principalmente à falta de treinadores de excelência e à falta de um plano de carreira para os treinadores, o que torna precária essa função. Recentemente, em uma entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo<sup>4</sup>, um jogador de futebol à época pertencente a um grande clube paulista, Paulo Henrique Ganso, afirmou como sendo a má formação de atletas nas categorias de base por seus treinadores que erroneamente seguem muitas vezes a orientação dos clubes que exigem resultados em curto prazo nas competições disputadas, o motivo de já não haver tantos jogadores técnicos em atividade no futebol brasileiro. De acordo com Ganso:

Na base, é valorizado o jogador que corre como um maluco. Porque não é só no profissional que tem cobrança por resultados, na base também tem. Na Copa São Paulo, os times jogam defensivamente porque, se empatar, vai para os pênaltis. Então se forma time para defender e se valoriza o jogador que corre o campo todo. Não tem mais meias-armadores. São todos atacantes. São terceiros atacantes.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/09/1510596-na-base-e-valorizado-o-jogador-que-corre-como-um-maluco-diz-ganso.shtml>>. Acesso em: 21 out. 2015.

Por fim, o gerenciamento do esporte é indicado como mais um obstáculo que emperra o desenvolvimento das categorias de base por conta da falta de qualificação dos dirigentes esportivos, que em geral assumem essa função sem conhecimento técnico de gestão esportiva, ocasionando má condução de suas tarefas nas instituições em relação à administração dos recursos financeiros, ao abuso de poder de cargo e ao descumprimento de deveres, muitas vezes encobertos pelas próprias federações ou confederações esportivas que permitem em seus estatutos que os mesmos sejam reeleitos seguidas vezes, corroborando com os problemas citados anteriormente (PERES; LOVISOLO, 2006).

## **2.2 Caracterização do Treinador: regulamentação e competências**

### **2.2.1 Regulamentação Legal para Atuação como Treinador de Futebol no Brasil**

Apesar de todos os avanços obtidos nos últimos anos, a Educação Física não pode ainda ser considerada uma profissão prestigiada. A sociedade não tem clareza sobre os serviços prestados pelo profissional da área, que por vezes é considerado como aquele que se preocupa apenas com o corpo, seja por motivos estéticos ou de saúde, exigindo-se dele aptidão física, uma imagem estereotipada e habilidade para execução de movimentos como credenciais para uma intervenção profissional competente (FREIRE; REIS; VERENGUER, 2002). Para os autores, o próprio profissional não apresenta uma identidade própria, pois quando questionado sobre a importância da Educação Física para a sociedade, ou sobre os objetivos do serviço prestado, afirma que seu trabalho visa uma melhoria da saúde e da qualidade de vida das pessoas. Essas afirmações tão genéricas expõem a fragilidade e a falta de clareza dos profissionais sobre a especificidade da profissão, haja vista que se espera de muitas outras áreas a contribuição para que objetivos tão complexos possam ser atingidos.

Estes fatos fizeram com que os responsáveis pela Educação Física, profissionais, docentes universitários e pesquisadores desencadeassem ao longo das últimas décadas um intenso processo de mudança nas concepções da área. Tanto a preparação como a intervenção profissional têm sido alvos de críticas e reflexões (FREIRE; REIS; VERENGUER, 2002).

No Brasil, esse processo desencadeou-se com maior clareza e precisão paralelamente à abertura política e à possibilidade concreta de alteração das políticas implantadas no período da ditadura militar, quando cresce no país a importância da ciência e tecnologia e o paralelo desejo de status social, centrando as exigências na obtenção de conhecimentos teóricos. A construção de novas perspectivas políticas para a educação e para a intervenção social, gestadas no interior do movimento pela abertura política, é acrescida da importância atribuída ao saber científico, tornando-se este uma nova base para o reconhecimento social, econômico e político, uma vez que se tornou o “[...] elemento essencial para a aquisição de autoridade e inserção na hierarquia posicional vigente dentro do campo profissional” (VENUTO, 1999, p. 761).

Paralelamente a esse processo, a intervenção profissional em Educação Física é regulamentada pela lei 9.696/1998 (BRASIL, 1998), que estabelece como uma de suas premissas a exigência da formação/graduação em cursos superiores de Educação Física, cujo não atendimento dessa condição no exercício das atividades ocasionará sanções a pessoa que

estará se apropriando dessa intervenção sem os devidos requisitos exigidos.

Portanto, a Educação Física através dessa exigência legal e de outras particularidades que essa atividade já possui, enquadra-se nos aspectos levantados por estudiosos que determinam as características necessárias para que uma atividade se torne uma profissão consolidada e reconhecida pela sociedade. Sobre essa consolidação e reconhecimento da atividade profissional pela sociedade, alguns autores consultados que estudam a sociologia das profissões como Barros (1993a), Drigo (2009), Drigo e Cesana. (2011), Freidson (1996; 1998) e Venuto (1999) afirmam que o conhecimento científico é condição *sine-qua-non* para a existência da atividade profissional.

Segundo Barros (1993a), para a atividade ser considerada profissão, ela deve ser de natureza intelectual, prática, dinâmica, organizada, comunicativa e altruísta. Para Freidson (1996) toda profissão é uma ocupação, mas nem toda ocupação pode ser considerada uma profissão.

Para Drigo e Cesana (2011), a ocupação é uma atividade econômica que necessita de um caráter prático de conhecimento sem a exigência do domínio de conhecimentos específicos e especializados, enquanto a profissão caracteriza-se como uma ocupação de elite com formação especializada em nível superior, autônoma e com direito de mercado de trabalho.

Drigo (2009, p. 400) embasado no estudo de Freidson (1996), ressalta que:

A ciência passa a ocupar o lugar de gerenciadora e suporte técnico-instrumental do conhecimento profissional prestado à sociedade, sendo a profissão um tipo específico de trabalho especializado, com independência de controle e jurisdição sobre um corpo especializado de conhecimentos e qualificações em uma divisão do trabalho específica controlada pelas ocupações participantes.

Diferente do conceito científico, na linguagem cotidiana, o termo profissão tem sido empregado para designar toda e qualquer atividade remunerada que serve como meio de sustento. Sendo assim, o verdureiro, o sapateiro, a costureira, o professor, o advogado, o engenheiro, entre outros, são profissionais. Contudo, entendemos que a discussão acadêmico-científica precisa ir além desta compreensão característica do senso comum.

Atualmente, a lei que regulamenta as relações de trabalho do treinador de futebol no Brasil é a Lei n. 8.650/1993 (BRASIL, 1993). Um fato que chama a atenção dessa lei é que o escopo que contém de forma destacada a seguinte expressão: “Dispõe sobre as relações de trabalho do treinador profissional de futebol e dá outras providências”. Em seu artigo terceiro,

a lei estabelece que:

O exercício da profissão de treinador profissional de futebol ficará assegurado preferencialmente:

I - aos portadores de diploma expedido por Escolas de Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma da lei;

II - aos profissionais que, até a data do início da vigência desta lei, hajam, comprovadamente, exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses, como empregado ou autônomo, em clubes ou associações filiadas às Ligas ou Federações, em todo o território nacional (BRASIL, 1993).

Em ambos os casos a lei está considerando que o treinador de futebol é um profissional, mas não exige de maneira obrigatória que possua diploma em cursos de Educação Física.

Logo a seguir, no artigo quarto, a lei n. 8.650/1993 (BRASIL, 1993), dispõe sobre os direitos e deveres do treinador profissional de futebol, onde aparecem as competências a ele atribuídas e que são claramente abordadas e ensinadas em cursos superiores de Educação Física, como: o “direito a ampla e total liberdade na orientação técnica e tática da equipe de futebol” e o “dever de zelar pela disciplina dos atletas sob sua orientação, acatando e fazendo acatar as determinações dos órgãos técnicos do empregador”.

Competências éticas também aprendidas em cursos superiores de Educação Física são igualmente abordadas na lei, como o dever de "manter o sigilo profissional" (BRASIL, 1993).

Em contrapartida, observamos nesta regulamentação a total ausência de elementos que caracterizam uma profissão na perspectiva da literatura científica, como por exemplo: a obrigatoriedade de formação profissional de elite e especializada em curso de nível superior, conselho de classe responsável por estruturar a profissão e caracterizá-la como atividade autônoma e com direito de mercado de trabalho, além da falta de caráter dinâmico, organizado, comunicativo e altruísta. Estes elementos são necessários segundo diversos autores que estudaram a sociologia das profissões na concretização da valorização de uma atividade profissional perante a sociedade (DRIGO; CESANA, 2011).

Portanto, não podemos negar a relação conturbada entre a lei que regulamenta a atividade do treinador de futebol e a lei n. 9.696/1998 (BRASIL, 1998) que regulamenta a profissão de Educação Física. Diante desta divergência, há diversos processos despachados pelo Conselho Federal de Educação Física e seus respectivos Conselhos Regionais que amparam os profissionais de Educação Física, questionando a atuação de treinadores de

futebol sem a exigência da formação superior em cursos de Educação Física.

Todavia, a justiça vem negando sucessivamente pareceres favoráveis a esses Conselhos em toda a esfera nacional, utilizando como justificativa para a atuação de treinadores a expressão “preferencialmente” de portadores de diplomas, que aparece no artigo terceiro da lei, em detrimento da palavra “obrigatoriamente”, o que abre espaço para qualquer cidadão sem formação superior em Educação Física exercer essa profissão.

Outro fato que chama a atenção é a publicação do “decreto n. 7.984/2013 (BRASIL, 2013) que regulamenta a lei n. 9.615/1998 (BRASIL, 1998), e institui normas gerais sobre o desporto”. O Decreto em seu art. 49 estipula, dentre outros, aos atletas das categorias de base, o direito de:

(...) acesso a conhecimentos teóricos e práticos da educação física, condicionamento e motricidade, por meio de um corpo de profissionais habilitados e especializados, norteados por programa de formação técnico-desportiva, compatível com o desenvolvimento físico, moral e psicológico do atleta (BRASIL, 2013).

Esses conhecimentos são desenvolvidos de forma mais ampla e contundente em cursos superiores de Educação Física e nos levam a refletir novamente sobre a lei n. 8.650/1993 (BRASIL, 1993) que não estipula de maneira obrigatória a formação de treinadores de futebol em curso superior de Educação Física. Portanto, a lei n. 8.650/1993 (BRASIL, 1993), o decreto n. 7.984/2013 (BRASIL, 2013) e a lei n. 9.696/1998 (BRASIL, 1998) são divergentes e geram incompatibilidades na área desportiva, principalmente em relação à atividade de treinador de futebol.

Especialmente na faixa etária dos atletas sobre responsabilidade dos treinadores estudados (sub-15), conhecimentos essenciais como os pedagógicos e os biopsíquicos a serem transmitidos por eles, são adquiridos nesses cursos superiores de Educação Física (BENTO, 1999).

Concluindo, após a análise das informações obtidas sobre a formação profissional em Educação Física e a regulamentação da atividade de treinador de futebol, constatamos diversas contradições entre a legislação e a literatura científica.

A principal delas é a permissão por lei para o exercício do trabalho como treinador de futebol sem a formação em Educação Física, o que contradiz os princípios que estabelecem a consolidação da atividade profissional defendida por diversos autores. Considerando que o futebol é um esporte pertencente à esfera de atuação de profissionais de Educação Física, é evidente a importância de formar o treinador de futebol de forma qualificada e competente.

Recentemente, algumas tramitações estão procurando regulamentar a atividade do treinador de futebol como o projeto de lei do senado 522/2013 (BRASIL, 2013) que busca revogar a lei 8.650/1993 (BRASIL, 1993) ao propor a extensão dos direitos trabalhistas a todos os treinadores de qualquer modalidade desportiva coletiva, considerando o direito de ter habilitação como treinador a todos que realizarem cursos oferecidos por ligas, federações e confederações. Enquanto a proposta de lei 7.560/14 (BRASIL, 2014) pretende alterar a lei 8.650/1993 (BRASIL, 1993) ao regulamentar a atividade de treinador de futebol aos atletas de futebol que tenham comprovação de três anos consecutivos ou cinco alternados, desde que sejam certificados pelo Sindicato de atletas ou pela Confederação Brasileira de Futebol e realizem curso de formação de treinadores, reconhecidos pelos sindicatos da categoria e chancelados pela Federação Brasileira de Treinadores de Futebol. Já o projeto de lei n. 7.113/2014 (BRASIL, 2014) pretende alterar a lei n. 8.650/1993 (BRASIL, 1993) ao assegurar a liberdade para qualquer pessoa exercer a profissão de treinador ou monitor de futebol.

Apesar dos avanços em relação aos direitos trabalhistas, os projetos citados desconsideram, por exemplo, a importância dos treinadores de modalidades desportivas individuais e desprezam a formação superior e o conhecimento científico ao considerar que qualquer pessoa possa exercer a atividade de treinador. De fato a experiência como ex-atleta é muito relevante, mas a profissão depende do conhecimento específico e especializado fundamentado no suporte científico e não pode apoiar-se apenas no modelo artesanal de tentativa e erro e do saber-fazer baseado no conhecimento experiencial (DRIGO; CESANA, 2011).

A discussão deste tópico, não está centrada apenas em questões legalistas ou acadêmicas, a investigação pretende também levantar reflexões e ações que possam direcionar estudos que considerem tanto os conhecimentos experienciais quanto os conhecimentos científicos. Aos diplomados a exigência de estágios profissionais que qualifiquem a competência de atuação estratificada por níveis, desde o desporto de base ao desporto de rendimento, e aos ex-atletas a exigência de cursos superiores ou complementação profissional equivalente oferecida por cursos superiores conveniados às confederações desportivas brasileiras.

Para que isso ocorra, faz-se necessário que haja sintonia entre a regulamentação legal (ao incluir os ex-atletas) e a exigência da formação em cursos superiores de Educação Física (aos graduados), além da formação suplementar, seja ela por estágio acadêmico-científico ou profissional, na perspectiva de subsidiar a preparação profissional qualificada e competente

aos que pretendam atuar como treinadores esportivos, entretanto, ainda está culturalmente enraizada no Brasil a premissa de que para ser treinador de futebol basta apenas ter sido ex-jogador “profissional”, o que não coaduna com a literatura consultada, que defende a importância do conhecimento científico sem desconsiderar a relevância do conhecimento prático (BENTO, 1999).

Em decorrência dessas contradições acerca da legitimação, delimitação e campo de trabalho dos treinadores, em específico de futebol, torna-se fundamental que a comunidade acadêmica, as Instituições de Ensino Superior, os membros do sistema CONFEF/CREFs e os profissionais de Educação Física reflitam e proponham projetos condizentes com a atividade profissional pautada no conhecimento científico, tendo como premissa a realização de curso de formação de treinadores em curso superior de Educação Física ou equivalente, conforme a modalidade desportiva, encaminhados às comissões parlamentares para que seja analisada de forma coerente a importância da atividade exercida pelos treinadores em qualquer nível de atuação (da base ao alto rendimento) e modalidade desportiva, sem desconsiderar a importância do conhecimento prático.

Essa definição legal faz-se necessária no Brasil, onde o futebol se insere em diversos setores da sociedade, interferindo no cotidiano de muitos órgãos, pessoas, clubes, profissões, dentre outros, que de forma direta ou indireta estão envolvidos com o seu universo.

### **2.2.2 Estudos sobre a formação do Treinador de futebol**

O fenômeno esporte de acordo com Marchi Júnior e Ferreira A. L. P. (2009) possui profunda ligação com os diferentes espaços sociais. Desta maneira, os autores procuraram abordar a formação acadêmica voltada ao esporte nos cursos de Educação Física brasileiros enfatizando como o aspecto civilizacional influenciou nas diversas práticas culturais da sociedade.

Através de comparações sobre diferentes configurações relacionadas ao esporte ao longo do tempo, Marchi Júnior e Ferreira A. L. P. (2009), embasados por estudos realizados por pesquisadores de cunho social como Elias e Dunning (1992), Bourdieu (1983, 1990a, 2007), Guttmann (1978) e Pilatti (2002), esboçaram diferenças quanto à utilização de regras, comportamentos, participação, fins, diferentes usos do corpo e especificações atribuídas ao esporte anteriormente considerado primitivo em relação ao esporte considerado moderno praticado atualmente.

Diferenças que foram se configurando ao longo do tempo e ajustadas com a intenção de atender aos interesses em torno do esporte em diferentes períodos, ora para diminuir a violência com mudanças de regras, outrora para aumentar o lucro com mudanças de comportamento impostas aos praticantes (MARCHI JÚNIOR; FERREIRA, A. L. P., 2009).

Segundo os autores, a compreensão de todo esse processo civilizatório ocorrido com o esporte, fazendo com que ele se apresente de maneira multifacetada em nossa sociedade, é fundamental para que tenhamos a noção de toda complexidade e multidisciplinaridade que envolve o seu estudo na formação acadêmica, caso contrário, estaremos fadados a associar essa formação e intervenção a espaços e manifestações singulares no contexto e no tecido social, perfazendo um processo de formação reducionista, reprodutivo e carente de criticidade e criatividade (MARCHI JÚNIOR; FERREIRA, A. L. P., 2009).

Assim, considerando a complexidade do fenômeno esporte na era moderna, destaca-se a figura do treinador que tem como atribuição orientar e conduzir seus atletas, seja no esporte individual ou no coletivo, a conquistarem vitórias e recordes. Outras atribuições são extremamente importantes como selecionar e preparar seus atletas técnica, tática e fisicamente ao longo da temporada competitiva.

Entretanto, estudos em relação a como foi ou como está sendo a formação de treinadores de futebol atuantes no Brasil ainda são incipientes em detrimento de estudos que trazem sugestões de conhecimentos e de conteúdos necessários aos treinadores em sua atuação profissional.

Por se tratar de uma função que não exige obrigatoriamente a formação em cursos superiores em Educação Física, o treinador de futebol tanto pode possuir uma formação empírica, geralmente utilizando-se de conhecimentos adquiridos enquanto ex-jogador de futebol, ou científica, quando o treinador utiliza-se de conhecimentos adquiridos geralmente em curso de graduação em Educação Física. Muitas vezes, a formação em Educação Física ocorre posteriormente à carreira de jogador de futebol, fazendo com que o futuro treinador possua em grande parte dos casos conhecimentos advindos dessas duas possibilidades de formação.

Esses dois diferentes contextos na formação de treinadores são comprovados nos estudos de Marturelli Junior (2002) e Thiengo (2011), que concluíram não haver consenso no exercício da função quanto à exigência do treinador ser formado em Educação Física na ótica dos treinadores analisados. A esse respeito, também encontramos outro estudo realizado no Brasil em 2009, no qual participou um número expressivo de treinadores (109), responsáveis por treinarem clubes que disputam as principais competições de futebol organizadas no

futebol brasileiro através da CBF, apontando que, desse total, apenas 68 treinadores possuíam ensino superior completo, sendo que, destes, 63 eram formados em Educação Física (COSTA, 2009).

Os outros quarenta e um treinadores são caracterizados pelo modelo artesanal de formação, que tem como característica principal o trabalho norteado pela experiência prática adquirida sobre determinado assunto ao longo do tempo, herdada geralmente dos mestres de ofício, baseada em tentativas e erros (RUGIU, 1998).

Já em relação às propostas sobre a formação de treinadores, Cushion et. al (2006) destacam duas formas para se compreender esse processo: baseadas em modelos para o treinador, no qual especialistas propõem quais conhecimentos são necessários para serem ensinados a um treinador, ou de forma inversa, baseadas em conhecimentos utilizados pelos treinadores de sucesso.

Investigações empíricas realizadas em alguns países espalhados por diversos continentes, tanto com treinadores de categorias principais quanto com treinadores de categorias de base evidenciaram que a construção do conhecimento profissional é decorrente da prática cotidiana no esporte, que se inicia ainda na condição de jogador em formação (GOULD et al., 1990; SCHINKE et al., 1995; SALMELA, 1996; FLEURANCE; COTTEAUX, 1999; GILBERT; TRUDEL, 2001; CUSHION et al., 2003; JONES, et al., 2003; IRWIN et al., 2004; JONES et al., 2004; TRUDEL; GILBERT, 2006).

No Brasil, sinaliza-se para uma formação formal dos treinadores de jovens através dos cursos de bacharelado em Educação Física, que possuem como uma de suas incumbências o auxílio na construção de conhecimentos para a intervenção de profissionais no esporte fora do âmbito escolar, apesar dessa formação ainda estar distante de um ideal considerado satisfatório para dar suporte aos treinadores em seu trabalho (HUNGER et al. 2006).

Considerando-se esses diferentes contextos na formação e a relevância do esporte futebol no Brasil, diversos autores como Jones; Armour; Potrac (2003), Feitosa; Nascimento (2006), Benites; Barbieri; Souza Neto (2007), Cunha et al. (2010) e Thiengo (2011) abordaram essa questão com o objetivo de investigar os caminhos percorridos pelos treinadores de futebol ao longo de suas trajetórias no que diz respeito a essa formação.

Para Pereira (2006), fatores como crenças, competências, atitudes, conhecimentos, comportamentos e práticas são decisivos na carreira de um profissional, tornando-a complexa e multidimensional, influenciando na maneira como ele enxerga o mundo e a profissão. Assim, as experiências de vida nas dimensões: morais, sociais, políticas, psicológicas, pedagógicas, entre outras, devem ser consideradas quando se estudam essas carreiras.

Estes fatores foram considerados nos estudos de Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) que se pautaram pela proposta metodológica de Elias (1970) baseando-se pela história de vida do sujeito a ser investigado com a intenção de se obter a compreensão acerca de como os sujeitos constroem suas carreiras, a fim de que se entenda e se possa contribuir com esse processo. Essa proposta serve como base para que se entendam as configurações relacionadas às estruturas que constituem a sociedade, através das relações de interdependência entre os indivíduos no meio social em diversos níveis.

O estudo em questão investigou um treinador (a época com 34 anos de experiência nessa função) que havia sido um ex-jogador de futebol com a carreira encerrada precocemente, aos vinte e sete anos de idade, devido a não ascensão profissional esperada. Esse encerramento da carreira como jogador ocorre concomitantemente à oportunidade oferecida por parte dos dirigentes de sua própria equipe para assumir a posição de treinador. Ele agarrou-se a esta oportunidade e foi procurar o conhecimento científico em um curso de graduação em Educação Física para, segundo ele, obter mais conhecimento a ser utilizado em sua atuação (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

O estudo destaca a importância dada pelo treinador em questão aos conhecimentos adquiridos no período como jogador de futebol na sua atuação como treinador em detrimento dos conhecimentos adquiridos na graduação em Educação Física, deixando claro que esse histórico de ex-jogador foi fundamental no decorrer de sua trajetória. Ele enfatiza que o fato de sempre demonstrar boa conduta e liderança enquanto jogador foi determinante para que os dirigentes do clube pelo qual ele atuava o considerassem uma boa opção para assumir a posição de treinador. Esses dirigentes não consideraram na escolha o fato da não formação em Educação Física, já que esses conhecimentos foram adquiridos só após o ingresso nessa nova função (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

Para Marques (2000), nem sempre as experiências adquiridas como atleta suprem as necessidades exigidas na função de treinador. Já de acordo com Pereira (2006), esse contexto é fundamental na aquisição de conhecimentos para se alcançar o sucesso como treinador.

Schön (2000) afirma que as experiências adquiridas enquanto atleta precisam ser significativas, apreendidas com reflexão e inteligência, para que ele se aproprie com propriedade dessas experiências, a fim de utilizá-las com sabedoria em atuações futuras já no papel de treinador.

Esse processo de abstração de conhecimentos é um processo individual e não segue qualquer padrão estabelecido, fazendo com que o futuro treinador desenvolva sua própria concepção sobre o treino (GILBERT; TRUDEL, 2001; GILBERT; TRUDEL, 2005).

Outros estudos, realizados com treinadores de jovens em diferentes esportes, também evidenciaram o conhecimento prático, adquirido através da observação do trabalho de treinadores enquanto os treinadores investigados ainda eram atletas, como eixo central, servindo como base a ser utilizado no planejamento de seus treinos, propondo novas possibilidades de resolução aos problemas encontrados pautados pela sua autoavaliação e criatividade (SCHÖN, 2000; GILBERT; TRUDEL, 2001; GILBERT; TRUDEL, 2005).

Diversas outras formas de abstração de conhecimento a serem transmitidas nos treinos também foram apontadas em estudos com treinadores de beisebol, futebol e hóquei no gelo. Através de entrevistas semiestruturadas, os pesquisadores identificaram que os treinadores de jovens aprendem a treinar seus atletas em decorrência de diversas situações de aprendizagem como: pesquisas na internet, interação com outros treinadores, observação de treinadores rivais, clínicas, vídeos, livros, programas formais de formação e experiência pessoal (WRIGHT et al., 2007; LEMYRE et al., 2007).

Sendo assim, Salmela (1996) evidenciou a importância dos valores morais e da sensibilidade social e cultural dos treinadores aplicados na obtenção desses conhecimentos, dado o longo período de tempo que esses passam com os atletas e o poder que exercem sobre eles.

Essas interações sociais entre atletas e treinadores constituem a base central do processo de treino (CUSHION; JONES, 2006; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004; POTRAC; JONES, 2009), apesar de não estarem ainda suficientemente compreendidas por esses agentes esportivos (CUSHION; JONES, 2006).

Ainda em relação à formação e à percepção dos treinadores em relação ao seu próprio modelo de formação, destaca-se o estudo de Cunha et al. (2010), realizado em Portugal, que procurou identificar se a formação federativa (formação adquirida em cursos oferecidos por federações esportivas) e a experiência profissional possuem características diferentes ou não em relação às necessidades de conhecimentos transmitidos ou adquiridos pelos treinadores nos mais variados aspectos que pertencem a essa função, sejam eles relacionados ao treino, a competição, a gestão esportiva e ao papel de formador de treinadores principiantes.

Neste sentido, o estudo de Cunha et al. (2010) obteve como resultados que o grupo de treinadores com menor experiência nessa função reconheceu maiores necessidades de formação federativa em relação ao treino, a competição, as áreas de gestão de carreira, aos processos de coordenação de atividades que envolvam outros agentes esportivos e a participação no âmbito da formação de treinadores principiantes.

Nos resultados também emergiu o maior reconhecimento das necessidades de formação por parte dos treinadores sem formação federativa em detrimento aos que possuíam esse tipo de formação em praticamente todos os aspectos analisados, exceção feita aos domínios dos aspectos pessoais e de gestão esportiva, onde não se identificaram diferenças estatisticamente significativas nos grupos de treinadores estudados (CUNHA et al. 2010).

As formações federativas configuram em item obrigatório em diversos países àqueles que pretendem ingressar na carreira de treinador de futebol incluindo-se Portugal, apesar de sabido que muitas vezes essa exigência não é atendida por eles, reafirmando-se a necessidade de aprofundar o controle e a qualidade nesse tipo de formação (CAMPBELL, 1993).

Nesse estudo, em relação ao quesito experiência, foi utilizada a classificação obtida por Burden (1990), que concluiu como sendo os treinadores experientes aqueles que possuem cinco anos ou mais de experiência profissional (fase de estabilização) e os menos experientes aqueles que apresentam tempo inferior a cinco anos de experiência profissional (fase de iniciação ou de aperfeiçoamento).

Na pesquisa de Egerland et al. (2013), realizada com a participação de 213 treinadores do estado de Santa Catarina de ambos os sexos e de modalidades coletivas e individuais, foram encontradas evidências que comprovaram uma melhor formação dos treinadores em relação à percepção de determinadas potencialidades e conhecimentos a serem percebidos por eles sobre os atletas participantes em seu grupo de trabalho tais como: os conhecimentos das qualidades físicas, dos efeitos das atividades físicas, de estratégias que promovam o desenvolvimento de valores e da teoria e metodologia do treinamento esportivo (EGERLAND et al., 2013).

Por outro lado, as principais necessidades são de conhecimentos sobre o desenvolvimento motor humano, a biomecânica do esporte, a fisiologia do exercício, a recuperação após esforço físico, a alimentação esportiva e as técnicas de avaliação no esporte (EGERLAND et al., 2013).

Esses resultados nos levam a refletir que o conhecimento científico ainda não está plenamente solidificado enquanto exigência para exercer a atividade de treinador de futebol profissional ou de categorias de base no Brasil, pelo menos no que diz respeito ao conhecimento científico adquirido em cursos de graduação em Educação Física.

Portanto, a influência da formação artesanal é tão importante quanto à formação científica no trabalho dos treinadores de categorias de base no Brasil, sendo que não há necessidade da formação em curso superior em Educação Física ou curso federativo para atuar nessa função. Desta forma, observamos que os conhecimentos adquiridos pela grande

maioria desses treinadores advêm tanto de propostas acadêmicas quanto de experiências adquiridas enquanto ex-jogador de futebol.

### **2.2.3 Atuação do Treinador de futebol de categorias de base**

Apesar do crescimento do interesse da sociedade pelo futebol, o conhecimento científico em relação a esse esporte continua escasso, e o seu avanço não está sendo capaz de contemplar todas as suas possibilidades de práticas. Uma explicação para essa escassez foi levantada por Garganta e Pinto (1998) que apontaram como possível causa à resistência de muitas pessoas envolvidas no futebol em receber e produzir novos conhecimentos, partindo do pressuposto que no futebol tudo já foi inventado.

Contrariamente a essa resistência, Malina (2010), afirma que um ambiente cujo pano de fundo é o processo de formação esportiva, deve ser constituído para atender as necessidades das crianças e dos jovens, seguindo uma sequência adequada de instruções previamente definidas cientificamente com a intenção de orientar as oportunidades de prática, devendo este ambiente estar sempre aberto a apreender novos conhecimentos científicos.

Nesse processo, a consideração do ambiente e seus diferentes contextos, sejam eles socioeducativos, histórico-culturais ou técnico-táticos, servem como ponto de partida à reflexão e ao despertar de diferentes significados nas aprendizagens dos jogadores (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Em relação ao futebol brasileiro, mudanças na formação, ocasionadas em decorrência da alteração dos ambientes de prática antes constituídos por ruas e espaços públicos, onde as habilidades eram desenvolvidas de maneira espontânea, vão se configurando internamente nos clubes, onde ocorre a ênfase na repetição de exercícios. Assim, o cenário de formação vem passando nos últimos anos por alterações nos procedimentos de ensino e aprendizagem em todos os conteúdos voltados para a formação integral dos jovens jogadores, desde a seleção dos atletas até a fase do treinamento propriamente dito, chegando ou não o atleta a categoria principal da equipe, tornando essa prática pautada por configurações inseridas em um ambiente estruturado a dirigi-la (ARAÚJO et al., 2010; FONSECA; GARGANTA 2006; SCAGLIA, 2011).

Esse novo cenário influencia em diversos aspectos o futebol brasileiro, acarretando também mudanças no comportamento e no estilo de liderança dos treinadores de categorias de base. Esse comportamento e estilo de liderança foram analisados em estudos que,

repetidamente, mostraram maior aderência dos treinadores ao estilo de liderança autocrático (COSTA; SAMULSKI, 2006; COSTA; SAMULSKI; MARQUES, 2006). Costa e Samulski (2006) e Costa, Samulski e Marques (2006), sugeriram que os perfis de liderança autocráticos encontrados em suas pesquisas são provenientes da pressão por resultados positivos nos jogos através da imprensa, dos dirigentes e dos torcedores e também pela falta de tempo suficiente para a realização de um bom trabalho em detrimento justamente ao fato dessa cobrança ser imediatista.

Segundo Costa, Samulski e Marques (2006), muitas vezes os treinadores mal chegam às equipes e em um prazo que varia de dois a três dias já estão na beira dos gramados comandando-as em jogos válidos pelos campeonatos disputados. Para os autores, a escassez de tempo e a cobrança por resultados positivos em curtíssimo prazo impediriam as trocas de opiniões e informações entre treinadores e atletas, obrigando-os, na maior parte das vezes, a tomarem decisões rápidas e de “cima para baixo”, baseadas nos seus próprios conhecimentos e experiências. Essa constatação é pertinente até os dias de hoje, uma vez que, em muitos clubes do futebol brasileiro permanece viva a cultura, por parte dos dirigentes, da constante troca de treinadores e a mesma política de cobrança de resultados em suas respectivas categorias de base (COSTA; SAMULSKI; MARQUES, 2006).

Esse tipo de gestão não possibilita a manutenção dos treinadores por longos períodos a frente das equipes e, assim, os obriga a adotar comportamentos de autocracia perante o grupo de atletas liderados por eles, muitas vezes sem se utilizarem de conhecimentos científicos em suas decisões, agindo apenas para manterem suas posições como treinadores da equipe sem medirem as consequências para alcançarem esse objetivo (COSTA; SAMULSKI; MARQUES, 2006).

Um dos fatores mais significativos para esses treinadores agirem com esse comportamento advém da precariedade legal em que a atividade de treinador de futebol no Brasil se encontra, fruto de leis que não respaldam quem exerce essa atividade (BRASIL, 1993).

Do outro lado, estão os jogadores dessas categorias de base, que em vias de regras, estão em meio a um processo de formação deficitária, onde a especialização precoce, pressões da família, dos treinadores e dos clubes onde jogam se sobrepõem aos seus interesses e desejos (PAES, 2006).

Já em relação a outro aspecto, o processo de seleção dos atletas que farão parte dos quadros pertencentes às categorias de base dos clubes esportivos e que almejam alcançar a equipe principal pelos treinadores, o estudo de Paoli (2007) revelou que permanece no futebol

brasileiro a cultura das mesmas práticas exercidas em décadas anteriores, ou seja, os atletas ainda permanecem sendo selecionados sem estratégias científicas claras e definidas.

Corroborando com esses resultados, os estudos de Reilly, Bangsbo e Franks (2000), concluíram não ser possível encontrar nos clubes um processo de seleção eficaz para a seleção de novos jogadores, e a ausência de critérios faz com que esse processo seja realizado de maneira subjetiva pelos profissionais de comissões técnicas do futebol, o que conseqüentemente acaba gerando falhas.

Essa ausência fica clara nos estudos de Câmara (2009), que através de um questionário, respondido por 46 treinadores de categorias de base do Rio Grande do Norte, detectou que a grande maioria deles (n=40) utiliza apenas a observação geral como critério de seleção em jogos coletivos realizados para esse fim. Outros quatro treinadores utilizam a observação geral aliada à verificação da estatura e apenas dois treinadores utilizam a observação geral aliada à aplicação de testes de habilidade, o que nos revela que o procedimento mais utilizado pelos treinadores na seleção de atletas para compor categorias de base independentemente do tempo de sua experiência com o futebol é apenas a observação (critérios subjetivos).

Helsen et al. (2000), estabelecem que na maioria das vezes essa seleção é determinada por características físicas do atleta em detrimento de características técnicas, táticas e psicológicas, fazendo com que os que desenvolvam características físicas de forma tardia sejam preteridos em relação aos que já as possuem quando do momento da seleção, mesmo que estes sejam sendo inferiores tecnicamente.

Esse tipo de seleção também ocorre no futebol brasileiro, como apontou Paoli (2007), ocasionada principalmente pelo imediatismo e pela pressão à descoberta de novos talentos, aumentando a possibilidade de equívocos, pois raramente os que possuem os requisitos considerados satisfatórios, sendo, segundo os treinadores, principalmente os requisitos de estrutura física nas categorias sub-15, figurarão em categorias superiores ou na equipe principal dos clubes aos quais fazem parte.

Montagner e Silva (2003) concluíram que essa seleção deve levar em conta o treinamento em longo prazo e não ser imediatista como foi detectado há pouco tempo nos estudos de Paoli (2007), reforçando a necessidade de um processo pedagógico e metodológico dentro de um período suficiente a aprimorar todas as características particulares do jogo, considerando o contexto cultural, social e pessoal do atleta, pensando em uma construção de seleção de talentos melhor sistematizada, observando-se alguns indicadores científicos e, com isso, obtendo resultados mais satisfatórios na modalidade.

Hebbelinck (1990) atenta para os critérios utilizados na busca de seleção de atletas quando diz que usualmente os treinadores procedem subjetivamente e se baseiam em sua experiência e intuição. O mesmo autor defende a criação de catálogos que padronizem as especificidades técnicas, físicas, fisiológicas e psicológicas de modalidades esportivas específicas, de maneira que o processo de seleção de atletas seja encarado de maneira mais criteriosa.

Matsudo (1999) também ressalta a importância da existência de um programa de seleção e detecção de atletas de boa qualidade, mesmo considerando que esse programa ainda estará sujeito à influência de muitas variáveis de natureza complexa, que poderão influir positivamente ou negativamente na determinação dessa seleção. Entre as variáveis cita a prioridade política, as características culturais da sociedade, o baixo nível econômico combinado com pobres padrões nutricionais, a precipitação na análise dos resultados, a carência de modelos estatísticos que sejam eficientes quando colocados em prática e a falta de testes específicos, ou seja, que reproduzam melhor as condições de desempenho.

Para Garganta (1997) os treinadores deveriam considerar os conteúdos táticos técnicos relacionados à essencialidade do jogo, vinculando as características das habilidades motoras específicas utilizadas na prática e nas relações antagônicas entre as equipes. De acordo com Pinto (1996), Riera (1995) e Teodorescu (1984), a tática especificamente está atrelada ao contato direto entre companheiros e adversários nas ações individuais e coletivas das equipes, visando superar ou evitar ser superado pelo adversário.

Para Rezende (2003), as habilidades táticas envolvem, principalmente, as ações voltadas ao jogar coletivamente de acordo com o contexto da partida, ou seja, a capacidade de tomar decisões sobre o que fazer, com o apoio de seus companheiros e levando em consideração as seguintes circunstâncias do jogo: qual a posição da bola e quais as alternativas de ação, tanto dos companheiros como dos adversários.

A tática também pode ser considerada como uma capacidade senso cognitiva, baseada em processos psicofisiológicos de recepção, transmissão, análise de informações e elaboração de uma resposta até a execução da ação motora, sendo concretizada com o emprego de uma técnica específica, na qual se reflete a ação do jogador. Nesse instante, fatores cognitivos e físicos influenciam na detecção e utilização das informações do jogo necessárias para uma orientação adequada das ações em direção a um determinado objetivo (SOUZA; GRECO; PAULA, 2000).

Já as habilidades técnicas têm sido referidas na literatura como sendo um recurso muito importante no contexto do desempenho esportivo, pois é através delas que a

inteligência e a intencionalidade tática vão se exteriorizar e materializar. Elas adquirem grande importância nos escalões de rendimento mais elevado, pois o jogador tecnicamente evoluído fica livre para analisar as situações de jogo e, conseqüentemente, decidir melhor, prevalecendo na relação com a bola o controle sinestésico em detrimento do visual (NUNES, A. C.; BRANDÃO; JANEIRA, 2004). A técnica seria, portanto, um dos componentes fundamentais ao desenvolvimento de toda e qualquer ação de jogo, sendo efetivada através da utilização do repertório motor individual de cada atleta dentro de determinadas ações coletivas nos esportes coletivos (BAYER, 1994; GARGANTA, 1997; MORENO, 1994).

A atuação dos jogadores no contexto tático e técnico é regulada por aspectos estruturais, normativos e funcionais vinculados ao jogo, mas também por princípios de jogo que são constituídos previamente. Os princípios de jogo caracterizam-se por regras de ações estabelecidas no processo de ensino treino que orientarão a atuação dos jogadores nos momentos defensivos e ofensivos a partir das interações setoriais (internas e externas) e coletivas (GARGANTA; PINTO, 1998, GOMES, 2008).

Para Strachan, Côté, Deakin (2011), a condução de todo esse processo de realização do ensino treino não deve se sustentar somente pela estruturação dos conhecimentos táticos técnicos da modalidade, mas também deve acontecer levando-se em conta à formação integral do atleta, construindo um ambiente apropriado ao treinamento, propiciando oportunidades ao desenvolvimento de habilidades físicas, pessoais e sociais, bem como estabelecendo interações positivas entre todos os seus participantes.

Nessa disposição, torna-se relevante a formação integral do jovem jogador através do esporte, e as habilidades para a vida devem ser estruturadas no plano, operacionalizadas no treino e avaliadas no jogo. As habilidades para a vida caracterizam-se por serem transferíveis entre diferentes ambientes, ou seja, as habilidades desenvolvidas através do esporte devem ser empregadas em outros cenários, como a escola e a casa. Tais habilidades convergem para o desenvolvimento positivo do jovem, melhorando as relações com colegas e adultos, a eficácia nas tomadas de decisões e o estabelecimento de metas (GOULD; CARSON, 2008; CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012).

Considerando o processo de ensino treino nas categorias de base do futebol como uma fase importante na formação do indivíduo e quase sempre fundamental na formação do atleta, os conteúdos técnico-táticos devem ser desenvolvidos não de maneira totalitária, pois a formação esportiva perpassa os conhecimentos advindos somente do contexto específico da modalidade. O comportamento do atleta em meio à funcionalidade do jogo condiciona-se às suas relações interpessoais, estabelecidas tanto internas como externamente ao ambiente de

jogo propriamente dito. Desse modo, a formação do atleta interpõe o plano do jogo, passando pelo desenvolvimento pessoal e social do atleta (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Em um dos poucos estudos encontrados a respeito do desenvolvimento dos aspectos táticos por parte dos treinadores, contando com a participação de oito deles, os resultados mostraram que existe uma prevalência na simulação de ações reais de jogo no desenvolvimento tático em suas equipes, com a utilização de variações realizadas a partir de pequenos jogos com espaços reduzidos, com regras alteradas e com variações no número de jogadores sendo utilizados nestas ações (BETTEGA, 2015).

Em relação à posse de bola, constatou-se neste mesmo estudo, a priorização pela conservação de sua posse para facilitar o controle de jogo, e quando a equipe adversária detiver essa posse, os treinadores procuram orientar taticamente suas equipes a exercerem uma marcação sobre pressão ao adversário, com a intenção de recuperá-la o mais brevemente possível. O estudo também apontou ser importante por parte dos treinadores o resultado nas competições disputadas, mas que esse não pode ser o fator decisivo em relação ao treinamento tático em equipes de base (BETTEGA, 2015).

Há de se considerar que mesmo através da revelação por parte do estudo de um grande trabalho coletivo nas equipes por parte da maioria dos treinadores analisados com vistas à obtenção de um melhor desempenho tático, ainda prevalece nas sessões de treinamento o treino do gesto técnico fragmentado, sendo que a complexidade do jogo não torna exata a relação entre causa e efeito (BETTEGA, 2015).

Já o estudo de Gomes (2008) levantou o questionamento acerca da periodização tática com treinadores de futebol. A periodização tática se fundamenta na presença da bola em todos os momentos do treinamento, com o intuito de modelar mais facilmente os jogadores à forma de jogar preconizada por seu treinador. Logo, a ênfase deste tipo de treinamento tático estaria na relação entre os jogadores, onde os exercícios técnicos que têm como objetivo trabalhar os aspectos individuais seriam substituídos pelos exercícios que têm como objetivo trabalhar os aspectos coletivos (GOMES, 2008).

Nesse sistema de treinamento tático, a busca por um modelo definido de jogo seria o aspecto nuclear do processo de treino que se utiliza da periodização tática, trabalhando de forma indireta os diversos outros aspectos que interferem no rendimento esportivo incluindo o físico, ao ponto do treinamento deixar de ter sentido sem a sua existência (CAMPOS, 2008).

De acordo com Antunes e De Melo (2010), o treinamento integrado entre técnica e tática, ainda que utilizado de forma declarada por treinadores de renome internacional do futebol profissional como o português José Mourinho, não é utilizado constantemente nos

treinamentos com jovens do futebol brasileiro, optando os treinadores analisados pelos autores à utilização do treinamento integrado apenas quando a preparação tem o objetivo de participação em uma competição.

O treinamento integrado possui como característica principal a presença da bola não subordinada ao modelo de jogo durante os treinamentos, ou seja, a sua utilização de forma fragmentada nos diversos aspectos que compõem as diferentes situações de jogo (LOPES; FRADE, 2005).

Complementando as ações de treinamento nas categorias de base, temos a busca por parte dos treinadores pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica dos jogadores. Para Paoli et al. (2003), a técnica é resultado, em parte, do conjunto de dons naturais que possui cada jogador, somado ao treinamento intensivo e controlado.

No futebol, assim como em qualquer outra modalidade esportiva, existem fundamentos básicos que formam a base da ação técnica dos praticantes. Estes fundamentos, que constituem o suporte do futebol, devem ser apreendidos e treinados para uma boa execução durante a prática esportiva. Mediante a isto, é importante distinguirmos fundamento técnico de habilidades individuais, uma vez que a literatura aponta que as habilidades são inatas ao indivíduo e o fundamento técnico é desenvolvido através de treinamentos específicos (CAPINUSSÚ; PETIT, 2004). Poder-se-ia afirmar então que o fundamento técnico é treinável, ou seja, é uma característica que pode ser adquirida, diferentemente da habilidade pessoal.

Para Mesquita (2008), a relação entre técnica e tática é indissociável e complementar, revelando a necessidade do treino da técnica ser inserida ao ambiente situacional, ou seja, contextualizado à dinâmica complexa do jogo.

Assim, todas as ações de jogo são circunstanciadas por um contexto tático e concretizadas por uma execução técnica, na qual a eficácia das ações dependerá preponderantemente das condições de preparação (RIERA, 1995; GARGANTA et al., 2013).

Destarte, apesar da literatura consultada da área recomendar a necessária contextualização tática do treino técnico nas modalidades coletivas, especialmente no futebol, poucas investigações têm se concentrado sobre como os treinadores estruturam esse processo em clubes formadores de jovens atletas.

Um dos poucos estudos encontrados foi o de Bettega (2015), que concluiu que a maioria dos oito treinadores de categorias de base analisados valoriza a qualificação da técnica como forma de auxílio ao trabalho tático, mas essa técnica é desenvolvida de maneira fragmentada e desvinculada dos treinamentos táticos, o que contraria os estudos de Santana

(2005); Reverdito, Scaglia (2009); Galatti et. al. (2012); Galatti et. al. (2014); Menezes, Marques, Nunomura (2014), que acenam para a importância da diversidade de experiências e aprendizados no período de iniciação ao esporte, não devendo este se concentrar apenas na aquisição de gestos estereotipados de uma modalidade específica sem vincular a técnica às situações de jogo.

O olhar objetivo por parte dos treinadores investigados nos estudos de Cunha e Silva (1999), Garganta (2006) e Scaglia (2011) predispõe a busca de um corpo controlável, que atue em território conhecido, atribuindo uma relação de causa e efeito. Além disso, tal modelação corresponde à mínima variabilidade e adaptabilidade do jogo, atribuindo pouco significado às relações estabelecidas ou originadas no próprio jogo.

Em contrapartida, os poucos treinadores apontados no estudo que trabalhavam a técnica conjuntamente com a tática, fomentavam a busca de respostas motoras às situações do jogo. Tais treinadores conceberam o jogo como um fenômeno caótico que se configurava na complexidade, não linearidade e variabilidade de acontecimentos, tornando-se não controlável na sua totalidade e dependente das interações com companheiros e adversários (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999; ELFERINK-GEMSER et al., 2004; DAVIDS; ARAÚJO; SHUTTLERWORTH, 2005; GRÉHAIGNE; GODBOUT; ZERAY, 2011).

Ainda em relação ao treinamento da técnica, destacam-se segundo os estudos de Paoli (2003; 2008) três métodos com diferentes possibilidades em relação à forma de sua execução: treinamento técnico analítico; treinamento técnico situacional e treinamento técnico em forma de jogo.

- Treinamento Técnico Analítico: é o método pelo qual os jogadores automatizam, compreendem e fixam o gesto específico;
- Treinamento Técnico Situacional: é o método onde o jogador executa a ação motora do fundamento em situação real de jogo;
- Treinamento Técnico em Forma de Jogo: é o método onde a repetição e correção do gesto ocorre simultaneamente em situações de simulação reais de jogo.

O estudo de Bettega (2015) também apontou que o método de ensino da técnica mais utilizado nos treinamentos pelos treinadores de categorias de base de futebol analisados é o método de treinamento técnico analítico, que se restringe ao treinamento da técnica dissociado de situações táticas e reais encontradas nos jogos.

Para Drubscky (2003) o método de treinamento técnico analítico corresponde a um componente importante no desenvolvimento da técnica, desde que os treinadores se

utilizassem da repetição e correção do gesto associados a dispositivos capazes de trazer mais motivação e produtividade aos treinos.

No estudo de Morris (2011), os dez treinadores de categorias de base analisados afirmaram ser a técnica do jogador o indicativo principal de que ele será ou não um atleta de sucesso no futuro, seguida pelos aspectos físicos e táticos, enquanto os aspectos psicológicos não são citados como fatores preponderantes e capazes de definir o aproveitamento desses atletas nos quadros de atletas dos clubes aos quais trabalham.

Já o estudo de Egerland et al. (2013), realizado com 213 treinadores que trabalham no estado de Santa Catarina de ambos os sexos e de modalidades esportivas tanto individuais quanto coletivas, seja em categorias de base ou já no alto rendimento, abordou de maneira abrangente diversos aspectos na atuação desses treinadores e evidenciou como principais potencialidades percebidas por eles em sua atuação os conhecimentos das qualidades físicas dos atletas, os efeitos das atividades físicas, as estratégias que promovem o desenvolvimento de valores e a teoria e metodologia do treinamento esportivo. Por outro lado, as principais necessidades são de conhecimentos sobre o desenvolvimento motor humano, a biomecânica do esporte, a fisiologia do exercício, a recuperação após esforço físico, a alimentação esportiva e as técnicas de avaliação no esporte (EGERLAND et al., 2013).

Outros aspectos importantes a serem estudados na atuação dos treinadores de categorias de base de futebol são os aspectos comportamentais (psicológicos) e possuem ligação direta com a situação social dos atletas. Esses aspectos também figuram na literatura científica em estudos sobre a atuação desses treinadores, sendo importantes porque ajudam a elucidar as diferentes personalidades dos atletas nas mais variadas situações, sejam elas durante os jogos ou fora deles, nos momentos de treino ou de folga (MORRIS, 2000). Os aspectos comportamentais externamente ou internamente ligados ao futebol interferem diretamente na forma de agir emocionalmente e psicologicamente de um atleta durante um jogo nas mais variadas situações, sejam elas benéficas ou adversas para a equipe, fazendo com que um estudo prévio possa delinear possíveis comportamentos indesejados a fim de que possam ser evitados (MORRIS, 2000).

No estudo de Monteiro (2011) foram observados diferentes aspectos psicológicos nos atletas como concentração, liderança, união, ansiedade e personalidade, comprovadamente consideradas importantes no treinamento de atletas em longo prazo, mas, segundo Morris (2000), os aspectos psicológicos não são levados em conta por treinadores de categorias de base durante a etapa de seleção de atletas.

O estudo de Câmara (2009) apontou que aspectos psicológicos também são preteridos por treinadores de categorias de base do Rio Grande do Norte em sua atuação durante a observação de possíveis atletas a serem aproveitados nas categorias de base sob a sua responsabilidade, ficando apenas em quarto lugar na sequência de importância de fatores considerados relevantes na seleção dos atletas, ficando atrás dos aspectos técnicos, físicos e táticos respectivamente.

Já o estudo de Bettega (2015) realizado com oito treinadores de categorias de base indicou que apenas dois deles destacaram a importância dos aspectos psicológicos quando da seleção e também nos treinos, após o processo de ingresso do atleta nas categorias de base em seus clubes de trabalho, dando ênfase a determinadas características dentro desse contexto tais como: ter personalidade forte, ser competitivo, ter comprometimento seja no treino ou em outras situações externas nas quais está exposto e ter disciplina em todos os ambientes frequentados, prioritariamente na escola e no clube.

Aspectos psicológicos seriam tão importantes que estudos como os de Samulski (1995, 2002) defendem a presença de um psicólogo auxiliando o treinador, seja nas categorias de base ou no profissional. Nas categorias de base, Samulski (1995) apontou que a presença de psicólogos proporcionou um impulso para o treinador se tornar um melhor motivador de pessoas e um melhor comunicador de objetivos e orientações táticas, creditando maiores chances de obter dos atletas uma compreensão de como jogar por resultados mais favoráveis. Percebe-se pela experiência que, na utilização deste enfoque, os resultados vêm oriundos de uma noção de valorização que o atleta sente ao se perceber mais atendido em suas necessidades enquanto indivíduo.

Destarte, o estudo de Egerland et al. (2013) teve como um de seus focos outro aspecto da atuação de treinadores de categorias de base de futebol: as potencialidades relacionadas às habilidades profissionais concentradas principalmente nas habilidades de planejamento e gestão esportiva e de comunicação e integração do esporte. As principais necessidades profissionais percebidas pelos treinadores investigados em relação a essas potencialidades estão relacionadas à habilidade de avaliação e de autorreflexão, principalmente de ser capaz de reajustar a atuação profissional em função dos elementos decorrentes de uma permanente atitude investigativa e de atualização profissional (EGERLAND et al. 2013). O estudo também evidenciou a escassez de pesquisas acadêmicas centradas na atividade profissional de treinadores esportivos no contexto nacional, no que diz respeito aos conhecimentos e habilidades consideradas fundamentais para sua atuação e sucesso na carreira de treinador, sendo sugerida a necessidade do aumento de estudos com a

finalidade de auxiliar na melhoria da qualidade da intervenção profissional desses treinadores (EGERLAND et al., 2013).

Em síntese, as propostas de ensino do futebol devem vincular-se não só pela especificidade dos conteúdos técnico-táticos, considerando o estabelecido pela comunidade de treinadores de futebol e pela literatura científica, mas também no sentido de avançar no que tange a formação integral do jovem jogador, sendo ambos importantes para a organização e sistematização do processo, bem como na sua aplicação em outros contextos.

Consequentemente, a melhor utilização dos aspectos técnico-táticos por parte de uma equipe de futebol torna-se essencial para decidir o melhor resultado em uma partida ao final do processo de treinamento, mas a busca por estudos de como ou quais procedimentos de trabalho os treinadores devem adotar na prática foram escassas, limitando-se a literatura à apresentação de diferentes propostas de trabalho para os treinadores seguirem em relação a essa temática.

#### **2.2.4 Diferentes perspectivas de ensino em relação ao futebol**

O futebol ocupa sem dúvida nenhuma um lugar de destaque no cenário esportivo contemporâneo brasileiro, não sendo apenas um espetáculo esportivo, mas também um conteúdo presente na Educação Física e um meio de aplicação da ciência no esporte (GARGANTA, 2002).

No decorrer de sua existência, esta modalidade esportiva tem sido investigada, treinada e ensinada sob o enfoque de diferentes perspectivas, as quais não se restringem a utilização de apenas uma concepção de ensino na procura da eficácia (GARGANTA, 2002).

Assim, encontramos vários autores que apresentaram propostas visando discutir o ensino dos esportes. No caso dos jogos esportivos coletivos, incluindo-se neles o futebol, verificamos um aumento crescente de diálogo, almejando a busca de novos procedimentos pedagógicos com vistas a facilitar o aprendizado.

Mertens e Musch (1990) apresentam uma proposta para o ensino dos jogos coletivos, tomando como referência a ideia do jogo, no qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para jogos reduzidos e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito. Essa forma de jogo deve preservar a autenticidade e a autonomia dos praticantes, respeitando-se o jogo formal. Sendo assim, devem-se manter as estruturas específicas de cada modalidade, por exemplo, no caso do futebol: a finalização, a criação de oportunidades para o drible, o passe, os lançamentos

nas ações ofensivas, dentre outros. O posicionamento defensivo é generalizado e almeja-se dificultar a organização ofensiva dos adversários, principalmente nas interceptações dos passes, estabelecendo uma dinâmica entre as fases de defesa-transição-ataque.

Bayer (1994) afirma coexistir duas correntes pedagógicas de ensino para os jogos esportivos coletivos: uma utiliza os métodos tradicionais ou didáticos, decompondo os elementos (fragmentação), na qual a memorização e a repetição permitem moldar a criança e o adolescente ao modelo adulto. A outra corrente destaca os métodos ativos, que levam em conta os interesses dos jovens e que, a partir de situações vivenciadas, iniciativa, imaginação e reflexão possam favorecer a aquisição de um saber adaptado às situações causadas pela imprevisibilidade. Essa abordagem pedagógica, chamada de pedagogia das situações, deve promover aos indivíduos a cooperação com seus companheiros, a integração ao coletivo, opondo-se aos adversários, mostrando, ao aprendiz, as possibilidades de percepção das "situações de jogo", interferindo na tomada de decisão, elaborando uma "solução mental", buscando resolver os problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas, principalmente nas interceptações e antecipações, frente às atividades dos adversários.

Bayer (1994) também apresenta uma proposta de junção das variadas modalidades esportivas, pois o autor é contrário ao ensino separado dessas modalidades, defendendo a ideia de uma "pedagogia das intenções", onde cada indivíduo apresenta sua intenção individual, chamada de "intenção tática" durante as situações de jogo, argumentando que durante o jogo o indivíduo receberá uma enorme quantidade de estímulos, agindo intencionalmente para atingir seus objetivos de modo favorável às metas de sua equipe.

Graça (1998), assim como Bayer (1994), também defende a metodologia de fusão no ensino das modalidades esportivas e observa que o esporte possibilita a aprendizagem de habilidades acerca de um referencial de habilidades abertas, ocorrendo uma imprevisibilidade de sua aplicação devido às inúmeras variáveis existentes durante a realização dos jogos.

Gallahue e Osmum (1995) apregoam uma abordagem desenvolvimentista, na qual o ensino das habilidades motoras (técnicas) para a faixa etária de 7- 10 anos deve ser totalmente aberto, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, sem interferência e correções dos gestos motores. Para a faixa etária de 11- 12 anos, o ensino deve ser parcialmente aberto, isto é, há breves correções na técnica dos movimentos. Na faixa de 13- 14 anos, o ensino deve ser parcialmente fechado, pois se inicia o processo de especificidade dos gestos de cada modalidade na procura da especialização esportiva e somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado, específico de cada modalidade coletiva e também o aperfeiçoamento dos sistemas táticos que cada

modalidade necessita. Nessa forma de ensino-aprendizagem, a técnica (habilidade motora) estará sendo desenvolvida em situações que acontecem na maior parte do tempo nos jogos coletivos. Assim, a assimilação por parte dos alunos/atletas será beneficiada e posteriormente a prática constante poderá predispor a especialização dos gestos motores que permanecerão para o resto da vida.

Greco e Benda (1998) fazem uma proposta em relação ao desenvolvimento dos esportes coletivos chamada de “iniciação esportiva universal”, utilizando-se para isso de princípios pedagógicos, dentre outros. Os autores dividem o trabalho em nove fases de acordo com a idade pautadas pela estrutura corporal, relacionando-as à intensidade, ao direcionamento e a frequência da prática esportiva, a saber: fase pré-escolar; fase universal; fase de orientação; fase de direção; fase de especialização; fase de aproximação; fase de alto nível; fase de recuperação e fase de recreação e saúde. Eles também sugerem o ensino através do método situacional, no qual situações isoladas dos jogos são reproduzidas e apreendidas com números reduzidos de praticantes. Além disso, defendem que a técnica esportiva é praticada na iniciação aos conceitos da tática, ou seja, aliando o "como fazer" a "razão de fazer". Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional, mas sim de utilizá-los como um importante recurso, evitando o ensino somente pelos exercícios analíticos, os quais podem não garantir sucesso nas tomadas de decisão frente às situações, por exemplo, de antecipação, que ocorrem de forma imprevisível nos jogos esportivos coletivos (GRECO; BENDA, 1998).

Garganta (1998) destaca dois pontos principais a serem desenvolvidos e que devem fazer parte de qualquer abordagem em relação a essa temática: a inteligência e a cooperação. Em relação à pedagogia do esporte, o autor enumera duas abordagens pedagógicas de ensino: a primeira é mecanicista, centrada na técnica, na qual o jogo é decomposto em elementos técnicos, como o passe e o drible. Os gestos são aprimorados, especializados, e suas consequências mostram o jogo pouco criativo, com comportamentos estereotipados e problemas na compreensão do jogo, com leituras deficientes do ponto de vista tático. As situações problema ocasionadas pelas reais situações de jogo são pobres e podem provocar desvios na evolução do atleta. Na segunda abordagem, cita as combinações de jogo contidas na tática por intermédio dos jogos condicionados, voltados para o todo, nos quais as relações das partes são fundamentais para a compreensão do jogo, facilitando o processo de aprendizagem da técnica. O jogo é decomposto em unidades funcionais sistemáticas de complexidade crescente, nas quais os princípios do jogo regulam a aprendizagem. As ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada.

Garganta (2002), também ao analisar diversas metodologias de ensino nos esportes coletivos, conclui ser evidente que os procedimentos pedagógicos auxiliem no desenvolvimento integral dos sujeitos envolvidos no universo esportivo, propiciando que os mesmos também possam desfrutar do caráter socioeducativo do esporte, seja ele um futuro atleta, admirador ou praticante contínuo da modalidade, utilizando o esporte como uma das ferramentas no exercício pleno da sua cidadania. O autor conclui esse estudo afirmando que para a obtenção de bons resultados no trabalho com futebol, o fator conhecimento científico adquirido pelos seus treinadores torna-se essencial, não só pela apreensão dos procedimentos pedagógicos que advém da ciência, mas também por ser ele um esporte que apresenta uma realidade complexa na qual o jogador tem que, em um determinado tempo, relacionar-se com a bola e simultaneamente referenciar sua situação no campo de jogo, identificando a posição de seus companheiros de equipe, das balizas e dos adversários. Toda esta complexidade de ações simultâneas impõe que o seu ensino seja gradual: do fácil para o difícil, do conhecido para o desconhecido, do menos para o mais complexo. Portanto, antes de chegar aos problemas do jogo formal, há que se estabelecerem aspectos anteriores de aprendizagem passíveis de hierarquização, em função dos elementos presentes no jogo: bola, jogador, balizas, companheiros de equipe e adversários.

Paes (2002), acerca dessa pluralidade de possibilidades e diferentes concepções no ensino do esporte, tanto em relação às suas técnicas quanto em relação à discussão de valores embutidos em sua prática, afirma ser indispensável uma boa condução no ensino do esporte, destacando que, além do enfoque técnico-tático, outros princípios como cooperação, convivência, participação, emancipação e coeducação deverão fazer parte deste ensino.

A concepção mencionada por Duarte (2006) baseia-se na perspectiva sistêmica do treino apresentada sob três modelos de sistematização: analítico, integrado e sistêmico. O modelo analítico presume a fragmentação dos vários fatores do rendimento (físico, técnico, tático e psicológico) para serem treinados em separado e, posteriormente, integrados à situação de jogo. O modelo integrado é concebido pela presença da bola nos exercícios de forma a assegurar uma relação entre os fatores de rendimento. O modelo sistêmico, em que a bola também está presente desde o primeiro dia de trabalho, pressupõe a modelação dos jogadores à forma de jogar idealizada pelo treinador.

Já Galatti (2006, p.24) elenca em seu estudo características de dois referenciais necessários ao ensino do esporte:

- 1) Referencial técnico-tático: métodos de ensino e aprendizagem; planejamento ao longo do período (mês, bimestre, semestre, ano...); organização de cada aula/treino;

adequação da proposta ao grupo de trabalho; aspectos técnicos; aspectos táticos; aspectos físicos;

- 2) Referencial socioeducativo (objetivos): promover a discussão de princípios, valores e modos de comportamento; propor a troca de papéis (colocar-se no lugar do outro); promover a participação, a inclusão, a diversificação, a coeducação e a autonomia; construir um ambiente favorável para o desenvolvimento de relações intrapessoais (individuais) e interpessoais (coletivas); estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes com a vida em comunidade.

Júlio e Araújo (2005) observaram que quando o treinamento no futebol é específico para um determinado confronto, a preparação do grupo se baseia em orientações específicas que definem a maneira de jogar de acordo com as normas de conduta do adversário, as condições de jogo e as estratégias definidas pela equipe, considerando sempre o conhecimento tático dos jogadores.

Para Gomes (2008) não existe um modelo de jogo único, universal, porque cada clube possui uma cultura de jogo e, cada treinador, suas concepções e adaptações a essa cultura. Estes fatores determinam os objetivos comportamentais, particulares de cada equipe. A construção de um modelo de jogo deverá evidenciar uma propriedade única, aberta às contingências das interações entre os diferentes agentes (treinadores, jogadores, cultura), variando de acordo com cada clube.

Por isso, apesar das tarefas de incidência técnica ou tática exigir sempre na sua base componentes das capacidades motoras tais como resistência, força, velocidade e/ou flexibilidade e do reconhecido avanço que as metodologias de treino propiciaram à preparação dos atletas para as competições percebe-se, ainda hoje, uma falta de sincronismo entre a lógica do ensino utilizado, a lógica funcional do jogo e a lógica pedagógica sugerida na literatura, uma vez que se constata baixa preocupação com os aspectos relacionados ao contexto do jogo, à tomada de decisão, à aprendizagem dos gestos técnicos de forma situacional, ao desenvolvimento do raciocínio tático e à iniciativa individual (GOMES, 2008).

Na análise de Oliveira (2008), o treinamento de ações defensivas e ofensivas (princípios de jogo) é fundamental dentro do treinamento do futebol e corresponde a padrões de comportamentos táticos evidenciados nas escalas coletivas intersetorial e setorial e na escala individual, esperados pela equipe nos diferentes momentos do jogo. Esses princípios definem-se como um conjunto de códigos que proporcionam possibilidades de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos das situações com as quais se

defrontam. Esse caráter organizativo constitui-se em alicerces para se jogar um futebol de qualidade.

Para Ramos (2000), Lázaro; Oliveira (2002) e Gomes (2008), a maioria dos métodos de ensino dos esportes coletivos presentes nos clubes e analisados em seus estudos parece conduzir os futebolistas para a dependência e a impossibilidade de gestão da ação individual e coletiva, já que as situações de ensino e treino não confrontam o jogador com o novo, o inesperado e nem exigem deles a capacidade criativa. Assim, ao se estruturar o treino nesses moldes, limita-se a aprendizagem dos jogadores em situações de jogo que requerem as ações de cooperação/oposição e que serão imprescindíveis no entendimento da filosofia do mesmo.

Barbanti e Tricoli (2004) concluíram em seus estudos que o processo de ensino-aprendizagem e treinamento presente nas escolinhas de esportes e na maioria dos clubes de futebol profissional que possuem categorias de base, lamentavelmente reproduz as habilidades específicas da modalidade à maneira dos adultos, desconsiderando o estágio de desenvolvimento, as particularidades, as experiências e a capacidade dos jovens. Essa prática no Brasil é tão comum que para eles não há dúvida de que a iniciação esportiva em todas as modalidades se faz através do aprendizado das habilidades motoras específicas do esporte praticado. Segundo os autores, “desde o primeiro dia em que uma criança entra para uma ‘escolinha de futebol’ ela aprende o passe, o chute, o drible, o cabeceio e o controle da bola...” (BARBANTI; TRICOLI, 2004, p.209).

Santana (2001) e Montagner, Silva (2003) demonstram a necessidade de desenvolver um trabalho de base avesso ao imediatismo de resultados em competições, estabelecendo que estudos sobre a seleção de talentos estejam associados diretamente ao treinamento em longo prazo. Isto reforça a necessidade de um processo pedagógico e metodológico dentro de um tempo suficiente que permita o treinamento visando aprimorar as características particulares do jogo de futebol, além de considerar o contexto cultural no qual o atleta está inserido. A preocupação em formar atletas visando à competição pode, muitas vezes, gerar um processo de especialização precoce nos garotos, que deve ser evitado, principalmente em categorias mais novas.

Assim, Leite (2007) acredita que o ensinar esporte às crianças é muito mais que apenas repetir treinamentos de pessoas adultas, para além, é contribuir para a sua formação integral: suas habilidades motoras, desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. Para Santana (2005), o erro pode ser entendido como um importante elemento na aprendizagem, ao passo que a criança se sentirá aceita para jogar e se expressar plenamente se souber que não será recriminada e nem julgada caso erre determinada ação proposta no treino. Já Ferreira H.

B. (2004) aborda a necessidade, dentro de uma metodologia pautada pela pedagogia, da facilitação, através do treinador, de momentos de reflexão e diálogo durante os treinos a fim de transformar situações adversas no ambiente esportivo em ricas e significativas experiências não só para o jogo, mas também para a vida.

De acordo com Freire (2003) não basta apenas ensinar “jogadas” no treinamento do futebol, mas sim em ensinar crianças e jovens a jogar e a compreender as dinâmicas e as estruturas do jogo de forma a jogar para aprender a jogar, cabendo ao treinador planejar suas aulas com conteúdos diferentes contemplando: jogos, jogos adaptados, de espaços reduzidos, com inferioridade, superioridade, igualdade numérica, com demandas técnicas, defensivas e ofensivas.

Por exemplo, na escola, Freire e Scaglia (2003) propõem que o esporte deverá ser desenvolvido de forma a estimular os indivíduos à tomada de consciência, percorrendo um caminho que o leve à autonomia, fazendo com que o indivíduo tenha compreensão de sua própria prática. Para Scaglia (2006), no treinamento do futebol na escola, somente depois que os alunos contextualizarem e vivenciarem todas as posições e suas funções é que eles terão a oportunidade de escolher em qual posição pretendem jogar, segundo seu gosto e desempenho individual. Ainda sobre o esporte escolar, Galvão et al. (2005) abordam questões fisiológicas e biomecânicas em sua proposta de metodologia de ensino do esporte, mas também destacam ser essencial à cooperação dentro da equipe e em relação à outra equipe, o respeito às regras do jogo e a importância das atividades propostas envolverem todos os integrantes do grupo. Além disso, preocupam-se com a mídia estimulando uma postura crítica do espectador em relação às mensagens transmitidas durante os espetáculos televisionados.

## **2.3 Caracterização da Educação Física: história, procedimentos e a disciplina futebol nas Instituições de Ensino Superior**

### **2.3.1 História da Educação Física e a relação com seus procedimentos de trabalho**

Durante a história da Educação Física no Brasil, observamos sua inserção em diferentes contextos na sociedade: tanto na área da saúde quanto na área esportiva (CASTELLANI FILHO, 1988). Agora novamente ela volta a ser inserida como integrante da área da saúde. (CASTRO; GONÇALVES, 2009)

Concomitantemente, também foram atribuídas aos seus profissionais diversas funções, de acordo com a característica atribuída à Educação Física em cada época: promover e manter a saúde, desenvolver as habilidades motoras e as capacidades físicas de seus praticantes, preparar e capacitar indivíduos para fins militares e competições esportivas e até mesmo investigar atletas olímpicos. Hoje, estas funções estão estipuladas e regulamentadas pela Lei n. 9.696/1998.

Acerca do processo histórico referente à Educação Física, Góis Júnior e Loviloso (2003), afirmam que a relação da Educação Física com os médicos e os militares possui uma ampla exploração nas pesquisas de campo, mas a Educação Física situa-se com certa inferioridade em relação às outras duas instituições. Quando pensamos nas particularidades ligadas à formação profissional e aos problemas de identidade e legitimidade, vemos a utilização por parte da Educação Física do referencial teórico e da força política do movimento higienista, nutrindo-se da forte relação com a medicina e a biologia, até como forma dos educadores se contraporem a preponderância militar neste âmbito de intervenção social.

Deste modo, Melo (1996) retrata que a relação com o campo biomédico auxiliou no processo de institucionalização da Educação Física, assim como os filósofos e educadores. Tais relações possuem menos predominância nos trabalhos que continuavam no ideário militar do que nos planos teóricos e políticos constituindo-se, nesse processo, a dicotomia entre saúde e Educação Física, consolidando a enorme dualidade entre um referencial teórico fundamentado na saúde e uma prática constituída no exercício da caserna.

De acordo com Melo (1996), o primeiro curso destinado a civis em Educação Física iniciou-se em 1931 pelo estado do Espírito Santo. Já no estado de São Paulo iniciou-se de forma mais sistematizada em 1934. Em 1938, ocorre a primeira mudança na proposta de

formação do profissional de Educação Física, aliada a criação de cursos em caráter emergencial pela escola superior do exército.

No ano de 1939, acontece a abertura, através da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), do primeiro curso de graduação em Educação Física de nível superior, com duração de dois anos (MELO, 1996).

Assim, dois profissionais eram formados de maneiras distintas nesse período: o professor que atuava na docência em escolas e também na ENEFD e o instrutor com atuação junto à sociedade civil (AZEVEDO; MALINA, 2004).

Neste período (primeiras décadas do século XX), a Educação Física era renegada por se tratar de uma ciência que se apropriava do corpo físico, que carregava a desvalorização de uma herança colonial do trabalho manual e da mão de obra servil escrava, enquanto o país passava por mudanças sociais carregadas de preconceito por parte das classes sociais ascendentes, que preconizavam valores culturais advindos da Europa em todos seus padrões de condutas, modos e costumes (AZEVEDO; MALINA, 2004).

Corroborando com esta visão, Oliveira (1998, p. 5) descreve que “[...] a estrutura colonial rendia dividendos ideológicos e aumentava o preconceito em relação ao trabalho físico”, contraditoriamente ao impulso político que a Educação Física obteria.

Desde essa época até os dias de hoje, a influência biomédica sempre apareceu fortemente na fundamentação teórica da Educação Física, com todos seus aspectos anátomos-fisiológicos e higienistas de sociedade e ser humano.

Mesmo tornando-se aliada no âmbito da saúde pública, não obtinha o mesmo reconhecimento de outras áreas médicas, pois não tinha um corpo próprio de conhecimento científico, sendo apenas um instrumento de recebimento de ordens de outras áreas “superiores” (SOARES, 2001).

Essa ausência de um campo forte de conhecimento científico próprio, fez com que os currículos das escolas de formação em Educação Física se apropriassem de fundamentação teórica proveniente de médicos e biólogos, enquanto os militares se apropriavam da prática pedagógica e da didática.

Concomitantemente, a ginástica, outra disciplina fundamental no cenário da Educação Física, ganha força nesse processo, como demonstram as pesquisas de Soares (2001; 2006; 2009), se sobressaindo diante das demais práticas corporais, desempenhando um papel marcante sobre a necessidade da realização de exercícios pela sociedade, bem como de um profissional que os instrua.

Vale ressaltar que o perfil dos instrutores e professores desses exercícios era baseado no conhecimento prático, enquanto o fundamento teórico-metodológico dessa prática era deixado de lado.

Logo em seguida, o esporte se junta à ginástica, e os principais esportistas da época se faziam presentes nos cursos de formação profissional em Educação Física (AZEVEDO; MALINA, 2004).

Essa inserção caracterizou o modelo curricular denominado de “tradicional esportivo” (BETTI; BETTI, 1996). Esse modelo era pautado pela exercitação sistemática e transição de conhecimentos, gerando uma valorização ainda maior da ginástica e das modalidades esportivas.

Portanto, ao final de todo esse processo compreendido pelas primeiras décadas do século XX, apesar dos militares exercerem um influente papel no processo de consolidação e desenvolvimento da Educação Física, foi realmente no âmbito escolar e com o discurso biomédico que ela conquistou seu espaço no cenário nacional e social (BARROS, 2001).

Em seguida, segundo Melo (1996), mesmo a Educação Física estando voltada à formação de professores desde sua concepção em nível superior, foi segregada das outras licenciaturas nas questões administrativas.

Não havia disciplinas pedagógicas em seu currículo de formação profissional até a década de 1960, como constataram Azevedo e Malina (2004). Ela continuava tendo seus conhecimentos pautados pela prática e pela execução de técnicas eficazes e corretas do saber fazer, mesmo após a reforma do ensino superior orquestrada após o golpe militar em 1964, devido exigências e acordos assinados com a Agência Internacional de Desenvolvimento dos Estados Unidos (USAID).

Azevedo e Malina (2004) destacam a coordenação pela professora Maria Lenk, então diretora do ENEFD, na realização da reforma curricular da Educação Física em 1968, junto com outros diretores de escolas do país, da qual resultou a Resolução CNE/CP n. 69/69, que instituía disciplinas de cunho pedagógico em seu currículo, em contrapartida, os professores de algumas disciplinas tais como administração e história, foram remetidos às Faculdades de Educação.

Então, podemos verificar que se perdeu uma oportunidade histórica de unidade entre teoria e prática, prejudicando academicamente a intervenção social e a formação profissional dos egressos, pois o afastamento de professores em nada contribuiu na realização dos diálogos que poderiam ser travados entre eles e os responsáveis pelas práticas corporais como a ginástica e os outros esportes.

Essa formação, agora eminentemente técnica, permaneceria assim por ao menos duas décadas, e para todos os efeitos, manteve-se a equiparação dos instrutores de Educação Física formados pelas Escolas do Exército com os licenciados em Educação Física, pois os mesmos ainda se faziam valer do Decreto-Lei n. 5.353/1943 (BAPTISTA, 2002).

Com o advento da abertura política e da crescente força produtiva da técnico-ciência, o modelo curricular da Educação Física altera-se novamente, passando de técnico-esportivo para o de orientação técnico-científico, fazendo com que aumentasse mais a teorização, através da necessidade de busca cada vez maior por parte de seus profissionais pelos conhecimentos especializados que contribuiu de forma decisiva no distanciamento entre o saber fazer e o saber científico, reforçando a dicotomia teoria e prática e aumentando a dualidade na intervenção e na formação (BETTI; BETTI, 1996).

Essa quebra na formação e a dualidade de diretrizes aliada a um mercado interessado em campos de conhecimento e intervenção cada vez mais numerosos e especializados dão origem a diversas inquietações no cenário brasileiro da Educação Física, culminando com a mudança na formação acarretada pela criação do curso de bacharelado em Educação Física no ano de 1987 (SOUZA NETO, 1999).

Observamos em meio a todo esse processo histórico, que a Educação Física sofreu alterações significativas e mudanças constantes em diversos aspectos que englobam suas particularidades de campo tais como: currículo, legislação que a regulamenta, área de atuação abrangida, tipo de formação profissional etc.

Particularmente em relação à formação profissional, responsável por instituir os procedimentos que os futuros profissionais utilizarão como intervenção durante a sua prática, verificou-se que essas constantes mudanças fizeram com que esses procedimentos fossem pautados por áreas de conhecimento diferentes, ora pela militarização da área, outrora pela pedagogia do ensino, e atualmente, com a nova inserção na área da saúde, surge à necessidade desses procedimentos serem alterados novamente, fazendo com que a Educação Física se adeque a determinados expedientes de outras profissões já existentes previamente nessa área, como a enfermagem e a medicina, que detém como uma de suas premissas a homologação e a confecção de manuais de procedimentos que estabelecem preceitos para a atuação em diversas situações no trabalho (PASQUIM, 2010).

Contudo, quando nos referimos ao processo de criação de manuais de procedimentos, observamos que a Educação Física ainda está muito aquém do ideal, por conta das dificuldades de afirmação dentro da área da saúde, ocasionada por um processo ainda contemporâneo e conturbado, que sobrevém em meio a mudanças e questionamentos no

currículo, consolidação ainda não referendada da Educação Física enquanto profissão e insignificantes políticas públicas inseridas a estes profissionais de maneira adequada em ações ligadas com outros profissionais da saúde (PASQUIM, 2010).

Para Drigo e Cesana (2011), outros fatores também corroboram para que o processo de afirmação da Educação Física na área da saúde seja prejudicado, como por exemplo, o fato da Educação Física sofrer de uma herança escolar cujos métodos de trabalho eram pautados pela área pedagógica na atuação docente e pela grande influência do modelo prático utilizado na área esportiva, advindo de uma pedagogia artesanal utilizada principalmente por ex-atletas, que deixou lacunas em modelos de atuação baseados na ciência.

Portanto, percebem-se dificuldades na construção de protocolos para a Educação Física que, apesar de mudanças ocorridas em seu currículo em relação à formação profissional voltada à atuação na saúde, não possibilitaram em seus resultados ações adequadas em atuações conjuntas com outros profissionais da saúde (COQUEIRO; NERY; CRUZ, 2006).

Mesmo assim, em 2010 houve a criação de um manual de procedimentos de Educação Física na área de saúde, devido à participação do profissional de Educação Física nos Núcleos de Apoio de Saúde da Família (NASF), sinalizando um avanço na literatura disponível para consulta com o objetivo de auxiliar no trabalho desses profissionais. Esse manual pode ser considerado um marco na história da Educação Física brasileira, por ser o primeiro a demonstrar de forma sistematizada procedimentos de trabalho do profissional de Educação Física atuante no atendimento à saúde (CONFED, 2010). O manual, de maneira geral, é básico, quando comparado a outros manuais similares existentes em outras profissões da área de saúde, possibilitando evoluções em suas edições futuras, sugestão contida no próprio manual.

Essa sugestão fica evidenciada logo na apresentação do manual, assinada pelo presidente do CONFED, Stenhilber (2010), onde o mesmo explana que o seu conteúdo é passível de atualização constante, e que o seu emprego dependerá da realidade encontrada pelo profissional de Educação Física no local de atuação, o que denota uma fase ainda de testes das condutas e procedimentos de trabalho pré-estabelecidas no manual, fruto provavelmente da recente inserção do profissional de Educação Física na área da saúde. Já no prefácio, assinado por Haddad (2010), destaca-se a importância do direito à saúde estabelecido pela Constituição Brasileira em 1988 e a inserção do profissional de Educação Física neste campo em 1997, além de esclarecer a importância de esse profissional estar inserido nas equipes multidisciplinares de saúde pública, funcionando como mais uma ferramenta em prol da obtenção de qualidade de vida para a população atendida.

Logo adiante, no tópico contextos e perspectivas, evidencia-se a evolução e o avanço do atendimento do Sistema Único de Saúde (S.U.S.), no atendimento as famílias brasileiras, culminando com a criação dos NASF, composto por uma série de profissionais de saúde, inclusive o profissional de Educação Física. O estreitamento das relações desse profissional com a área de saúde também é apontado através do avanço das publicações científicas relacionadas a esse assunto. Nas áreas e níveis de intervenção, é explicitado o que compete a cada uma das três intervenções na área de saúde (primária, secundária e terciária), que sucessivamente, exigem um grau maior de conhecimento científico a quem com elas irá atuar (CONFEEF, 2010). O manual apresenta em seguida a íntegra das competências gerais e específicas do profissional de Educação Física, estabelecidas pelo CONFEEF em 2002, e a consequente relação dessas competências com a área de saúde, delimitando através delas, o que o profissional de Educação Física pode ou não fazer nesse campo de atuação (CONFEEF, 2010).

Apesar do avanço da Educação Física em relação à afirmação e consolidação de seus procedimentos de trabalho referendados através da criação desse manual, observamos que ele apresenta deficiências quando comparado com outros manuais existentes em outras profissões na área de saúde.

Algumas dessas deficiências são evidentes, como o reduzido número de autores, a ausência de uma revisão técnica, a falta de aprofundamento na parte de intervenção profissional propriamente dita nas três áreas (primária, secundária e terciária), evidenciada pelo conteúdo pouco detalhado dos tópicos referentes ao atendimento na saúde em suas mais diversas enfermidades, além da pequena revisão bibliográfica realizada (CONFEEF, 2010).

Além disso, em relação à intervenção terciária, o manual aponta para a necessidade do profissional de Educação Física possuir formação específica na área de saúde que o possibilite a trabalhar em casos de reabilitação grave, demonstrando claramente a deficiência da formação desse profissional para a habilitação ao trabalho na área de saúde nos cursos de graduação em Educação Física (CONFEEF, 2010).

O manual também aponta que as ações do profissional de saúde podem ser exercidas em todos os níveis de prevenção e tratamento, vinculados ou externos ao S.U.S. Mesmo desvinculados do sistema de saúde, programas desenvolvidos em academias de ginástica ou outros espaços de aplicação e orientação de atividades físicas, podem oferecer possibilidades de conhecimento e vivências corporais que ao privilegiarem a interação dos domínios motor, cognitivo e afetivo, contribuem, de forma decisiva, para minimizar as chances de aparecimento de doenças crônicas não transmissíveis, melhorando a saúde dos beneficiários,

prolongando o período de vida ativa e contribuindo para uma melhor qualidade de vida. Um maior destaque é dado às recomendações de atuação na intervenção terciária, onde fatores de risco como a obesidade, o diabetes mellitus e doenças cardiovasculares possuem campos específicos de explicação de condutas e procedimentos de trabalho destinados ao trabalho para com indivíduos que possuam tais fatores (CONFEF, 2010).

O encerramento do manual aborda a importância não só do conhecimento técnico-científico para o bom exercício profissional, mas também a utilização da ética. Inclusive aponta que já existe o Código de Ética dos Profissionais de Educação Física, instituído pela Resolução CONFEF n. 056/2003, definida como um instrumento legitimador do exercício da profissão e articula as dimensões técnica e social com a dimensão ética, de forma a garantir, no desempenho da profissão, a união de conhecimento científico, atitudes e comportamentos que referendem o saber próprio da área de Educação Física de modo a traduzir um saber bem e um saber fazer bem (CONFEF, 2010).

Questões de ética também são abordadas no manual como responsabilidade profissional, e implicam que, ao intervir na saúde o profissional de Educação Física deve atuar em áreas/funções para as quais possua conhecimento técnico e capacidades específicas, além da necessidade de conhecer normas e legislações pertinentes, ter atitudes pessoais que denotem respeito às pessoas, manter-se atualizado e adquirir competências pessoais para atuação em equipes multiprofissionais.

O manual contempla de forma tímida os procedimentos de atuação do profissional de Educação Física na intervenção primária da saúde, que é a responsável fundamental pela prevenção e promoção da saúde, pois engloba atividades esportivas e de lazer.

Erros em citações e erros de ortografia também são encontrados ao longo do manual, evidenciando a falta de cuidado em sua confecção e a ausência de uma revisão técnica presente em outros manuais existentes na área de saúde.

O que não podemos negar é a importância da criação desse manual, que poderá servir de base nas ações de trabalho dos profissionais de Educação Física na área de saúde, não nos esquecendo, porém, que como o próprio manual sugere, o mesmo é passível de correções e atualizações futuras, conforme o desenvolvimento que é sempre constante nesse campo e em outras áreas de atuação da Educação Física, como o esporte, o quadro em relação aos procedimentos profissionais é ainda mais carente, pois nem sequer existem manuais referendados e aceitos como padrão de utilização pelos profissionais da área.

O que existem e inclusive já foram citadas anteriormente, são apenas propostas de metodologias de trabalho e sugestões de conteúdos a serem abordados em ações voltadas a uma prática pedagógica no processo de iniciação esportiva.

### **2.3.2 Ética, procedimentos e intervenção em Educação Física**

O conceito de ética, termo de origem grega, pode ser definido de maneira mais global, como nada mais que uma maneira de ser, o caráter do ser humano, enfim, uma conduta (CAMARGO, 1999).

Silva et al. (2004, p. 160) destaca que “a ética pode ser entendida como a ciência da conduta humana perante os seus semelhantes, estabelecendo um conjunto sistemático de conhecimentos racionais e objetivos a respeito do comportamento moral do homem”.

Dessa forma, ética passa a ser juízo de valor, uma referência para a vida pessoal e profissional.

Na obra de Almeida (2004, p. 195) “ética profissional é o conjunto de princípios que regem a conduta funcional de uma profissão”. Através de tal afirmativa, o autor apresenta que toda profissão tem suas normas de conduta, devendo ser regidas por valores e princípios que devem ser seguidos de maneira rigorosa.

Através dessa perspectiva, de acordo com Drumond (2004, p. 64): “toda profissão deve estar fundamentada em técnicas ou procedimentos específicos, no aprimoramento profissional e na ética, a qual também pode ser entendida como um conjunto de valores morais que são especificamente aplicados à prática de um ofício ou atividade”.

Nesse caso, após a regulamentação da Educação Física em 1998 (BRASIL, 1998), deu-se a necessidade da criação e implantação de um código de Ética que norteasse os profissionais em relação às condutas, principalmente por se tratar de uma das profissões da área da saúde que trabalha com o corpo humano em exercício físico, com contato físico entre profissionais e clientes, além de trabalhar com todo tipo de faixa etária e ambos os gêneros.

Este código surgiu mais precisamente no ano 2000, e apesar de ser um documento extremamente importante para os profissionais da área, ainda não é conhecido por grande parte deles (FABIANI, 2009).

Vale ressaltar que estamos estudando os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol de categorias sub-15, que apenas preferencialmente deve estar formado em Educação Física para exercer suas funções, o que não o exime que suas práticas de trabalho estejam pautadas pelos princípios éticos, pois esses princípios devem permear todo tipo de

relação humana (SILVA, 2004).

Levando-se em consideração o estudo de Fabiani (2009), sobre o desconhecimento do profissional de Educação Física em relação ao código de ética que normatiza os preceitos éticos de sua profissão, surge uma indagação: Será que o profissional de Educação Física está se atentando no que se concerne à conduta ética na utilização de procedimentos em sua intervenção profissional?

Para ajudar a esclarecer essa indagação, recorreremos ao estudo de Nascimento, Soriano e Fávaro (2007, p. 2), onde afirmam em relação aos erros na intervenção do profissional de Educação Física que:

(...) as ações, procedimentos ou atividades que são atribuídas a uma categoria profissional, ainda que não lhes seja exclusiva ou privativa, estão expressas na legislação prescritiva da profissão, onde de um lado, os profissionais são considerados peritos em uma atividade e podem exercê-la no mercado de empregos ou de locação de serviços, em contrapartida, por terem assegurado o monopólio de profissão, respondem por imperícia, negligência ou imprudência pelos danos que vierem a causar e ou pelos prejuízos que porventura resultarem do exercício de atos inerentes da sua profissão – os chamados erros profissionais.

Esse estudo permitiu verificar que os profissionais de Educação Física não conseguem definir e avaliar as consequências de sua intervenção profissional (NASCIMENTO; SORIANO; FÁVARO, 2007).

O principal motivo para que esta situação ocorra, baseia-se, segundo os resultados obtidos pelos autores, na falta de clareza sobre o significado e possível origem do erro.

Uma possível explicação para que ocorra essa situação é que, segundo Freidson (1998, p.105):

(...) poucos autores destacam com mais ênfase e rigor as características do conhecimento profissional: (a) sua origem; (b) como é estabelecido e reconhecido e (c) como seu desenvolvimento e utilização são organizados, avaliados e controlados, especificamente, poucos têm sido os estudos sobre o conteúdo da ideologia profissional e menos ainda do conteúdo do conhecimento profissional como ideologia.

Portanto, para Nascimento, Soriano e Fávaro (2007) a ampliação da visão sobre o erro na Educação Física pode gerar dois pontos centrais de discussão: primeiro, sob o aspecto positivo, porque permite a visualização e adequação de resultados, objetivos e tarefas profissionais; segundo: o não reconhecimento das consequências da intervenção profissional configura-se como uma situação muito preocupante, pois perigosamente não se pondera a

possibilidade de errar durante a ação profissional e, muito menos, de ser responsabilizado por suas ações.

Além da dificuldade em definir o erro, o estudo também constatou que os profissionais não apontariam o erro de um colega profissional, tendo como justificativa a “falta de respeito”, traduzindo-se na fala deles, em uma “atitude antiética”. Entende-se a partir de afirmações como esta, que ocorre uma distorção do conceito de ética, pois a ética se justifica quando trabalha em favor tanto de um lado (profissionais) como de outro (sociedade). Logo, transparece a falta de seriedade com que é encarada a relação: profissional-cliente, apesar de existir uma preocupação maior com a qualidade dos serviços oferecidos na área (NASCIMENTO; SORIANO; FÁVARO, 2007).

Assim, é importante a observação de como são estabelecidas as relações dentro do mercado de trabalho na área da Educação Física, principalmente diante das transformações atuais. Essa observação permite verificar como e quando os profissionais reconhecem as responsabilidades de sua intervenção profissional. Tal perspectiva possibilita visualizar a vulnerabilidade dessa interação entre usuários do serviço e profissionais como consequência da relação de poder estabelecida entre profissionais e clientes (NASCIMENTO; SORIANO; FÁVARO, 2007).

### **2.3.3 Panorama do Ensino na Disciplina Futebol nas Instituições de Ensino Superiores nos cursos de Educação Física no Estado de São Paulo**

A construção curricular do curso de Educação Física, desde tempos atrás, apresenta vários problemas que envolvem a definição do perfil de formação pretendida, bem como a preparação de profissionais que prestam serviços à sociedade brasileira no campo da Educação Física apontada nos estudos de Barros (1993), Costa (1988) e Mariz de Oliveira (1988).

Mudanças curriculares no curso de Educação Física surgem de maneira mais contundente a partir de 1987, com a implantação do curso de bacharelado. As escolas de ensino superior em Educação Física na busca de uma formação eclética do "professor" formavam profissionais de perfis desorientados e indefinidos em relação ao seu campo profissional (TANI, 1991). Somente após a criação da Resolução CFE n. 03/1987, houve a necessidade de reflexão sobre pontos básicos para a formação do bacharel em Educação Física (SOUZA NETO, 1999).

O curso de bacharelado fez com que surgissem propostas curriculares que

oferecessem um perfil de formação condizente com o mercado de trabalho. Esse fato, aliado a maior autonomia da instituição na elaboração do currículo, possibilitou ajustar a proposta curricular às características regionais, de acordo com as instalações e com o mercado de trabalho pertencente à sua região geográfica. Como resultado, uma variedade de mais de cem currículos diferentes de preparação profissional na área de Educação Física foram implantados nos mais dos cem respectivos cursos de graduação existentes naquela época (ELLIS, 1988).

Assim, o paradigma da missão central das Instituições de Ensino Superior (IES) em formar apenas professores para escolas de primeiro e segundo graus foi superado a partir da criação do curso de bacharelado (ELLIS, 1988). Com a possibilidade de formar licenciados e bacharéis com perfis de atuação diferenciados, surgiram outras possibilidades de atividades profissionais. Entretanto, as funções de treinador desportivo e professor continuaram a ter posição de destaque no rol de opções (LAWSON, 1984; SAGE, 1987; ELLIS, 1988).

Atualmente, o perfil de formação do licenciado em Educação Física está baseado na Resolução CNE/CP n. 01 e 02/2002 e do bacharel pela Resolução CNE/CS n. 07/2004 e n. 04/2009. As IES possuem autonomia e flexibilidade para organizarem seus currículos conforme o perfil de formação profissional pretendido (licenciatura e/ou bacharelado). Esta liberdade contribui para a diversificação dos conteúdos oferecidos conforme as necessidades de cada IES, mas por outro lado, dificultou a definição da identidade dos cursos de licenciatura e bacharelado pelo fato das disciplinas sofrerem constantes alterações em relação aos conteúdos de ensino e a continuidade ou não de determinadas disciplinas na grade curricular das IES.

Consequentemente, essas alterações também afetaram o ensino do futebol e suas respectivas disciplinas oferecidas nas mais diversas IES brasileiras, o que nos levou a analisar questões referentes ao ensino dessa modalidade esportiva nos cursos de Educação Física em diferentes IES. As IES escolhidas para análise foram as três principais IES públicas estaduais do Estado de São Paulo, além de informações analisadas em três das maiores redes particulares de ensino superior do mesmo estado.

As informações foram obtidas no segundo semestre de 2015 em sítios eletrônicos de domínio público que representam essas instituições. É válido ressaltar que não houve contato pessoal com docentes ou representantes das IES para obter informações ou solicitar os planos de ensino.

A análise realizada nos planos de ensino buscou identificar termos que representam as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais nas ementas disciplinares. Neste

sentido, como técnica de análise, utilizou-se da inferência e organização de categorias e subcategorias através da codificação das unidades de análises temáticas, sob a técnica da análise de conteúdo descrita por Bardin (2011) dos termos encontrados durante a interpretação das informações.

O total de cursos de Educação Física analisados nessa pesquisa foi trinta e nove, considerando-se tanto os cursos de licenciatura quanto os de bacharelado, sendo oito cursos em IES públicas e trinta e um cursos em IES privadas.

Em praticamente todas as IES em questão, a disciplina futebol aparece como componente curricular obrigatório em seus respectivos cursos de Educação Física, informação constatada pela análise de suas grades curriculares, exceção feita apenas no curso oferecido em uma das redes particulares, responsável pelo total de sete dos trinta e nove cursos, que ao invés de oferecerem a disciplina futebol, optaram por disciplinas denominadas: fundamentos didáticos pedagógicos do esporte e núcleo de práticas desportivas. Estas duas disciplinas também abordam o futebol de maneira generalizada.

Essa quase unanimidade serve para constatarmos a prevalência do ensino do futebol em meio a centenas de outros esportes nos cursos de graduação de Educação Física no Estado de São Paulo, onde estão locados os treinadores de futebol que são os sujeitos pertencentes aos estudos dessa pesquisa.

A forma de análise das informações da disciplina futebol destas IES está pautada pela análise de conteúdo dos termos encontrados nos planos de ensino que se repetiram ou tinham o mesmo sentido durante a interpretação das informações referentes ao ensino das dimensões do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal.

Essa análise fez-se necessária para avaliarmos qual o direcionamento que o ensino do futebol está tomando nessas IES, ou seja, que tipo de formação que o futuro profissional de Educação Física que optará por trabalhar com o futebol, recebeu durante seus estudos nessa respectiva disciplina, durante o período de sua graduação.

Os conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação na prática de vida (LIBÂNEO, 1994; COLL et al., 2000; ZABALA, 1998).

Apesar de ser uma definição da área da educação, os conteúdos se referem a conceitos, princípios, leis científicas, regras, método de compreensão e aplicação, procedimentos, hábitos, valores e atitudes.

Para Coll et al. (2000) a escolha dos conteúdos a serem ensinados perpassa pelas

seguintes questões: “o que se deve saber?” (dimensão conceitual); “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental); e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal). Enquanto Zabala (1998) acredita que a ampliação dos conceitos permite manifestar o currículo oculto do processo de ensino e aprendizagem.

Os estudos de Zabala (1998), realizados no âmbito escolar explorando a dimensão dos conteúdos de ensino são perfeitamente aplicáveis em áreas de atuação de diversos profissionais que se utilizam ou que deveriam se utilizar da pedagogia em seu trabalho, dentro ou fora da escola, como é o caso dos treinadores de futebol de categorias sub-15.

De forma análoga a dimensão do conteúdo de ensino descrito pela literatura na educação e pensando-se na atuação do profissional de Educação Física, existe a necessidade de dominar técnicas, procedimentos e habilidades que formam um saber fazer. No primeiro contato com seus alunos/atletas ele deverá ser capaz de realizar um diagnóstico das condições psicológicas, motoras, econômicas, sociais, orgânicas, etc. Em seguida, definir os objetivos e planejar uma forma de concretizá-los, selecionando e desenvolvendo as atividades a serem realizadas. Todas essas ações profissionais constituem a dimensão procedimental que caracteriza a profissão (ZABALA, 1998).

O domínio de procedimentos, sabendo ajustá-los às características do aluno/atleta, implicará compreender fatos, princípios e conceitos que formam o saber sobre o desenvolvimento do trabalho do profissional de Educação Física. Assim, o profissional precisa compreender, por exemplo, a sequência de desenvolvimento motor, o conceito de lazer, as consequências fisiológicas do exercício, os aspectos históricos presentes na prática da atividade motora e suas relações sociais.

Entretanto, a dimensão conceitual é fundamental para que o profissional possa tomar as decisões corretas em sua intervenção. Saber sobre e saber fazer não garantem uma intervenção eficiente. Será necessário, antes de tudo, um saber ser, apresentando atitudes e valores que caracterizem uma ação ética, lutando pelo desenvolvimento da profissão, valorizando a busca de conhecimentos e levando seus serviços a toda população, sem quaisquer tipos de discriminação, visando sempre ao bem-estar de seus alunos/clientes, considerando todas as suas dimensões e não apenas os aspectos biológicos. Já em relação à dimensão atitudinal, temos as normas, os valores e as atitudes na constituição de seus principais aspectos (ZABALA, 1998).

Cabe aos docentes universitários possibilitarem a aprendizagem de todas as dimensões do conteúdo de ensino, visando preparar o profissional de Educação Física de forma responsável, consciente e apto à intervenção. Como esse saber a ser aprendido está em

frequente transformação, ao concluir a graduação, o profissional deve estar capacitado para identificar, dentre as novas informações geradas, aquelas mais relevantes para a elaboração, articulação e criação de novos conhecimentos.

De maneira geral, todas as informações contidas nos planos de ensino encontrados reforçam o caráter conceitual como característica principal de ensino escolhido por seus ministrantes.

Muitos termos em comum encontrados nos planos de ensino analisados reforçam a opção por parte dos professores em priorizar a parte conceitual na maneira de ensinar futebol aos seus alunos, tais como: origem e história, as regras, os fundamentos, a evolução e os lances essenciais, dentre outros nessa mesma linha.

Esses termos compõem a maioria dos objetivos contidos nos planos de ensino da disciplina futebol dessas IES, e são reforçados pela vasta bibliografia que contemplam esses assuntos na parte final desses planos.

Em relação à parte atitudinal, podemos afirmar que ela também é contemplada nesses planos de ensino, ainda que de forma discreta, através dos seguintes termos que comprovaram essa abordagem: desenvolver o senso crítico, saber agir de maneira amigável durante as competições e compreender seu exercício profissional dentro do universo do futebol.

Já em relação à parte procedimental, verificou-se que os planos de ensino não contemplaram esse aspecto de forma clara e satisfatória, deixando uma lacuna na formação desses futuros profissionais de Educação Física.

Termos que seriam importantes em relação a esse aspecto na formação não aparecem em nenhum dos planos de ensino analisados, o que nos remete a uma incerteza na maneira como o futuro profissional que optará por trabalhar com futebol em sua carreira na área de Educação Física conduzirá sua atuação em relação aos procedimentos de intervenção em sua prática cotidiana.

Aspectos como intervenção, procedimentos, práticas profissionais e outros tópicos referentes a essa questão procedimental, necessários à atuação do futuro profissional de Educação Física que poderá exercer a função de treinador de futebol são deixados de lado na disciplina futebol durante a graduação.

Essa ausência causará uma deficiência determinante na atuação dos futuros treinadores de futebol oriundos de cursos de graduação em Educação Física, pois a competência procedimental é facilitadora no processo de ensino, vivência e aprendizagem do esporte, trazendo a seus praticantes inúmeras possibilidades de vivenciar experiências socioafetivas individuais e coletivas que podem ser levadas como lições para a vida, além de

solidificar o trabalho do treinador nos mais variados aspectos dentro do universo do futebol.

Portanto, é necessário que as IES reavaliem o direcionamento do ensino relacionado à disciplina futebol na formação dos profissionais de Educação Física que pretendem atuar como treinadores desportivos, bem como estabelecer parcerias com entidades desportivas e com o Ministério do Esporte a fim de proporem cursos de formação e capacitação de treinadores desportivos voltados para o alto rendimento.

### 3 METODOLOGIA

O caminho escolhido para responder o problema de pesquisa elencado se refere ao método fenomenológico-hermenêutico, no qual o sujeito aparece como intérprete do objeto e reside no importante papel das pesquisas qualitativas buscarem desvendar ou decodificar subjetivamente o sentido real que está implícito nos textos, palavras, leis, etc., oferecendo significado a partir da manifestação dos textos e de seus contextos históricos (HEIDEGGER, 2002). Nessa abordagem, o sujeito é que interpreta e dá sentido ao texto a partir do contexto histórico que ocorre, buscando investigar o mundo pessoal das experiências a partir do olhar desse sujeito. O mundo é envolvido de sujeitos que dão sentido e vida ao que está aí, portanto, nas pesquisas com abordagem fenomenológico-hermenêuticas o mundo é visto como inacabado e por isso o conhecimento é um processo dinâmico e constante (HEIDEGGER, 2002). Para Gadamer, os significados são apreendidos pelo sujeito, e é este quem tem a obrigação de compreender o objeto da investigação (GADAMER, 2005). Para Heidegger e Gadamer, a hermenêutica é que recupera o sentido da coisa, levando em consideração a ocupação do contexto histórico que acontece no qual o sujeito interpretativo não pode eximir-se de sua história, pois esta é a condição da busca da verdade. Portanto, a interpretação não é uma questão de método, mas, uma questão relativa à existência do intérprete. Assim, as produções textuais de Heidegger e Gadamer propiciaram o nascimento de uma nova hermenêutica em que o processo interpretativo não decorre da descoberta do “exato” sentido do texto ou da norma, e sim do exame das condições em que ocorre essa compreensão (HEIDEGGER, 2002; GADAMER, 2005).

Já em relação ao tipo de abordagem utilizada, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. De acordo com Molina (p. 95, 2004), nos estudos qualitativos “temos que considerar a existência de problemas que focalizam os aspectos muito específicos de uma realidade maior”, enquanto Flick (2004) aponta que a forma como o pesquisador se comunica com o campo e seus participantes têm um papel importante na produção do conhecimento.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa visa compreender e interpretar a dinâmica das relações sociais, ela não se reduz a operacionalização de números e estatísticas, ela busca explicar o porquê da realidade investigada (THOMAS; NELSON, 2002).

A abordagem qualitativa nasce da necessidade de estudar as ciências humanas e sociais. Em pesquisas sobre educação não foi diferente, com a evolução das pesquisas, a ideia

de decompor o fenômeno e estudá-lo de forma analítica não estava mais sendo capaz de explicar de forma clara a complexidade das variáveis encontradas nos fenômenos.

Contudo, a pesquisa está imersa em um contexto que envolve cenário e personagens próprios alocados em um espaço histórico-social que sofrem influências de aspectos culturais, econômicos e políticos. Assim, a investigação é delimitada pela participação de treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas e tem como objetivo identificar e analisar os procedimentos de trabalho utilizados no exercício da atividade de treinador para atingir os propósitos de formação esportiva e humana de jovens atletas.

### **3.1 Delineamento da Pesquisa**

Após delimitar os objetivos, a pesquisa e o instrumento investigativo foram cadastrados na Plataforma Brasil. Posteriormente, a Plataforma Brasil encaminhou o estudo ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Unesp de Rio Claro, sendo autorizada a sua continuidade em 26 de fevereiro de 2016, sob o protocolo de número 1.426.134.

Para responder os objetivos propostos no estudo, após a revisão de literatura sobre o tema pesquisado, elencamos como instrumento investigativo a aplicação de um questionário semiestruturado direcionado aos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas e posteriormente a escolha de três treinadores para aprofundar as respostas utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada. As informações coletadas, após análise interpretativa, objetivaram compreender e descrever quais são os procedimentos de trabalho utilizados pelos treinadores de futebol participantes desta investigação, utilizando como técnica a análise de conteúdo descrita por Bardin (2011).

#### **3.1.2 Fase Descritiva**

A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as “características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, tendo como uma de suas características mais significativas a “utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (GIL, 2002, p. 42). A definição do questionário tem o “propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc” (GIL, 2008, p. 21).

Nesta perspectiva, a aplicação das questões fechadas buscou investigar: a) dados gerais: identificação e experiência esportiva como treinador; b) formação profissional: formação em Educação Física, pós-graduação e outros cursos. Enquanto que as questões abertas objetivaram identificar e analisar quais são os procedimentos de trabalho utilizados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas, considerando cinco temas geradores: 1) processo de formação; 2) competências que norteiam os procedimentos de trabalho; 3) procedimentos de trabalho utilizados para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15; 4) procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de rendimento esportivo; 5) procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de formação humana.

### **3.2 Estrutura do Instrumento Investigativo**

Para dar credibilidade ao estudo, o questionário foi enviado para consultoria e avaliação externa pelos pares, o qual consiste na solicitação de pareceres através de pessoas que não estão envolvidas com o processo da pesquisa, mas possuem conhecimento sobre a temática pesquisada, na intenção de apontar falhas e pontos não explorados pelo pesquisador. De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998, p. 172-173) é recomendável:

(...) solicitar a colegas não envolvidos na pesquisa, mas que trabalhem no mesmo paradigma e conheçam o tema pesquisado, que funcionem como “advogados do diabo”. A função do “advogado do diabo” é apontar falhas, pontos obscuros e vieses nas interpretações, bem como identificar evidências não exploradas e oferecer explicações ou interpretações alternativas àquelas elaboradas pelo pesquisador. Graças à sua relativa facilidade e também à sua eficácia, este é um procedimento bastante usado, constituindo quase uma rotina entre pesquisadores de uma mesma área.

Neste sentido, encaminhou-se o questionário por e-mail a cinco doutores em Educação Física que possuem afinidade com o tema de estudo, além de uma carta de apresentação contendo uma descrição resumida do projeto de pesquisa e do instrumento de investigação.

A primeira parte do questionário que corresponde às questões fechadas procurou caracterizar o perfil e a formação dos treinadores pertencentes ao grupo estudado. Já na segunda parte do questionário que corresponde às questões abertas objetivou investigar as concepções dos treinadores acerca dos procedimentos de trabalho, a fim de esclarecer os objetivos propostos no estudo.

Após a devolutiva, verificamos que dois dos doutores afirmaram que o instrumento investigativo apresentado estava satisfatório. Os outros três doutores sugeriram mudanças em relação à adequação da segunda parte do questionário, a fim de que essas mudanças pudessem contemplar de maneira satisfatória os objetivos do estudo. Optamos por seguir a orientação desses três doutores, reavaliando e modificando algumas questões, para que as mesmas pudessem atingir sua finalidade, que é a de compreender os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas.

O quadro 1 apresenta e sintetiza a adequação dos objetivos e a reformulação das questões abertas, conforme as orientações dos pares, bem como os temas geradores que serão abordados através das categorias de análise:

**Quadro 1** – Síntese dos objetivos do estudo

<b>Objetivo Geral:</b> identificar o processo de formação e analisar quais são os procedimentos de trabalho que os treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes paulistas utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva e humana de seus atletas.		
<b>Objetivos específicos</b>	<b>Questões</b>	<b>Temas Geradores - Categorias de Análise</b>
a) Identificar como foram adquiridos os conhecimentos práticos e científicos que fundamentam os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol de categorias sub-15 de futebol de clubes paulistas.	1) Destaque em seu processo de formação, como você adquiriu os conhecimentos que fundamentam os procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol na categoria sub-15?	Processo de Formação
	2) Na sua compreensão, o que é ser treinador de futebol da categoria sub-15 e o que você considera necessário para que alguém desempenhe essa função?	Competências que norteiam os procedimentos de trabalho
b) Analisar quais são os procedimentos de trabalho que os treinadores de futebol de categorias sub-15 de clubes paulistas utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva e formação humana.	3) Na formação de sua equipe, quais são os procedimentos de trabalho que você utiliza para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15?	Procedimentos de seleção esportiva
	4) Na formação atlética de seus jogadores, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos de rendimento esportivo no futebol?	Procedimentos de rendimento esportivo
	5) Na formação humana de seus atletas, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos educacionais e de formação cidadã?	Procedimentos de formação humana

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Abaixo segue o questionário reformulado:

### Primeira Parte – Dados Gerais

1) Nome (dado não divulgado na pesquisa)

Clube (dado não divulgado na pesquisa)

Idade:                      Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Tempo de atuação (em anos) como treinador de futebol em clubes esportivos:

Tempo de atuação (em anos) como treinador de categorias sub-15 de futebol:

Você atua como treinador em outras categorias de futebol atualmente?: ( ) Não ( ) Sim. Em caso afirmativo, em quais categorias: \_\_\_\_\_

2) Foi jogador de futebol? ( ) Não ( ) Sim.

Em caso afirmativo, iniciou em que categoria? \_\_\_\_\_

Tempo de participação no futebol como atleta: \_\_\_\_\_

3) Grau de escolaridade:

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino superior incompleto

( ) Ensino superior completo

( ) Pós Graduação - especificar: \_\_\_\_\_

4) Formação em Educação Física: ( ) Não ( ) Sim. Em caso afirmativo assinale o quadro abaixo:

Curso	Ano ingressante	Instituição Formadora
( ) Licenciatura		
( ) Bacharelado		

Outro curso de Graduação?( ) não ( ) sim Qual? \_\_\_\_\_

Outro curso relevante para sua carreira: ( ) não ( ) sim Qual? \_\_\_\_\_

## **Segunda Parte – Temas Geradores**

### Processo de Formação

1) Destaque em seu processo de formação, como você adquiriu os conhecimentos que fundamentam os procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol na categoria sub-15?

---

### Competências que norteiam os procedimentos de trabalho

2) Na sua compreensão, o que é ser treinador de futebol da categoria sub-15 e o que você considera necessário para que alguém desempenhe essa função?

---

### Procedimentos de trabalho utilizados para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15

3) Na formação de sua equipe, quais são os procedimentos de trabalho que você utiliza para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15?

---

### Procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de rendimento esportivo

4) Na formação atlética de seus jogadores, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos de rendimento esportivo no futebol?

---

### Procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de formação humana

5) Na formação humana de seus atletas, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos educacionais?

---

## **3.3 Interpretação das informações do Instrumento Investigativo: sob a técnica da Análise de Conteúdo**

Como técnica de análise, optamos pela análise do conteúdo descrita por Bardin (2011). Para interpretar o conteúdo foi necessário analisar os dados de forma qualitativa, utilizando as informações provenientes das respostas dos treinadores descritas no instrumento de investigação.

A análise do conteúdo é um conjunto de técnicas que analisa qualquer tipo de comunicação que emita significações de um emissor para um receptor, e que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem. Na sua proposição, a autora coloca que a análise de conteúdo não significa apenas uma técnica de pesquisa, mas a sistematização científica de princípios e conceitos (BARDIN, 2011).

A riqueza das informações permite ao pesquisador uma interpretação qualitativa, polissêmica e valiosa. Uma das dificuldades da análise está em visualizar os conteúdos que podem transitar entre o campo objetivo e o campo simbólico. Isto significa que os extremismos devem ser evitados. Portanto, é preciso que haja um equilíbrio entre o formalismo e a subjetividade (BARDIN, 2011).

Durante a análise, buscamos interpretar não só o que está explícito, mas também aquilo que está por trás dos registros dos treinadores. O propósito da análise é fazer inferências e dar relevância teórica. A inferência, além de produzir suposições, é responsável por embasar os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo (FRANCO, 1986).

Na análise, consideramos inicialmente a pré-exploração do material através da leitura global para obter o entendimento das ideias principais e fornecer indícios de organização e sistematização para as próximas fases de análise. Em seguida, realizamos a seleção das unidades de análises temáticas, conforme os objetivos do estudo e das teorias norteadoras – fase das inferências. Por fim, constituímos as categorias e subcategorias através da codificação das unidades de análises temáticas (BARDIN, 2011).

### **3.3.1. Aprofundamento dos dados coletados através de entrevistas**

Após a análise do primeiro instrumento investigativo (questionário), os dados foram insuficientes para uma análise aprofundada do assunto estudado. Desta forma tornou-se necessário um aprofundamento através de entrevistas com os treinadores, possibilitando a ampliação do entendimento acerca da problemática de estudo. A seleção dos participantes para o aprofundamento das respostas da pesquisa através das entrevistas teve como critério a consideração de respostas dos questionários que contemplassem um maior domínio de conhecimento sobre o tema investigado, desta forma, foram selecionados três participantes.

A técnica utilizada para análise da entrevista também foi à análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) com o objetivo de descobrir “o que está por trás” dos conteúdos explicitamente manifestos, significando os conteúdos latentes que interessam para a pesquisa. As latências podem ser entendidas como os aspectos que permanecem escondidos nas falas, que não se manifestam, estão ocultos, subentendidos, ou ainda, dissimulados nas respostas.

Busca-se, assim, selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessam para melhor compreender o tema a ser pesquisado (BARDIN, 2011). O método da análise de conteúdo foi escolhido porque possibilita, de maneira sistemática, coletar dados e organizá-los tendo como base as experiências dos sujeitos no cenário do esporte, representado nessa pesquisa pelas categorias sub-15 de futebol de clubes esportivos paulistas, manifestas, no caso da entrevista, pela linguagem verbal.

Assim, esta etapa da pesquisa buscou reunir, em forma de entrevistas semiestruturadas, relatos e histórias que possam representar uma determinada coletividade, e que possam, ainda, a partir do método proposto, transformar as linguagens manifestas pelos entrevistados, deslocados dos conceitos teóricos que envolvem a pesquisa, mas conhecedores de seu ambiente, em linguagem acadêmica e que dialoguem com concordâncias ou contraposições com as teorias que compõem o escopo teórico deste estudo.

As entrevistas foram realizadas tomando como base cinco questões abertas, previamente definidas, sendo as mesmas utilizadas quando da realização da aplicação do questionário aos participantes. As entrevistas foram gravadas e o sigilo da autoria específica das respostas referentes às perguntas foi mantido como consta das condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido aos sujeitos.

As entrevistas, depois de gravadas, foram cuidadosamente transcritas na íntegra para posterior análise, o que se constituiu em poderoso recurso metodológico, pois foi possível contar com todo o material fornecido pelo sujeito, e com esse procedimento, de acordo com Triviños (1987), permitiu-se a ajuda, a informação, o destaque e o aperfeiçoamento das ideias por eles expostas, através das suas próprias palavras gravadas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos, no período compreendido entre 18 de julho e 30 de julho de 2016.

Após a gravação das entrevistas, ocorreu a análise de conteúdo das mesmas, que segundo Triviños (1987) divide-se em três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

- Pré-análise: constitui a organização do material, com o objetivo de determinar com quais estratégias serão coletados e recolhidos.
- Descrição analítica: tem seu início juntamente com a pré-análise, com destaque para os estudos aprofundados dos documentos que constituíram as partes essenciais e relevantes da investigação, orientados pelos objetivos e referenciais teóricos segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Estes procedimentos, aplicados no campo da pesquisa qualitativa em Educação Física e utilizados em estudos anteriores por Montagner (1999) e Scaglia (1999, 2003) possibilitam avançar no interior das mensagens captadas, configurando as análises na “busca de sínteses coincidentes e divergentes de ideias, ou na expressão de concepções, isto é, que não estejam especificamente unidas a alguma teoria” (TRIVIÑOS, 1987, p. 161-162).

Na terceira etapa, mencionada como a fase de “interpretação inferencial”, elaborou-se reflexões com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes de informação (TRIVIÑOS, 1987, p.162). Assim, as inferências sobre as informações coletadas dos participantes foram realizadas primeiramente de forma individual e em seguida, coletiva.

Por fim, fizemos relações entre a revisão de literatura e as informações advindas do questionário e da entrevista, com o propósito de gerar conhecimentos na área da Educação Física, bem como para os treinadores de futebol da categoria sub-15, na perspectiva de ampliar a discussão sobre os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol das categorias de base de clubes paulistas.

### **3.4 Procedimentos de contato e seleção dos participantes**

O contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado de forma pessoal nos clubes de futebol em que os treinadores trabalham após a autorização dos dirigentes responsáveis pelo departamento das categorias de base. O primeiro contato com os treinadores de futebol teve a finalidade de explicar os objetivos da pesquisa.

Em seguida, o treinador foi convidado a participar da pesquisa. Ao aceitar os treinadores receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o projeto de pesquisa resumido, detalhando a importância do estudo. Conforme a preferência do treinador, o questionário poderia ser preenchido no mesmo dia ou em outro momento e local que fossem mais convenientes aos participantes para não haver interferência e garantir privacidade durante o preenchimento das informações.

Os critérios de inclusão dos participantes considerados foram: a) ter no mínimo 18 anos; b) ser treinador de futebol da categoria sub-15 de clubes paulistas.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

O grupo de treinadores analisado foi composto por 15 treinadores, sendo 14 homens e uma mulher, que trabalham com a categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas pertencentes ao quadro de equipes profissionais vinculadas à FPF (Federação Paulista de Futebol) e à CBF, pelas quais disputam campeonatos em suas diversas divisões.

A primeira parte do questionário procurou caracterizar: 1) Dados Gerais: identificação e experiência esportiva como treinador de futebol; 2) Atuação ou não como ex-atleta de futebol; 3) Grau de escolaridade 4) Formação profissional: formação inicial e continuada.

Desta forma, buscou-se caracterizar o perfil dos treinadores considerando-se a idade, a experiência esportiva como treinador de futebol em geral, a atuação ou não como ex-atleta de futebol, o grau de escolaridade, a formação em Educação Física ou outros cursos de graduação, a titulação adquirida em cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*, além da participação ou não em cursos de capacitação.

### 4.1 Resultados e análises da primeira parte do questionário semiestruturado

**Quadro 2 – Dados Gerais dos Treinadores<sup>5</sup>**

Treinadores				Experiência: treinador de futebol		Experiência: categoria sub 15	
Idade (anos)	N	Média Idade	Desvio Padrão	Média (anos)	Desvio Padrão	Média (anos)	Desvio Padrão
25 a 30	6	28	1	3	0,6	2	0,7
31 a 35	3	33	1,4	7	0,6	4	1,5
36 a 40	4	37	1,3	6	1,7	4	1,4
41 a 45	1	43	0	12	0	12	0
46 a 50	1	48	0	12	0	8	0
Total	15	34	6,7	5,5	3,3	4	2,9

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Entre os treinadores estudados, um fato que chama a atenção e que deve ser citado é a presença, ainda que de forma solitária, de uma mulher nos quadros de treinadores entre os clubes escolhidos para a pesquisa.

<sup>5</sup> Entre os participantes, apenas uma mulher de 29 anos de idade, com experiência de treinadora de 3 anos e experiência como treinadora na categoria sub 15 também de 3 anos.

Os dados apontam também que praticamente a metade dos treinadores estudados ( $n = 6$ ) encontra-se distribuída na faixa etária compreendida entre os vinte e cinco e os trinta anos, indicando o recente exercício da atividade de treinador de futebol. Outro dado significativo apontado é a atuação pela grande maioria dos treinadores analisados ( $n = 11$ ), em outras categorias de base dos clubes nas quais trabalham, distribuídos em categorias que vão desde o sub-9 até o sub-17.

**Quadro 3:** Experiência como jogador de futebol

Idade (anos)	N	Média Tempo (anos)	Início
25 a 30	1	10	Sub 13
31 a 35	2	12	Sub 11-13
36 a 40	1	13	Sub 13
41 a 45	1	22	Sub 9
46 a 50	1	25	Sub 11
Total	6	16	----

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Verificamos que a maioria dos treinadores estudados ( $n = 9$ ) não possui experiência prévia como jogador de futebol. Os dois treinadores que foram ex-jogadores de futebol com mais idade (entre 41 e 50 anos), iniciaram a carreira no futebol precocemente (sub-9 e sub-11), além de um treinador na faixa compreendida entre os trinta e um e trinta e cinco anos, que também iniciou como jogador ainda no sub-11.

Além disso, podemos observar que a maioria dos treinadores que possui experiência como jogador de futebol (cinco de seis treinadores) está compreendida dentro do grupo daqueles que possuem idade acima dos trinta e um anos.

Em relação ao grau de escolaridade dos treinadores, dois possuem o ensino fundamental, três o ensino médio e dez possuem o ensino superior, sendo que dois são pós-graduados na área esportiva (especialização).

**Quadro 4 -** Formação profissional em Educação Física e formação continuada

Idade (anos)	N	Licenciado e Bacharel	Outro curso realizado
25 a 30	6	6	2
31 a 35	2	2	2
36 a 40	2	2	---
Total	10	10	4

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Analisando os dados do quadro acima, constatamos que dez treinadores com ensino superior são formados em Educação Física, concluindo tanto a licenciatura quanto o bacharelado. Destes, dois afirmaram possuir pós-graduação na área esportiva e outros dois afirmaram possuir outros cursos além da graduação em Educação Física, sendo realizados através da FPF. Destaca-se também o fato da grande maioria compreendida entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos (oito de nove treinadores) ser formada em Educação Física.

#### **4.2 Resultados e análises da segunda parte do questionário semiestruturado**

Na segunda parte do questionário foram propostos cinco temas geradores para as questões abertas objetivando identificar e analisar quais são os procedimentos de trabalho utilizados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas, sendo eles: 1) processo de formação; 2) competências que norteiam os procedimentos de trabalho; 3) procedimentos de trabalho utilizados para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15; 4) procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de rendimento esportivo; 5) procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de formação humana.

Durante a análise das questões abertas, realizou-se uma pré-exploração através de uma leitura global das respostas dos treinadores participantes. Com isso, procurou-se entender as ideias principais por meio da interpretação e contagem das respostas repetidas ou com o mesmo sentido/significado para codificar o conteúdo e organizar as próximas fases de análise. No momento da quantificação da frequência das informações repetidas e/ou com o mesmo sentido, houve a necessidade de criar subcategorias de análise. Após as fases descritas foram realizadas as inferências dos resultados encontrados.

A interpretação das informações, como proposto na metodologia, seguiu a técnica de análise de conteúdo. As respostas foram interpretadas de forma qualitativa. Na sistematização dos procedimentos de análise, procurou-se visualizar os conteúdos evitando os extremismos entre o campo simbólico e o campo objetivo, com a intenção de equilibrar a subjetividade e a formalidade (BARDIN, 2011).

**Tabela 1** – Formação Profissional dos treinadores de futebol da categoria sub-15

1) Destaque em seu processo de formação, como você adquiriu os conhecimentos que fundamentam os procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol na categoria sub-15?

<b>Categoria de análise: Processo de Formação</b>		
Codificação	Frequência unidades temáticas	Treinadores: Subcategorias
Através de experiências adquiridas no futebol com os meus treinadores enquanto jogador.	7	Formação Artesanal n = 4
Através da vivência com outros treinadores já atuando como treinador.	1	
Através de conhecimentos acadêmicos do treinamento esportivo voltados para o futebol.	5	Formação Científica n = 9
Através do conhecimento e do estudo das tendências atuais dos grandes clubes, leituras e vídeos específicos sobre futebol.	5	Formação Artesanal e Científica n = 2
Através da formação continuada de cursos de palestras.	2	
Estágios em clubes.	3	
Total de treinadores n = 15		

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

**Tabela 2** – Competências dos treinadores de futebol da categoria sub-15

2) Na sua compreensão, o que é ser treinador de futebol da categoria sub-15 e o que você considera necessário para que alguém desempenhe essa função?

<b>Categoria de análise: Competências que norteiam os procedimentos de trabalho</b>			
Codificação	Frequência unidades temáticas		Treinadores: Subcategorias*
É buscar o desenvolvimento total dos atletas tanto como jogador quanto como cidadão.	5	Aspectos Educacionais n = 12	Conhecimento Didático-pedagógico n = 10
É necessário ser um educador.	1		
É necessário gostar de trabalhar com adolescentes.	6		
É necessário sensibilidade e o conhecimento total do grupo de atletas.	1	Aspectos gerenciais n = 4	Conhecimento científico n = 10
Ser treinador é ser um bom gestor no trato com os jovens.	3		
É necessário conhecimento do futebol através do domínio de seus conteúdos (tático; técnico; psicológico; fisiológico).	9		Conhecimento técnico-instrumental n = 9
É necessário conhecimento do desenvolvimento motor e cognitivo dos atletas, respeitando suas limitações.	2		
É necessário ser um profissional da área de educação física.	1		
É necessário vivência prévia como jogador.	1		Conhecimento prático n = 1
É necessário exigir principalmente disciplina.	2		Conduta disciplinar
É necessário comprometimento, responsabilidade e	1		

disciplina.		n = 3
É necessário compreender a realidade social do seu atleta (morar fora de casa; distância dos familiares).	1	Conduta socioeduca
É ser um exemplo aos atletas dentro e fora de campo.	4	-tiva n = 5
Total de Treinadores n = 15		

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

\*N total = 15 treinadores, sendo que eles contribuíram com uma ou mais subcategorias.

**Tabela 3** – Procedimentos de trabalho utilizados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 para selecionar os jovens atletas

3) Na formação de sua equipe, quais são os procedimentos de trabalho que você utiliza para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15?		
<b>Categoria de análise: Procedimentos de seleção esportiva</b>		
Codificação	Frequência unidades temáticas	Treinadores: Subcategorias*
Observação da personalidade do atleta principalmente de sua disciplina, atenção, postura, respeito e assimilação do que lhe é pedido.	7	Procedimentos de avaliação comportamental n = 10
Observação do comportamento e interação com outros atletas.	2	
Observação de aspectos psicológicos.	2	
Observação do espírito de liderança.	1	
Observação Técnica.	6	Procedimentos de avaliação técnica n = 12
Observação do talento com a bola.	3	
Observação das qualidades individuais relacionadas ao futebol.	2	
Utilização de circuito de habilidades motoras; fundamentos.	1	Procedimentos de avaliação tática n = 7
Observação do Conhecimento Tático.	4	
Observação da movimentação em campo.	2	
Observação se o atleta se encaixa no meu esquema de jogo que é previamente padronizado.	1	
Observação se o atleta pratica o jogo coletivo.	1	Procedimentos de avaliação física n = 4
Observação física.	4	
Utilização de ficha de anamnese para detectar possíveis patologias e o histórico familiar.	2	
Indicações de pessoas ligadas ao futebol.	1	Procedimentos de consideração de avaliação externa n = 1

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

\*N total = 15 treinadores, sendo que eles contribuíram com uma ou mais subcategorias.

**Tabela 4** – Procedimentos de trabalho adotados pelos treinadores de futebol da categoria sub-15 para atingir os objetivos de rendimento esportivo

4) Na formação atlética de seus jogadores, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos de rendimento esportivo no futebol?		
<b>Categoria de análise: Procedimentos de rendimento esportivo</b>		
Codificação	Frequência	Treinadores:

	unidades temáticas	Subcategorias*
Preparação física específica por posição.	7	Procedimentos de preparação física n = 8
Preparação física específica para a posição de atuação do atleta evitando a repetição e com testes para verificação de sua evolução.	1	
Utilização de trabalho funcional respeitando essa fase de desenvolvimento do atleta, visando resistência aeróbia e muscular para evitar lesões.	1	
Repetição de fundamentos técnicos.	6	Procedimentos de preparação técnica n = 9
Preparação técnica individual e coletiva através de repetições de fundamentos.	4	
Trabalho de coordenação motora.	1	
Simulação de situações de jogo para melhorar a movimentação e a autonomia nas tomadas de decisões dos atletas.	4	Procedimentos de preparação Tática n = 10
Coletivos.	3	
Preparação tática em coletivos para se adaptarem de acordo com as necessidades do jogo.	6	
Preparação disciplinar através de rodas de conversa e orientações durante os coletivos.	3	Procedimentos de conduta disciplinar n = 3
Estímulo do raciocínio através de perguntas sobre situações de jogo e atividades cognitivas como debates.	2	Procedimentos de estímulo cognitivo n = 2
Trabalho psicológico específico para os atletas.	1	Procedimentos de abordagem psicológica n = 2
Preparação psicológica através da interação com os atletas no dia a dia.	1	

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

\*N total = 15 treinadores, sendo que eles contribuíram com uma ou mais subcategorias.

**Tabela 5** – Procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de formação humana

5) Na formação humana de seus atletas, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos educacionais?		
<b>Categoria de análise: Procedimentos de formação humana</b>		
Codificação	Frequência unidades temáticas	Treinadores: Subcategorias*
Acompanhamento escolar enfatizando a importância da escola.	7	Procedimentos de preparação Educativa n = 9
Incentivo à realização de cursos extra futebol.	1	
Aspectos voltados à importância do gosto pela cultura.	1	
Utilização de palestras, dinâmicas de grupos, socialização e vídeos educacionais.	3	
Sendo exemplo de educação e passando segurança no trato com o grupo.	2	
Dando conselhos a serem usados dentro e fora de campo.	5	Procedimentos de preparação Social n = 12
Diálogos sobre comportamento social e escolar antes e depois dos treinos.	5	
Aspectos voltados ao convívio em grupo; companheirismo.	5	
Aspectos voltados à convivência social.	2	
Abordagem de temas cotidianos ao final dos treinos.	5	

Aspectos voltados à disciplina e acompanhamento do comportamento dentro e fora de campo.	6	Procedimentos de preparação Disciplinar n = 10
Aspectos voltados à responsabilidade.	3	
Desenvolvimento do cumprimento dos compromissos no horário já que muitos chegam atrasados aos treinos.	1	
Aspectos voltados ao respeito com o treinador e com os colegas.	6	Procedimentos de ensinamento ético-moral n = 6
Aspectos voltados à ética com o objetivo de formação de um cidadão de bem.	2	
Aspectos voltados às questões sentimentais em conjunto com a família.	1	
Acompanhamento junto aos pais.	6	Procedimentos de ensinamento dos valores esportivos universais n = 4
Aspectos voltados a importância da vitória no jogo e na vida sempre com fair play.	1	
Reunião dos atletas pós-treinos para exposição de situações que ocorreram no treino comparando-as com as situações que os atletas irão enfrentar na vida dentro ou fora de campo.	1	
Citando exemplos da época que era jogador.	1	
Tirar aprendizagens tanto dos bons quanto dos maus momentos.	1	

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

\*N total = 15 treinadores, sendo que eles contribuíram com uma ou mais subcategorias.

### 4.3 Resultados e análises da entrevista semiestruturada

Após a pré-exploração, análise e categorização das informações advindas do questionário semiestruturado foram escolhidos três treinadores, conforme os critérios metodológicos previamente estabelecidos para aprofundar as informações por meio da entrevista semiestruturada, utilizando as mesmas questões abertas do instrumento investigativo.

**Tabela 6** - Descrição analítica individual das respostas da questão 1

Categoria: Processo de Formação		
Questão 1) Destaque em seu processo de formação, como você adquiriu os conhecimentos que fundamentam os procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol na categoria sub-15?		
Respostas iniciais dos Treinadores	Aprofundamento das questões	Respostas finais dos Treinadores
T1 Bom... acho que principalmente através do estágio do bacharelado... que... que era obrigatório né...	Mas por que você considera fundamental esse estágio?	Ah... por causa do treinador do clube onde eu fiz o estágio... ele foi fundamental nesse... nesse... processo... porque as aulas que eu tive de futebol no bacharelado foram baseadas na licenciatura... elas não me deram condições pra saber atuar... e com esse treinador ele ensinou... ali... na prática... o que eu tinha que fazer... eu via o negócio acontecendo ali... na minha frente... vi tudo... treino tático... técnico...as conversas com o grupo.

T2	Eu acho que foi no bacharelado.	Certo, mas como o bacharelado foi determinante para você atuar como treinador de futebol?	Então... é que na licenciatura... era muito voltada ao perfil educacional... ao invés da aprendizagem específica do esporte só adquiri... uns... uns... aspectos conceituais. Já no bacharelado eu aprendi periodização, o passo a passo, assisti jogos de alto nível visando organização tática... contextualizando com a nossa realidade... aprendi fisiologia... ahhh... nutrição esportiva também... tudo no bacharelado... e... sem esquecer que aprendi a separar treinos técnicos e táticos... aliados a minha experiência como ex-atleta de futebol... mesmo que... que eu era amador né.
T3	Cara... acho que eu vou ter que citar duas etapas nesse processo... uma foi nas categorias de base... quando eu era atleta... e... mais recentemente na graduação em Educação Física.	Mais quais conhecimentos essas etapas te deram pra você atuar como treinador hoje em dia?	Olha... dá pra ficar o dia inteiro falando (risos)... mais vamos lá...vou tentar resumir os mais importantes... nas duas etapas...mais...só que em situações diferentes...uma como atleta e na outra como aluno...eu...eu...aprendi muita coisa sabe? Sobre... sobre... respeito...ética...cidadania ao próximo e com o companheiro de equipe... e assim... mais especificamente na graduação... eu aprendi bastante sobre os conhecimentos da modalidade futebol assim... em si mesmo... então aprendi posicionamento... passe de bola... condução... assim... as habilidades específicas sabe!!!???

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

**Tabela 7 - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 1**

T1	No bacharelado, através do estágio realizado com um treinador de futebol. O conhecimento foi adquirido de forma prática.
T2	Na formação acadêmica no bacharelado por meio de conhecimentos teóricos de fisiologia, nutrição esportiva, periodização esportiva, treinamento tático e técnico associados à experiência como ex-atleta.
T3	Na prática como ex-jogador nas categorias de base onde pode incorporar os aspectos educacionais e de cidadania e na graduação onde aprendeu os conhecimentos específicos do futebol como capacidade física, tática e técnica.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

### Análise inferencial coletiva

Os conhecimentos que fundamentam os procedimentos de trabalho foram adquiridos através do conhecimento acadêmico e prático (estágio acadêmico e saber fazer advindo da experiência como ex-jogador).

**Tabela 8 - Descrição analítica individual das respostas da questão 2**

<b>Categoria: Competências que norteiam os procedimentos de trabalho</b>		
Questão 2) Na sua compreensão, o que é ser treinador de futebol da categoria sub-15 e o que você considera necessário para que alguém desempenhe essa função?		
<b>Respostas iniciais dos Treinadores</b>	<b>Aprofundamento das questões</b>	<b>Respostas finais dos Treinadores</b>

T1	Ser treinador... eh...tem que gostar né...acho que isso vem antes de tudo...gostar de trabalhar com jovens...eu gosto muito do que faço!!!	E o que você... considera necessário para desempenhar essa função?	Nossa... muita coisa (risos) muita coisa mesmo... ah...tem que estudar muito... tem que pesquisar... tem que...que fazer avaliação diagnóstica do trabalho sempre...sempre mesmo...tem que estudar tática de jogos... eu mesmo fiz cursos na FPF...aprendi escalte... pra... analisar... é importante analisar as qualidades dos adversários... tipo... saldo de gols... melhor defesa... essas coisas
T2	É responsabilidade... e quanta (risos) também a gente tem que exercer várias funções ao mesmo tempo: treinador... enfermeiro... professor... psicólogo... tem mais (risos) ahhh... nutricionista	E o que você considera necessário pra alguém desempenhar essa função?  Pode falar (acena positivamente com a cabeça)	Rapaz... é muita coisa...é saber canalizar as qualidades e sanar os defeitos...tem atleta hiperativo... eu gosto deles porque eu também era (risos)... mas pior é o indisciplinado...aí o treinador tem que realmente mostrar suas qualidades...tem que tentar corrigi-lo através da fala...se...se não der certo... através do exemplo... tem que saber controlar os excessos... indisciplinado é complicado mesmo... não depende da nossa cobrança... ele vem carregado de outros elementos de fora... geralmente família. É necessário trabalhar com dosagem correta de intensidade com o atleta... olhar se um não tá falando que é melhor que o outro... porque eles infelizmente não se inspiram no que treinou muito... tipo Zé Roberto...se inspiram no Neymar... Gabi Gol... que não são bons exemplos!!! Quer que eu fale mais??? (demonstra empolgação)  É necessário ensinar posicionamento... padrão de jogo... pois assim podemos ganhar de times de boleiros... mesmo que tenham mais técnica que a gente... não revidar provocação no jogo... porque assim você desesbiliza... quer dizer... desestabiliza quem quer te desestabilizar... se ele bater sai de perto... não entra em provocação porque isso pode comprometer todo o trabalho do time.
T3	Primeiramente... ser um profissional da área... tem que ser formado né... em Educação Física... tem que ter conhecimento do futebol... tem que ser um excelente profissional... passar o melhor pros seus atletas... a gente tem que... que formar um jogador e um cidadão de bem.	E o que você considera necessário pra que alguém desempenhe essa função?  Consegue aprofundar mais a resposta?	É necessário conhecer bem o grupo... e também tem que ter bastante conteúdo sabe? Parte técnica... tudo... física... trabalho muscular... tem que saber um pouco de psicologia... dominar esses conteúdos... tem que ser um exemplo pra eles dentro e fora de campo.  Sim... por exemplo... quando eu falo conhecer bem o grupo... acho que isso é muito importante... eu falo de ter sensibilidade... com tudo que você vai fazer... a gente tá lidando com jovens que pensam e agem de diferentes maneiras sabe? Então tem que ter os conteúdos dirigidos e adequados com a idade dos mesmos... além disso... tem outra questão... eles na maioria das vezes...

			sempre mesmo... eles tão longe da família... é difícil pra eles sabe? A gente tem que ter muito jogo de cintura... é muita pressão... muita responsabilidade.
--	--	--	---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

**Tabela 9 - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 2**

T1	É gostar do que faz e de trabalhar com jovens. Considera a importância da ciência através da pesquisa e dos cursos de aperfeiçoamento na área do futebol.
T2	É ser responsável e desempenhar uma função multidisciplinar. Considera a disciplina importante no sentido de ensinar bons exemplos de comportar emocionalmente durante os jogos, saber se posicionar taticamente e respeitar o coletivo.
T3	É ser um profissional da área de Educação Física, dar bons exemplos e garantir a formação cidadã. Considera a relevância do conhecimento teórico relacionado a técnica, preparação física e psicológica, além de conhecer o grupo e ter sensibilidade ao dialogar com os jovens jogadores.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

### Análise inferencial coletiva

Para atuar como treinador de futebol sub-15 é necessário ser um profissional de Educação Física com o domínio dos conteúdos específicos do futebol (preparação física, técnica, tática e psicológica) e que investe nos valores educacionais.

**Tabela 10 - Descrição analítica individual das respostas da questão 3**

<b>Categoria: Procedimentos de seleção esportiva</b>		
Questão 3) Na formação de sua equipe, quais são os procedimentos de trabalho que você utiliza para selecionar os atletas de futebol da categoria sub-15?		
<b>Respostas iniciais dos Treinadores</b>	<b>Aprofundamento das questões</b>	<b>Respostas finais dos Treinadores</b>
T1 Varia muito... às vezes depende da posição que eu preciso... mais geralmente eu vejo muito a parte técnica...a conduta também.	Mas como você faz isso? O que você considera ideal no atleta dentro desses aspectos pra ele ser escolhido?	Eu olho... eu olho assim...posicionamento...se ele sabe se posicionar no campo...o atleta que procura o espaço livre no campo...se ele tem inteligência né...leitura de jogo...porque quando ele já traz isso o resto é consequência... ele...com certeza sabendo isso os outros aspectos é consequência...com a bola ele será bom também. Na conduta... seria a disciplina mesmo...se ele cumpre horários...até na seleção mesmo sabe...tem uns que chegam atrasado...quer dizer...já perde ponto...daí eu olho como ele usa o uniforme...se o uniforme tá em ordem...isso mostra muito quem ele é...a organização...eu olho também o comportamento dele com os outros jogadores que estão jogando com ele...se ele não ofende...se não é "mala"...se ele não quer ser superior aos companheiros da equipe...só pode querer ser superior em relação ao adversário...e sempre com lealdade!!!

T2	Inteligência de jogo!!! tomada de decisão rápida... aquele que se torna diferente dentro do jogo de forma positiva... faz o inesperado... esse que se sobressai.	Consegue explicar com mais detalhes? Como você faz pra saber quem possui essas qualidades?	Consgo (sorriso)... é o que utiliza o improviso... mais claro... tem que ser aliado com as características físicas... olho muito velocidade, postura, disciplina, comportamento... se sabe utilizar diferentes recursos...se utiliza a regra a seu favor de maneira leal. Tem que olhar a parte técnica né... também... depois a física... porque a técnica é mais difícil de desenvolver... então eu olho as habilidades básicas... comportamento motor, como ele se posiciona pra matar a bola... como ele se ajeita pra matar a bola... a postura corporal... que seria... relação do corpo com a bola e com o adversário... não é que precisa fazer tudo bem... mas tem que ser objetivo!!!
T3	Ah...eu olho muito características técnicas e físicas... no geralzão mesmo... Psicológicas também.	Mas como você faz isso?	T3 - Ah... é muito subjetivo sabe? Particular de cada um... vai da sua experiência...que você adquiriu ao longo da vida e no contato do dia-a-dia...mais assim...vejo se tem habilidade com e sem a bola...só o jeito dele "matar" a bola já da pra saber...às vezes ele é até bom...mais não sabe jogar no coletivo...não levanta a cabeça...não olha o jogo... é o boleiro...esse não serve...já descarto rapidinho... ele tem que ser bom na parte física também... tem que ter boa capacidade aeróbia e anaeróbia... tem que atender a expectativa dentro do jogo... saber se movimentar... aprofundar as jogadas... agora... eu ia esquecendo...eu peço exame médico também... primeiro eu peço que ele preenche uma ficha de anamnese...pra ver se ele tem alguma doença... ou histórico de doença na família... mais sempre peço exame médico pra garantir... ele pode querer esconder ou não saber... é o sonho dele né... a gente até entende.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

**Tabela 11** - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 3

T1	Faz avaliação técnica e tática através da observação. Verifica primeiramente os jogadores que estão na posição tática que necessita. Considera o aspecto disciplinar do jogador como o compromisso com o horário, o respeito aos colegas e adversário e a organização das vestimentas esportivas.
T2	Faz avaliação técnica (habilidades motoras), tática (tomada de decisão, postura corporal com e sem a bola e posicionamento em campo) e física (velocidade) através da observação.
T3	Apesar de ponderar que os procedimentos são subjetivos e que dependem da experiência do treinador, afirma fazer avaliação técnica, psicológica, física (capacidade aeróbia e anaeróbia) e tática (postura corporal com e sem bola, se o atleta joga coletivamente e se consegue posicionar com e sem a posse de bola). Considera a importância de pedir exame médico após preenchimento de uma ficha de anamnese para detectar possíveis patologias no atleta.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

### Análise inferencial coletiva

Os procedimentos de trabalho utilizados para selecionar os atletas são: avaliação física, técnica, tática, psicológica, comportamental e médica.

Tabela 12 - Descrição analítica individual das respostas da questão 4

<b>Procedimentos de rendimento esportivo</b>			
Questão 4) Na formação atlética de seus jogadores, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos de rendimento esportivo no futebol?			
<b>Respostas iniciais dos Treinadores</b>	<b>Aprofundamento das questões</b>	<b>Respostas finais dos Treinadores</b>	
T1	<p>Aqui a gente tem muitos atletas... então é complicado quando vai chegar um campeonato... tem que escolher... é o rendimento em si mesmo... é até triste essa hora... dá medo de ser injusto sabe... mais ao longo do trabalho no ano a gente faz muitos amistosos, campeonatos internos, coletivos, pra tentar não errar.</p>	<p>Mais... quais são os procedimentos que você utiliza para desenvolver os aspectos de rendimento esportivo no futebol?</p> <p>Sei sim... e como (risos)</p>	<p>Eu trabalho muito a questão do comportamento... porque... se eles tão aqui é porque sabem jogar já... então eu converso muito com eles... e deixo eles falarem também sempre... é uma troca... então eu explico como resistir a pressão, comportamento perante uma derrota no decorrer do jogo... porque falo que dá pra virar!!! passo confiança... tem a pressão da presença dos pais também... tem que trabalhar isso... tem pai que é fogo... atrapalha o nosso trabalho ao invés de ajudar (risos) você dá aula em escola sabe como é né (risos)?</p> <p>Esse trabalho vai gerando respeito... como é mesmo a palavra... ah... cumplicidade... cara... ele vai criando uma autonomia... coisa que precisa ter nos nossos jogadores... isso influencia no jogo... por mais que possa não parecer.</p>
T2	<p>Em relação a essa questão... eu acho que.. a chave é a disciplina... sem dúvida... tanto dentro quanto fora de campo... respeito... disciplina interpessoal... nem sei se existe esse termo (risos)... mais deu pra entender... disciplina com os outros... disciplina técnica... tática... disciplina com nutrição... sono... em relação ao grupo... motivação autoestima.</p>	<p>Mas como faz você pra desenvolver essa disciplina no seu atleta?</p> <p>Como são essas conversas com os atletas... e em que momentos?</p> <p>Foi terrível mesmo (entrevistado interrompe e volta a falar... demonstra estar exaltado)</p>	<p>Conversa... muita conversa... com eles... com os pais... temos infiltrados dentro do grupo... temos pais que falam... oh... fulano comeu muita pizza... isso tudo é o dia-a-dia... a gente ensina bastante coisa... já passei pra eles recomendações alimentares da O.M.S. (Organização Mundial de Saúde)... também já passei o do Brasil... aquele guia alimentar do Ministério da Saúde... se ele come mal... se dorme mal... vai mal no jogo... só de bater o olho já sei... pelo tato mesmo... é muito tempo com eles... tem pais... que... olha... não sabe interferir... precisamos ensinar eles antes dos atletas.</p> <p>Ah... a gente faz isso sempre... debates... rodas de conversas... tem sempre palestras também... antes do jogo... depois... no coletivo... no meio do coletivo... a gente fala que o atleta tem que saber lidar com a vitória e derrota... saber reagir, na competição... no jogo... pra não repetir o sete a um... a dignidade da vitória... estamos formando pessoas com falsos sentimentos... não cobro só vitória... vitória... cobro dignidade...cobro saber competir... competitividade... não botar a mão na cintura na derrota... é difícil... olha... essa é a geração pós sete a um... eles vem carregados de pressão... o futebol brasileiro tá em crise né... tem que lidar com isso... poxa vida... naquele jogo (7x1) ninguém parou o jogo, fez uma</p>

			<p>falta... isso tem que aprender na base... e era a seleção... não dá pra entender.</p> <p>Não quero aquilo pros meus atletas... na vitória também não... não pode fazer gracinha... humilhar o adversário... tem que saber jogar na vitória e na derrota... tem um filme que é muito bom também... já passei pra eles... o coachcarter... treino para a vida... isso a gente faz também... um paralelo das situações de jogo com a vida... mais também a gente faz outras coisas... não é só conversar né? Tem que botar a mão na massa (risos)... então no treino a gente faz jogos reduzidos... faz situações de jogo... por exemplo... situações de ataque contra defesa... faz treino específico de fundamentos... tem que repetir os fundamentos pra aprimorar... daí ele mesmo com essa repetição vai vindo a melhor forma de bater na bola... de posicionar o corpo antes de bater na bola... e a gente sempre orientando é claro.</p>
T3	<p>Eu passo assim... bastante treinamento físico... psicológico... daí to sempre fazendo testes neh... frequentemente mesmo... pra ver se houve melhoria no desempenho.</p>	<p>Certo... mas como são feitos esses treinamentos? Você consegue detalhar melhor assim... como você faz?</p>	<p>Consgo... então... eu faço treinos com média e alta intensidade...depende muito do objetivo... se tem competição próxima... se estão voltando de férias... eu faço também muito treino específico sabe? Voltado pra posição que o atleta atua... é bom também não repetir sempre os mesmos exercícios... se não fica chato... eu faço também situação de jogo... trabalho de potência... individual e coletiva... tiros de corrida... tem que ter velocidade... resistência... mas assim... eu trabalho com bola na maior parte do período... daí tem os testes...eu vou medindo e anotando... velocidade... tem uma ficha que eu uso que tem algumas coisas...pra ir controlando neh... pra ver o que a gente pode melhorar sempre.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

**Tabela 13 - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 4**

T1	<p>Utiliza procedimentos de desempenho esportivo ao longo da temporada e enfatiza os valores comportamentais como respeito, compromisso e autonomia através de diálogos com os atletas. Também procura conscientizar os pais para que esses valores possam influenciar positivamente durante o desempenho dos filhos.</p>
T2	<p>Utiliza procedimentos de obediência tática e técnica através de treinos que reproduzem situações de jogo (ataque x defesa), repetições de fundamentos. Enfatiza valores comportamentais como respeito, compromisso, a motivação, a melhora da autoestima. Procura orientar os jogadores e os pais em relação à alimentação e o descanso adequado. Destaca as conversas, palestras, debates com os atletas antes, durante e após os jogos ou treinos relacionados aos aspectos psicológicos que a competição exige fazendo uma comparação com a vida cotidiana.</p>
T3	<p>Utiliza procedimentos de treinamento físico (com periodização, conforme o calendário de competição) através de testes de velocidade e resistência anotados em fichas de avaliação considerando a posição de cada jogador com o objetivo de verificar a evolução do desempenho esportivo, enfatiza o treinamento técnico e tático com a utilização de bola em situações de jogo e também procura orientar seus atletas psicologicamente.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

## Análise inferencial coletiva

Os procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos de rendimento esportivo são: observação e registro do desempenho esportivo verificado nos treinos e competições ao longo da temporada através de fichas de avaliação, conforme a posição de cada jogador. Os critérios analisados são a evolução: tática (posicionamento defensivo ou ofensivo dos jogadores com e sem bola), técnica através da realização de exercícios que exploram o gesto motor que o futebol exige, física por meio de testes de velocidade, resistência e potência muscular. Outro procedimento utilizado é a orientação nutricional e psicológica durante os treinos e a competição, assim como a orientação através de diálogos constantes com os atletas e com os pais sobre a importância dos valores comportamentais como respeito, compromisso, motivação, melhora da autoestima e autonomia.

**Tabela 14** - Descrição analítica individual das respostas da questão 5

<b>Procedimentos de formação humana</b>		
Questão 5) Na formação humana de seus atletas, quais são os procedimentos de trabalho que você adota para atingir os objetivos educacionais?		
<b>Respostas iniciais dos Treinadores</b>	<b>Aprofundamento das questões</b>	<b>Respostas finais dos Treinadores</b>
T1 - Ah... isso é feito com muita conversa...acompanham ento.	Mas como é feito esse acompanhamento... essas conversas...são baseadas em que?	Olha... a gente fala de tudo...tudo mesmo...até de relacionamento deles (risos)...uso de drogas...a gente tá tanto tempo com eles que já tem a percepção...só de olhar o comportamento a gente já sabe...se ele tá pra baixo...desanimado...daí a gente já chama de canto...tenta conversar...tem uma relação de confiança...a gente olha até o gosto musical...esse negócio de funk... isso é um saco (risos)... a gente não tenta mudar o gosto deles...mais questiona...por que você gosta de funk? O que isso te traz de bom? O que você aprende com essas letras? Ele tem que ter isso... desenvolver o...a...consciência...o...senso crítico...isso influencia em tudo na vida deles...e eles tão sempre no celular...ouvindo música...rede social...a gente acompanha também...tipo...o que eles postam no facebook...a gente cobra orientação dos pais.

T2	Através do controle... a gente tenta né (risos)...mais eles não tão sempre com a gente.	Mas como é feito esse controle... quais os procedimentos que você utiliza?	A gente controla... faz controle das mídias...eles ficam o tempo todo nisso...o futebol disputa com essas mídias o espaço...e nem sempre ganha...controla rendimento escolar...os pais também têm que ser parceiros...eu peço boletim escolar...já cheguei até pedir redação antes do jogo como requisito pra jogar...porque ajuda no jogo...saber pensar...tomar decisão...se o grupo tá com mal comportamento eu tiro a bola...daí só parte física no treino...eles têm que saber separar as coisas...no Brasil muita balada...vê o Neymar...que isso...péssimo exemplo...europeu você não vê isso...é difícil...então eu vou cobrando...cobro responsabilidade...em tudo...começa com cuidado do uniforme...e sempre ali...vendo o feedback...eu converso muito com os pais em separado...alguns tão longe de casa...esses ainda precisam de uma atenção maior...ficam mais...como eu posso dizer...expostos...muito vulneráveis...São Paulo tem de tudo!!!
T3	Isso é fundamental... porque poucos vão ser jogador...acho que isso é feito todo tempo...toda hora com eles.	A ham... mas como você faz pra que eles desenvolvam esses aspectos educacionais?	Eu pego muito no pé deles... nos trabalhos dentro e fora de campo...sempre tem reuniões...roda de conversa...faço aproximação com o grupo e entre eles...a gente fala algumas situações que aconteceram no treino...dá pra comparar até com as situações da vida...tipo...falta de respeito...compreender o outro...sempre é bom tirar aprendizagem...dos bons e maus momentos...isso faz crescer...a escola também é muito importante...eu vejo notas...incentivo eles estudar...fazer cursos fora da escola...porque futebol é loteria...é injusto muitas vezes...tem muito interesse...o caminho é terrível...então o curso ajuda distrair...sair um pouco desse universo...dessa pressão...de todos os lados...é difícil pra eles lidar com isso...se eu não formar um jogador...se eu formar um cidadão de bem...com ética...um bom homem...já é uma vitória muito grande...isso começa comigo...eu sempre tento lidar com educação com o grupo...passando segurança...sem isso eles não vão ouvir o que eu tenho pra falar...não vão aprender.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

**Tabela 15** - Análise analítica inferencial individual das respostas da questão 5

T1	Utiliza procedimentos que procuram dialogar como os jovens atletas através de conversas em grupo ou isoladamente, onde os atletas também podem se manifestar, abordando aspectos comportamentais. Também acompanha redes sociais dos atletas e procura orientar os pais para acompanhar as atitudes dos filhos.
T2	Utiliza procedimentos que visam orientar e controlar os aspectos comportamentais em diversas situações que envolvem o universo dos atletas como mídias sociais, ida a baladas, responsabilidade, desempenho escolar através da apresentação dos boletins, conversas com os pais (com atenção maior aos que estão longe dos pais) sempre verificando o feedback após orientação.
T3	Utiliza procedimentos que procuram dialogar com os jovens atletas através de reuniões, solicita boletins

---

para verificar o desempenho escolar, incentiva à participação dos atletas em cursos extraescolares, procura ser um bom exemplo e passar segurança para que os atletas ouçam e aprendam. Procura priorizar a formação cidadã e ética de seus atletas, mesmo que os jovens não sigam a carreira esportiva.
--

---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

### **Análise inferencial coletiva**

Na formação humana dos atletas, os procedimentos de trabalho adotados para atingir os objetivos educacionais são: diálogos constantes coletivos e individuais, orientação comportamental e acompanhamento do desempenho escolar dos atletas, orientação e acompanhamento dos aspectos que envolvem as mídias e a vida social, aconselhamento e contribuição na formação cidadã e ética de seus atletas.

## 5 DISCUSSÃO

### 5.1 Perfil dos Treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas

Ao analisarmos os resultados da primeira parte do questionário da pesquisa, que buscou identificar o perfil dos treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas, emerge um fato importante, que deve ser ressaltado: a presença de uma mulher exercendo a função de treinadora. Sabemos que a participação da mulher no futebol brasileiro ainda está distante de ser a ideal, tanto como atletas e principalmente como treinadoras, mas essa presença, ainda que de forma solitária, se faz importante, pois indica uma pequena mudança de mentalidade fazendo com que este seja apenas o primeiro de muitos passos ainda por serem dados nos clubes de futebol e no esporte brasileiro (FERREIRA, H. J., 2012). Goellner (2005) aponta em seu estudo dois fatores que seriam cruciais para essa dificuldade de inserção da figura feminina nos diversos âmbitos do futebol: a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a ideia de mulher masculinizada e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza.

Os dados também apontam o recente tempo de exercício (2 anos) da função de treinador de futebol por parte de seis dos quinze treinadores analisados, o que indica uma renovação no quadro. Costa, Samulski e Marques (2006) afirmam ser a imediata cobrança de resultados positivos nos jogos por parte dos dirigentes dos clubes a principal causa das constantes trocas de treinadores. Segundo Paes (2006), a cobrança excessiva por resultados acaba sobrepondo aos interesses e aos desejos dos jovens em relação ao futebol. Outro fato constatado é que oito de nove treinadores analisados compreendidos entre os vinte e cinco e trinta anos são graduados em Educação Física, requisito defendido por Bento (1999); Drigo e Cesana (2011).

Quanto à atuação nas categorias de base, 11 dos 15 treinadores já atuaram em outras categorias de base, que vão desde a categoria sub-9 até a sub-17. Segundo Moreno e Machado (2004), trabalhar com jovens de idades diferentes exige uma gama de conhecimentos e experiências específicas, já que o trabalho será realizado com jovens de idades diferentes, onde os anseios e os desejos são distintos perante o esporte.

Em relação à experiência prévia como jogador de futebol, os resultados apontam que nove treinadores não a possuem, enquanto seis afirmaram possuir experiência como ex-jogador. Quanto à formação, dez treinadores possuem curso superior em Educação Física,

sendo que destes, dois possuem cursos de pós-graduação na área esportiva, e outros dois possuem cursos de aperfeiçoamento pela FPF. Esses dados permitem inferir que a maioria dos treinadores pesquisados possui formação em Educação Física em detrimento da experiência prévia como ex-atleta, fato defendido por diversos autores como (BENTO, 1999; DRIGO, CESANA; 2011).

Entretanto, seis treinadores afirmaram que aspectos relacionados à formação artesanal foram determinantes no processo de aprendizagem dos atributos relacionados à função de treinador de categorias de base de futebol. Como salientado por Rugiu (1998), o método artesanal se baseia em ações relacionadas com o saber-fazer através da repetição de práticas vivenciadas como ex-atleta. Porém, o método artesanal carece de conhecimentos científicos e muitas vezes, pode não ser o melhor método de ensino para contribuir nos procedimentos de trabalho dos treinadores (DRIGO, 2011).

A especialização precoce também aparece na carreira de jogador de futebol de três treinadores, sendo que dois iniciaram no esporte na categoria sub-11 e um iniciou na categoria sub-9. Essas categorias também são citadas pelos treinadores quando questionados se atuaram em outras categorias além do sub-15 nos clubes aos quais pertencem. Paes (2006) indica que a especialização precoce no esporte pode causar malefícios aos jovens. Assim, o autor acredita que o processo de iniciação esportiva deve ocorrer de maneira natural após a vivência de diversos esportes de forma recreativa, para que só depois o jovem em uma idade mais avançada possa escolher o esporte que possui maior afinidade para se especializar.

## **5.2 Análise das categorias**

### **5.2.1 Processo de formação**

O processo de formação de pessoas para atuar em determinada função distingue-se em duas vertentes principais: a primeira caracteriza-se pela formação pautada pelo conhecimento científico e é fundamental para a realização da atividade profissional (BARROS, 1993; DRIGO, 2009; DRIGO; CESANA, 2011; FREIDSON, 1996; 1998; VENUTO, 1999). A segunda seria o processo artesanal, conceituado por Rugiu (1998), como sendo o processo de aprendizagem baseado apenas no modelo artesanal de tentativa e erro e do saber-fazer baseado no conhecimento experiencial.

Analisando o processo de formação dos treinadores pesquisados, observou-se que a aquisição dos conhecimentos adquiridos para atuar nessa função está fundamentada nos

conhecimentos científicos advindos dos cursos de graduação (formação acadêmica, n = 9), do conhecimento prático como ex-atleta (formação artesanal, n = 4) e de conhecimentos mistos (acadêmico e artesanal, n = 2). Esses dados apontam que há um predomínio na utilização de conhecimentos científicos em detrimento do artesanal no grupo de treinadores analisados quanto à fundamentação dos procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol na categoria sub-15. Nos estudos de Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), a formação acadêmica em Educação Física não foi o fator preponderante na aquisição de conhecimentos para atuar como treinador de futebol, sendo o conhecimento artesanal, advindo da experiência e do saber-fazer adquiridos enquanto atleta de futebol, a principal fonte de conhecimento apontada pelos treinadores.

Apesar dos treinadores analisados neste estudo citarem os conhecimentos científicos, durante a análise documental na revisão de literatura sobre os planos de ensino da disciplina futebol nos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura e bacharelado) em seis IES do estado de São Paulo, sendo três públicas (8 cursos) e três privadas (31 cursos), constatamos que os planos de ensino não abordavam os aspectos procedimentais que embasassem os procedimentos de trabalho para atuar como treinador de futebol, priorizando apenas de maneira mais profunda os aspectos conceituais e de forma bem discreta os aspectos atitudinais na formação acadêmica dos futuros graduados. Devemos ressaltar também que a função de treinador de futebol conforme a legislação vigente indica apenas a preferência e não a obrigatoriedade da formação acadêmica em Educação Física para atuar no mercado de trabalho (BRASIL, 1993).

### **5.2.2 Competências que norteiam os procedimentos de trabalho**

Em relação ao conceito de competência, Deluiz (1994), desenvolve uma tipologia que envolve cinco grandes grupos: 1. competências básicas e específicas relativas a um grupo específico de ocupações; 2. competências organizacionais e metódicas; 3. competências comunicativas; 4. competências sociais; 5. competências comportamentais, referindo-se à competência como sendo processual, exigindo, portanto, um processo de educação contínua, que desenvolveria um conjunto de habilidades (classificadas de básicas, específicas e de gestão). Essa tipologia é assim definida:

- As habilidades básicas podem ser entendidas em uma ampla escala de atributos, que parte de habilidades mais essenciais, como ler, interpretar, calcular, até chegar ao

desenvolvimento de funções cognitivas que propiciem o desenvolvimento de raciocínios mais elaborados;

- As habilidades específicas estão estreitamente relacionadas ao trabalho e dizem respeito aos saberes, saber-fazer e saber-ser; são exigidas por postos, profissões ou trabalhos em uma ou mais áreas correlatas;
- As habilidades de gestão estão relacionadas às competências de autogestão, de empreendimento, de trabalhos em equipes.

Segundo Zarifian (1999), competência é a inteligência prática para situações que se apoiam sobre os conhecimentos adquiridos e os transformam com tanto mais força quanto mais aumentada à complexidade das situações.

Os resultados deste estudo apontam algumas como sendo as principais competências que precisam ser utilizadas pelos treinadores em relação aos procedimentos que norteiam a sua atuação, elencadas por ordem decrescente em relação à quantidade de treinadores que as citaram: conhecimento científico (n = 10) que compreende os aspectos didático-pedagógico e técnico-instrumental, conduta socioeducativa (n = 5), conduta disciplinar (n = 3) e conhecimento prático (n = 1).

Assim, o conhecimento científico é o mais relevante na composição das competências que norteiam os procedimentos em suas rotinas de trabalho nas categorias de base sub-15.

Devemos destacar que os conhecimentos científicos destacados pela maioria dos treinadores pertencem à esfera de conhecimentos organizados e sistematizados em disciplinas curriculares dos cursos de graduação em Educação Física que objetivam durante a formação dos graduandos a apropriação e a utilização desses conhecimentos durante o seu exercício profissional.

Essas competências citadas pelos participantes da pesquisa denotam a importância da formação profissional em Educação Física em relação à aquisição do conhecimento científico para desempenhar a função de treinador nas categorias de base sub-15 de futebol nos clubes esportivos. Tal afirmativa vai ao encontro com o estudo de Bento (1999) ao salientar a importância de que o treinador deve possuir procedimentos de trabalho pautados em conhecimentos científicos que possam abranger os mais variados aspectos que tangem a sua atuação na formação de atletas para o futebol (BENTO, 1999).

O conhecimento didático-pedagógico, termo citado por dez treinadores, segundo Libâneo (1994), compreende o domínio do conhecimento, a articulação e a aglutinação dos conteúdos e procedimentos, além de englobar diferentes dimensões no processo de ensino e

aprendizagem, que vão desde a sociologia até a psicologia.

Já o conhecimento técnico-instrumental citado por nove treinadores, segundo Garganta (1997), refere-se à essencialidade do jogo e está vinculado às características das habilidades motoras específicas utilizadas na prática e nas relações antagônicas entre as equipes.

A conduta socioeducativa e a conduta disciplinar citadas respectivamente por três e dois treinadores como competências necessárias a nortear seus procedimentos de trabalho, referem-se à esfera de conhecimentos pertencentes ao desenvolvimento de valores comportamentais e ao desenvolvimento de cidadania plena, onde os treinadores afirmam necessário conhecer a realidade social que o atleta advém para assim entender o seu comportamento e transformá-lo, integrando-o a sociedade e contribuindo na formação de um cidadão ético. Esses valores são fundamentais segundo Matvéiev (1986), ao ressaltar a importância do treinador ser um autêntico pedagogo, guiando o seu trabalho por todos os princípios gerais do ensino e da educação, aplicando-os de maneira criadora às particularidades do treino esportivo e às situações pedagógicas que surgem neste processo, fazendo com que a atividade de treinador não possua princípios diferentes da atividade de qualquer outro professor.

Já o conhecimento prático citado como necessário por um treinador remete ao conhecimento artesanal que possui como característica principal o trabalho norteado pela experiência própria adquirida sobre determinado assunto ao longo do tempo, sendo esse conhecimento herdado de pessoas que já possuíam essa experiência prévia consolidada e referendada pelo grupo aos quais pertenciam transmitindo-a posteriormente aos novatos. São os mestres de ofício e seus aprendizes. Esse modelo não faz uso de conhecimentos científicos em sua prática profissional, limitando-se a tentativas e erros até que se alcance o resultado esperado na condução dos seus aprendizes nas atividades e objetivos propostos (RUGIU, 1998).

### **5.2.3 Procedimentos de seleção esportiva**

A seleção esportiva é o processo pelo qual são feitas as escolhas dos atletas que irão fazer parte dos quadros pertencentes às categorias de base da categoria de base dos clubes esportivos visando à equipe principal (PAOLI, 2007).

Na terceira questão da pesquisa, os treinadores foram questionados sobre quais seriam os procedimentos de trabalho utilizados na seleção dos atletas das categorias de base

sub-15.

As respostas citadas foram distribuídas nas seguintes subcategorias de análise: procedimentos de avaliação técnica (n = 12), procedimentos de avaliação comportamental (n = 10), procedimentos de avaliação tática (n = 7), procedimentos de avaliação física (n = 4) e procedimentos de consideração de avaliação externa (n = 1).

Destaca-se a proximidade da utilização de procedimentos de avaliação técnica e comportamental. Esse equilíbrio entre os procedimentos mais citados pelos treinadores indica que os procedimentos de avaliação comportamental são tão importantes quanto os componentes técnicos, táticos e físicos utilizados na seleção de jovens atletas de futebol na ótica dos treinadores analisados.

Outra informação importante é que esses procedimentos na prática de maneira invariável são adotados em suas rotinas de trabalho por meio de observações subjetivas sem apoiarem-se em parâmetros científicos durante a seleção dos atletas. As informações encontradas são semelhantes ao estudo de Reilly, Bangsbo e Franks (2000) que concluíram não ser possível encontrar nos clubes um processo de seleção eficaz para a seleção de novos jogadores, fazendo com que esse processo, devido à ausência de critérios, seja realizado de maneira subjetiva pelos profissionais de comissões técnicas do futebol, o que conseqüentemente acaba gerando falhas. Para Paoli (2007) ainda permanece no futebol brasileiro a cultura das mesmas práticas exercidas em décadas anteriores, onde os atletas são selecionados sem estratégias científicas claras e definidas. Enquanto Câmara (2009) constatou através de um questionário aplicado em 46 treinadores de categorias de base do Rio Grande do Norte, que a grande maioria deles (n = 40) utiliza apenas a observação geral como critério de seleção em jogos coletivos realizados para esse fim.

Em relação aos procedimentos de seleção esportiva, as informações revelam que os treinadores estudados priorizam a avaliação subjetiva dos componentes técnicos, comportamentais e táticos em detrimento do componente físico. Tal informação não corresponde ao estudo de Helsen et al. (2000), que constatou que na maioria das vezes a seleção era determinada por características físicas do atleta em detrimento de características técnicas, táticas e psicológicas, fazendo com que os que desenvolviam características físicas tardiamente fossem preteridos em relação aos que já as possuíam no momento da seleção, mesmos que estes fossem inferiores tecnicamente.

O procedimento de indicação externa, citado por um treinador, também se classifica como um procedimento de seleção e avaliação subjetiva, já que o atleta não foi submetido a testes específicos no clube ao qual foi indicado.

Constatados esses procedimentos de seleção esportiva, mais uma vez recorreremos a autores como Hebbelinck (1990) e Matsudo (1999) que defendem que a seleção de atletas seja realizada com procedimentos mais criteriosos, que não se baseiem apenas na experiência e na intuição dos treinadores, devendo os treinadores utilizarem, por exemplo, catálogos que padronizem as especificidades técnicas, físicas, fisiológicas e psicológicas de modalidades esportivas específicas, de maneira que o processo de seleção de atletas seja encarado de maneira mais criteriosa.

#### **5.2.4 Procedimentos de rendimento esportivo**

Discutir o fenômeno esportivo na atualidade é refletir para além de marcas, recordes e rendimento. É, antes de tudo reconhecer o esporte como um conjunto complexo de elementos que envolvem atleta, treinador, espectador, torcida e patrocinadores responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais negócios do planeta (GONZÁLEZ, RODRÍGUEZ, GARCÍA; 2001).

Assim, o esporte chamado de alto rendimento é um tipo de prática que pode se relacionar ao esporte espetáculo, protagonizado pelo atleta profissional, ou ainda, a um tipo de atividade esportiva que não é necessariamente remunerada, mas que exige do praticante dedicação e rendimento que superam uma prática de tempo livre ou amadora (GONZÁLEZ, RODRÍGUEZ, GARCÍA; 2001).

Quando o lema é rendimento (tendo no esporte atual como sinônimo de vitória) os esforços são direcionados para a exploração máxima das capacidades individuais e coletivas, para a supressão dos pontos frágeis ou negativos e maximização daqueles considerados positivos e desejáveis (BALAGUER, 1994).

Para tanto, são estudadas condutas dos praticantes em suas modalidades específicas, buscando-se investigar as relações entre as situações antecedentes e a conduta resultante no âmbito dessa atividade (BALAGUER, 1994). E para conseguir essa finalidade, diversas áreas do conhecimento científico envolvidas com o esporte, buscam investigar, com a ajuda de procedimentos objetivos, o funcionamento do comportamento individual e social, a fim de superar o pensamento irracional (GONZÁLEZ, RODRÍGUEZ, GARCÍA, 2001).

Por outro lado, no entender de Feijó (1992), todo conhecimento científico utilizado no aprimoramento do esporte de rendimento deve coincidir com os objetivos pessoais do atleta. Isso porque existem os objetivos políticos e financeiros do clube que está investindo no atleta, os objetivos competitivos de garantir vitórias do treinador e outras tantas preocupações

dos vários profissionais que compõem a comissão técnica. Conseqüentemente, o atleta que vive a situação esportiva competitiva deve estar voltado para o equacionamento entre os seus próprios interesses e os interesses do complexo esportivo com o qual ele precisa lidar. Muitas vezes, esses interesses convergem para pontos em comum como o desejo de vitória e de aperfeiçoamento. Entretanto, certas metas são discordantes como o limite do desgaste do atleta, prêmios ou a relação treinamento/lazer. E nesse universo tão repleto de intenções, as dos atletas precisam ser prioritárias, até mesmo porque é o atleta que irá competir (FEIJÓ, 1992).

O esporte de rendimento seria o esporte considerado “vitrine” de um país quando confrontado aos outros em competições como os megaeventos esportivos: Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais.

A esse respeito, Bourdieu (1990b), revela em seu estudo que alguns fatores relacionados ao esporte são os que permitem reconhecer se um país possui ou não um grau de desenvolvimento elevado de sua cultura esportiva. Portanto, podemos reconhecer o esporte e seu desenvolvimento na atualidade por meio da produção e aplicação do conhecimento científico e tecnológico; da formação e atuação em campos de trabalho de profissionais ligados ao esporte; das políticas públicas de Estado e governos; do número de praticantes; do financiamento recebido, seja ele público ou privado; da infraestrutura instalada; das instituições disponíveis, públicas ou privadas; da legislação existente, seja ela municipal, estadual ou nacional; e das propostas de gestão, administração de projetos e programas que incidem nas áreas de educação, saúde, cultura, lazer, urbanismo, arquitetura, gestão e administração, meios de comunicação, na legislação e no controle social.

O esporte de rendimento assume, desde a sua gênese, as determinações do modo de produção em que está engendrado, portanto, um poder dominante. Assim ele assume características hegemônicas peculiares caracterizando-se predominantemente neste momento histórico por (CHOMSKY, 2004):

- servir ao sobrepujar a si mesmo, o seu semelhante e a natureza e demonstrar quem são os mais altos, mais fortes e mais velozes;
- estabelecer índices que limitam a participação dos que não respondem às exigências das modalidades esportivas;
- apresentar exigências técnicas que nem todos executam ou virão a executar, em função de condições psicofísicas e econômicas;
- exigir infraestrutura, vestimentas e equipamentos próprios e apropriados às diferentes modalidades esportivas;

- exigir a superação de recordes, quer sejam individuais ou de equipes;
- exigir dos praticantes que superem os “adversários”, a natureza ou a si mesmos, em busca de recordes, com rigorosíssimos métodos de treinamento, muitas vezes questionáveis pelo comprometimento ético que implicam; e
- exigir domínio e habilidades técnicas e táticas sem as quais não se pratica o esporte.

Bracht (2000), ao analisar a lógica do sistema esportivo, concluiu que o rendimento almejado é sempre o máximo, não o possível ou o ótimo, considerando as possibilidades individuais e dos grupos. No sistema esportivo, o próprio rendimento máximo tornou-se o objetivo a atingir. Desta forma, os meios alcançam grande centralidade nesse sistema. Há um enorme investimento no desenvolvimento técnico que permitirá o máximo de rendimento, por sua vez, sobrepujar o adversário. Esta lógica aparece já no processo de iniciação esportiva, de forma muitas vezes inconsciente. No esporte de rendimento, as ações são julgadas pelo seu resultado final e a *performance* esportiva é mensurada/valorizada em função do código binário da vitória/derrota. Os meios empregados no treinamento, o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. A própria prática, o processo, a fruição do jogo não assumem importância significativa para o sistema esportivo (BRACHT, 2000).

Percebe-se nos resultados deste estudo, um equilíbrio nos três procedimentos mais utilizados pelos treinadores de categorias de base sub-15 quando o assunto são os procedimentos utilizados para atingir o rendimento esportivo, distribuídos da seguinte forma: procedimentos de preparação tática (n = 10), procedimentos de preparação técnica (n = 9) e procedimentos de preparação física (n = 8). Destes, destacam-se alguns procedimentos considerados equivocados por estudiosos como Galatti et al.(2012); Galatti et al. (2014); Menezes; Marques; Nunomura (2014); Reverdito; Scaglia (2009) e Santana (2005), por estarem sendo realizados de maneira fragmentada nos treinos. Esses procedimentos seriam os procedimentos de preparação técnica, caracterizados prioritariamente nas respostas dos nove treinadores que os utilizam pela repetição de fundamentos técnicos individuais e coletivos. Os estudiosos avaliaram que o período de iniciação ao esporte e, nesse caso, o futebol, deve congrega a diversidade de experiências e aprendizados, não se concentrando apenas na aquisição de gestos estereotipados e repetidos de uma modalidade específica.

Por outro lado, apenas um treinador, destacou o procedimento de preparação física sem a repetição de exercícios e com testes para mensurar a evolução, considerada ideal por autores como (AAHPERD, 1980; EUROFIT, 1988; FACDEX, 1990; COOPER, 1991; PRODESP, 1995), principalmente pelo fato de possuir critério objetivo de avaliação (teste).

Os procedimentos de preparação tática, utilizados por dez treinadores, indicam de

forma positiva, que esses treinadores dizem trabalhar a técnica conjuntamente com a tática, fomentando a busca de respostas motoras às situações do jogo. Portanto, concebem o jogo como um fenômeno caótico que se configura na complexidade, não linearidade e variabilidade de acontecimentos, tornando-se não controlável na sua totalidade e dependente das interações com companheiros e adversários (DAVIDS; ARAÚJO; SHUTTLEWORTH, 2005; ELFERINK-GEMSER et al., 2004; GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999; GRÉHAIGNE; GODBOUT; ZERAY, 2011).

Procedimentos de caráter comportamental como os cognitivos, os disciplinares e os psicológicos foram citados por sete treinadores para alcançar o rendimento. Segundo a literatura consultada, os aspectos psicológicos seriam tão importantes que estudos como os de Samulski (1995, 2002) defendem a presença de um psicólogo auxiliando o treinador seja nas categorias de base ou na categoria profissional nos clubes de futebol. Nas categorias de base, Samulski (1995) apontou que a presença de psicólogos proporcionou um impulso para o treinador melhorar a motivação dos atletas e a comunicação dos objetivos e orientações táticas, creditando melhores chances de obter dos atletas uma compreensão de como jogar por resultados mais favoráveis. Entretanto, os clubes em que os treinadores trabalham não possuem psicólogos para auxiliar na formação de seus atletas, deixando uma lacuna e sobrecarregando o treinador com problemáticas difíceis de serem solucionadas.

### **5.2.5 Procedimentos de formação humana**

Os procedimentos de formação humana são aqueles necessários ao exercício da cidadania plena. Para Kant (1993) essa formação humana resulta de um ato intencional, que transformaria a criatura biológica em um novo ser, um ser de cultura.

Essa formação humana possibilita no estágio mais avançado a emancipação do sujeito, ou seja, um sujeito livre, independente, autônomo, permeando todas as esferas nas quais o ser humano se faça presente. No esporte em particular, a formação humana do atleta deve ocorrer à luz de conhecimentos que garantam uma iniciação esportiva que atenda aos preceitos socioeducativos, e não apenas os físicos e técnico-táticos, tendo como eixo central as necessidades do jovem associada à importância da vida esportiva, tornando-a prazerosa e acolhedora (PAES, 2006).

Esses preceitos seriam desenvolvidos através de valores que motivam a ação, proporcionando direção e intensidade, funcionam como padrões de evolução da conduta pessoal e são aprendidos pelas pessoas através das vivências em grupos a que pertencem e

também mediante suas próprias experiências individuais (MARTINELLI, 1996; ARANHA e MARTINS, 1998; SANMARTÍN, 2003).

Desde muito tempo o esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos próprios limites, autoestima, criatividade, respeito aos demais, tolerância, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, justiça, trabalho em equipe, integridade. Todos estes e muitas outras qualidades socialmente desejáveis fazem com que o esporte se torne um meio de facilitação. Entretanto, não têm tido sempre a mesma interpretação e hierarquia ao longo da história, de tal modo que cada época tem ressaltado uns sobre os outros, considerando ora como positivos certos valores que em outros momentos seriam negados (SANMARTÍN, 2003).

Em suas observações sobre a questão dos valores humanos no esporte, Sanmartín (2003), analisa que o esporte, a respeito desse ponto de vista, separa-se por pólos distantes, um em que pessoas creem que ele educa e não há nada que ser modificado, e outro, que aponta para os que querem vencer a qualquer custo. Nesta ótica, o esporte não seria nem bom nem mau, é o contexto que determina seu caráter, que pode desenvolver tanto o espírito coletivo, quanto o espírito individualista. Aí consiste a necessidade de determinar as condições pedagógicas, para que se converta o esporte em uma atividade educativa autêntica. O esporte, se bem utilizado, pode promover valores como disciplina, respeito aos adversários e companheiros, a persistência, sentimento de jogo limpo, respeito pelas normas e o esforço coordenado de subordinação dos interesses pessoais aos do grupo.

Por outro lado, se o esporte formal compreendido pode promover a vaidade pessoal e a do grupo, o desejo doentio pela vitória e o ódio entre os rivais, um espírito corporativo de intolerância e desprezo pelos demais. Assim, de forma contrária, a Educação Física considera o esporte juvenil como um terreno de preparação para o esporte adulto, tanto para quem joga como para quem se entretém com ele, preparando a todos para se integrar ao contexto e vivenciar os valores aprendidos, seja em campos de disputa ou como integrante de seus outros cenários de participação (SANMARTÍN, 2003).

Para Chomsky (2004) algumas são as características do esporte consideradas positivas relacionadas aos valores de formação humana, ou seja, aquelas que não seriam hegemônicas:

- implicar a participação de todos independentemente de condições físicas, econômicas, étnicas, sexuais e culturais;
- não estabelecer como referência o sobrepujar a si, aos adversários e à natureza, mas

sim o fruir, o prazer, a alegria;

- enfocar o caráter lúdico da atividade esportiva praticada por todos.

Marques e Kuroda (2000) reforçam a importância do desenvolvimento, por parte dos treinadores de categorias de base, de valores alcançados através da prática esportiva, destacando que esse profissional pode ser um grande referencial para além do alcance da formação de valores, também da construção da cidadania e da preparação dos atletas para lidarem de forma mais adequada com os desafios enfrentados em diversos outros campos de suas vidas.

Bronfenbrenner (1996) defende que o fator mais importante a ser estimulado é a qualidade das relações, explicitando que o fundamental nesse vínculo é que ele seja recíproco, bidirecional e estável. O autor também afirma que os eventos que mais influenciam no desenvolvimento de um indivíduo são as atividades realizadas com outras pessoas ou as que estas executam em sua presença. Dessa forma, evidencia-se a importância da qualidade do relacionamento estabelecido entre o atleta e treinador, destacando a responsabilidade de ambas as partes.

Para Sáenz-López (2005) os valores desenvolvidos com o esporte devem estar presentes em todas as esferas que o envolvem, desde o esporte educacional até o esporte de competição, afirmando ser o esporte um excelente meio para o alcance de objetivos educacionais, contanto que seja bem implantado, porém, o desenvolvimento inadequado da prática esportiva em relação aos aspectos educacionais pode ser igualmente prejudicial ao jovem praticante. A mesma premissa também pode ser aplicada à competição, que pode tanto acarretar repercussões positivas quanto negativas para o desenvolvimento do esportista. O autor ainda defende que o *fair play* pode ser assumido como um excelente recurso para desenvolvermos os valores do esporte, sendo que o treinador possui um papel fundamental na transmissão dessa filosofia.

Corroborando com Matvéiev (1986), que relaciona o treinador ao professor, sete treinadores entrevistados destacam a importância do acompanhamento do desenvolvimento escolar dos seus atletas, orientando e colaborando nesse processo, com vistas à formação humana.

Os procedimentos voltados à subcategoria identificada como procedimentos de preparação social somam vinte e duas citações, e remetem a importância dada por doze treinadores na formação de cidadania dos seus atletas e a preparação para a vida, independentemente dos jovens se tornarem jogadores profissionais.

Esses resultados vêm ao encontro do preconizado por Drigo (2013), que enfatiza que

o treinador esportivo necessita possuir um olhar pedagógico em suas ações para contribuir na formação de um ser humano de maneira integral, considerando os aspectos social, cultural e psicológico tanto quanto importantes como o aspecto biológico na formação do atleta, fundamentado em um modelo de treinamento científico que possa nortear os procedimentos de trabalho dos treinadores.

Santos (2011), também em relação a essa questão, sugere que o Brasil siga bons exemplos na administração de clubes como os da França, onde a formação de jogadores ultrapassa os gramados, pois se utiliza de ações integradas com a escola e outras ações sociais, demonstrando uma preocupação social e a possibilidade de dar continuidade a vida desses jogadores caso não vinguem como atletas profissionais.

Nesse cenário, aparecem com destaque nessa pesquisa os procedimentos de preparação disciplinar, citados 16 vezes e adotados por dez treinadores. O estudo de Bettega (2015) também revelou em menor escala que dois entre oito treinadores analisados também dão importância ao desenvolvimento de aspectos disciplinares em seus treinos, com destaque ao comprometimento, seja nos treinos ou em outras situações externas nas quais os atletas estão expostos, e a disciplina, tanto na escola quanto no clube, assim como nos outros ambientes frequentados por seus atletas.

Já em relação aos procedimentos de formação humana que abrangem os aspectos éticos e morais, observamos que foram citados nove vezes por seis treinadores. Segundo Lenk (1974), a ética é entendida como a realização de conjuntos de comportamentos, aceitos e determinados para determinado sistema social, significa o eixo central que sustenta a natureza do esporte, ou seja, os valores do jogo, e permite a vivência da corporeidade através das percepções e sensações geradas pela prática intensa do jogo. Na medida em que se formam elementos para interagir com o imprevisível desde referenciais de movimentos adequados à regra do jogo, criam-se comportamentos que são exigidos para poder jogar convivendo com outros indivíduos, em dado sistema de costumes e valores.

Para Lenk (1974), o esporte também permite a criação de ambientes para a vivência de princípios ligados à ética ao criar a identificação com grupo, a adaptação social, a lealdade, a modéstia na apresentação das próprias possibilidades, a noção de valor e de sacrifício, as qualidades de liderança e a vivência dos aspectos morais relativos. Assim, os valores, normas e ideais vividas no campo do esporte, e também as finalidades morais a que os esportistas se propõem, constituem um complexo ético esportivo completo, variável de indivíduo para indivíduo, de acordo com seu sistema de princípios e valores.

Apesar de estudos como os de Nascimento, Soriano e Fávoro (2007), que verificaram

que os profissionais de Educação Física não conseguem definir e avaliar as consequências de sua intervenção profissional em relação à ética, e também dos estudos de Fabiani (2009), sobre o desconhecimento do profissional de Educação Física em relação ao código de ética que normatiza os preceitos éticos de sua profissão, ressaltamos mais uma vez que os dados dessa pesquisa indicam que seis treinadores utilizam de procedimentos de trabalho que objetivam desenvolver aspectos ligados à ética nos seus atletas.

Finalizando, os procedimentos que compõem o desenvolvimento de valores esportivos universais foram citados por quatro treinadores, constituindo e reforçando de maneira generalizada, valores atribuídos ao desenvolvimento de outros aspectos humanos citados anteriormente, como o respeito, o companheirismo, a disciplina, a ética e a responsabilidade.

## 6 CONCLUSÃO

O presente estudo objetivou identificar o perfil de formação e quais são os procedimentos de trabalho que os treinadores de futebol da categoria sub-15 de clubes esportivos paulistas utilizam para atingir os objetivos de formação esportiva e humana de seus atletas. Para elucidar esta problemática, houve a necessidade de elencar mais dois objetivos específicos para identificar como foram adquiridos os conhecimentos práticos e científicos que fundamentam a prática profissional dos treinadores e analisar como esses procedimentos de trabalho são utilizados pelos treinadores para alcançar o rendimento esportivo e a formação humana dos jovens futebolistas.

Diante dos objetivos apresentados, da revisão bibliográfica e das informações advindas dos 15 treinadores analisados nessa pesquisa, constatou-se que:

- O perfil dos treinadores é constituído pela prevalência da formação acadêmica de licenciado e bacharel em Educação Física (n = 10) de forma concomitante;
- As competências que fundamentam os procedimentos de trabalho são adquiridas através do conhecimento científico (n = 10), conduta socioeducativa (n = 5), conduta disciplinar (n = 3), e conhecimento artesanal (n = 1);
- Os participantes atribuem que os procedimentos em seu trabalho devam ser pautados predominantemente por conhecimentos científicos;
- Mas quando da observação das respostas dos questionários e das entrevistas verifica-se que os procedimentos de trabalho utilizados por eles não identificam critérios ou parâmetros padronizados e teorizados por uma base científica clara, sendo mais provável de estarem baseados em observações subjetivas. Para confirmar esta hipótese, estudos complementares sobre a atuação do treinador em seu cotidiano serão necessários;
- Como procedimentos de trabalho de seleção esportiva destacam-se em maior grau de importância: a avaliação técnica (n = 12), comportamental (n = 10), tática (n = 7), física (n = 4) e indicação externa (n = 1), com base no saber fazer, método de tentativa e erro;
- Como procedimentos de rendimento esportivo destacam-se em maior grau de importância: preparação tática (n = 10), preparação técnica (n = 9), preparação física (n = 8), conduta disciplinar (n = 3), estímulo cognitivo (n = 2) e abordagem psicológica (n = 2), destacando-se os procedimentos de preparação tática que são realizados conjuntamente com os procedimentos de preparação técnica citada por quatro treinadores. Quanto aos procedimentos de preparação física, destaca-se o trabalho realizado por um dos treinadores que os desenvolvem sem a repetição de exercícios e com testes para mensurar

a evolução, considerada ideal por estudiosos principalmente pelo fato de possuir critério objetivo de avaliação;

- Como procedimentos de formação humana, destacam-se em maior grau de importância: a socialização através do diálogo (n= 12), a orientação disciplinar (n = 10) a orientação educacional (n = 9), a formação cidadã ética e moral (n = 6) e a valorização dos valores esportivos universais (n = 4).

## 6.1 Considerações Finais

O contexto estudado revelou-se carente de padrões, critérios e parâmetros que desvelem as motivações e o arcabouço teórico esperado no que tange as ações profissionais. A proposta do estudo não foi padronizar as atividades do treinador, porém, em uma profissão, técnicas, procedimentos e rotinas de trabalho devem ser bem delimitadas e justificadas, principalmente no trabalho com jovens. Neste sentido, pouco se entende do que pode ser eticamente correto ou, ao contrário, controverso em relação à ética profissional, pois se não há esta base deontológica de suporte da atividade de treinador, pouco pode se identificar em relação à perícia ou imperícia desses profissionais.

O presente estudo concluiu que os treinadores estudados não utilizam procedimentos de trabalho pautados em critérios objetivos e científicos aparentes, indicando apenas que tais ações baseiam-se pela observação subjetiva, apesar da grande maioria ser graduada em Educação Física (licenciatura e bacharelado) e afirmarem a importância do conhecimento científico para subsidiar a atividade do treinador de futebol, não descartando o conhecimento prático em suas ações cotidianas.

Este recorte permite inferir na necessidade de uma concepção de formação em Educação Física que supere as questões de “senso comum” da modalidade, considerando a necessidade do conhecimento científico como base da prática profissional. Também se ressalta a necessidade de análise do processo de formação profissional e capacitação específica para fundamentar os procedimentos de trabalho dos profissionais de Educação Física que atuam como treinadores de futebol. Assim, emerge a necessidade de procedimentos de trabalho específicos baseados em conceitos acadêmicos e não apenas na intuição, no “senso comum”, na observação e na prática da atividade.

As informações coletadas evidenciaram o conjunto de procedimentos de trabalho presentes nos objetivos específicos que propusemos desvendar durante o desenvolvimento deste estudo. Assim, não se teve a intenção de limitar ou “engessar” o trabalho desses

treinadores, ao contrário, pretendia-se ampliar e debater o rol de ações procedimentais na perspectiva de contribuir na evolução da atividade do treinador de futebol e, conseqüentemente, na formação integral dos jovens atletas.

A reflexão sobre os procedimentos de trabalho dos treinadores de futebol no contexto das categorias de base demanda novos estudos para investigar quais são e como os treinadores os utilizam e os organizam em suas rotinas de trabalho. Outra proposta é investigar os procedimentos de trabalho de outras categorias de base em outros estados do Brasil através não só de questionários ou entrevistas, mas também da observação da atuação dos treinadores nos locais reais de trabalho. Sugere-se que mais estudos acerca dessa temática sejam desenvolvidos para aprofundar as práticas utilizadas pelos treinadores no sentido de revelar a construção de procedimentos de trabalho baseados em parâmetros científicos.

## REFERÊNCIAS

- AAHPERD. **Health related physical fitness manual**. Washington, AAHPERD, 1980.
- AL ISA AN. Dietary and socio-economic factors associated with obesity among Kuwaiti college men. **Br. J. Nutr.**, v. 82, p. 369-374, 1999.
- ALMEIDA, A.F.P.L. Ética Profissional em Educação Física no Brasil: prolegômenos. In: TOJAL, J.B. (Org). **Ética Profissional na Educação Física**. Rio de Janeiro: SHAPE/CONFED, p. 193-204, 2004.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNADJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMARAL, T. R. P.; THIENGO, R. C.; OLIVEIRA da S. I. F. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. **Revista Digital EFDeporte**. Buenos Aires – Año 12, n. 115, dez., 2007.
- ANTUNES, L. L.; DE MELO, F. A. T. Análise da concordância dos treinadores das categorias de base a respeito da periodização tática no futebol. **Educação Física em Revista**, v. 3, n. 3, 2010.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- ARAÚJO, D. et al. The role of ecological constraints of expertise development. **Talent Development & Excellence**, v. 2, n. 2, p. 165-179, 2010.
- AZEVEDO, L. F.; OLIVEIRA, A. C. C.; LIMA, J. R. P.; MIRANDA, M. F. M. **Recomendações sobre condutas e procedimentos do profissional de educação física na atenção básica à saúde**. In: SILVA, F. M. (Org.). Rio de Janeiro: CONFED, 2010.
- AZEVEDO, A. C. B; MALINA, A. Memória do currículo de formação profissional em educação física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, Autores Associados, v. 25, n. 02, p. 129-142, 2004.
- BALAGUER, I. **Entrenamiento psicológico en el deporte**. Valencia: Albatros, 1994.
- BALZANO, O.N.; MORAIS, J.S. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **Revista Digital EF Deportes**, Buenos Aires, Año 17, n. 172, set., 2012.
- BAPTISTA, M. T. A influência da escola de educação física do exército na origem do currículo de educação física no Brasil. **Revista de Educação Física**, n. 126, p. 10-14, 2002.
- BARBANTI, V. J.; TRICOLI, V. A formação esportista. In: Gaya, A.; Marques, A.; Tani, G. (Ed.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora UFRGS, Cap.9, p. 199-216, 2004.
- BARBOSA, D.J. O adolescente e o esporte. In: Maakaroun MF, Souza RP, Cruz AR. **Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Cultura médica, 1991.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, J. M. C. Preparação profissional em Educação Física e esportes: um estudo das principais oportunidades no Brasil e nos Estados Unidos. **Anais** do IV Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro, SP. 1993a.

BARROS, J. M. C. Educação física e esporte: profissões? **Kinesis**, n. 11, p. 5-16, 1993b.

BARROS, J. M. C. Formação profissional em educação física no Brasil: um novo momento. Rio Claro/SP: **Departamento de Educação Física – I.B./UNESP**, 2001.

BARROS, R. Os adolescentes e o tempo livre: lazer – atividade física. In: Coates V, Françoso LA, Beznos GW. **Medicina do adolescente**. São Paulo: Sarvier, 1993.

BASEI, A.P.; VIEIRA, M.A. O futebol como conteúdo de ensino da Educação Física escolar: possibilidades a partir da concepção crítico-emancipatória. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, Ano 12, n. 115, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/o-futebol-como-conteudo-de-ensino-da-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em 2015.

BAYER, C. **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BECKER JÚNIOR, B. **Manual de Psicologia do Esporte e Exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BELLOS, A. **Futebol – O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENITES, L.; SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de educação física. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 343-360, ago., 2008.

BENITES, L. C.; BARBIERI, F. A.; SOUZA NETO, S. O futebol: questões e reflexões a respeito desta "profissão". **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 51-67, 2007.

BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BETTEGA, O. B. **Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro**. 2015. 103f. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BETTI, M; BETTI, R. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**. Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun., 1996.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990a.

BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990b. p. 207-220.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, v. 6, n. 12, p. 14-17, 2000.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte, uma introdução**. Injuí: EditoraUnijuí, 2011.

BRANDÃO, M.R.F. **Coleção psicologia do esporte: Futebol, psicologia e a produção do conhecimento**. São Paulo: Atheneu, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de abril de 1939. Seção 1, p. 1. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75638&norma=102408>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto n.º 7.984**, de 8 de abril de 2013. Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2013. Seção 1, p. 5.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 8650**, de 22 de abril de 1993. Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9.696**, de 1 setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de setembro de 1998. Seção 1, p. 13. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/09/1998&jornal=1&pagina=13&totalArquivos=80>>. Acesso em: 03 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria Ministerial n. 154**, de 24 de janeiro de 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de março de 2008. Seção 1, n. 43, p. 38-42.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNS n. 218**, de 6 de março de 1997. Regulamentação das profissões da Saúde. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol97/res21897.htm/>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP n. 01**, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP n. 02**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de Graduação Plena, de Formação de Professores da

Educação Básica em nível superior. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CES n. 07**, de 18 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Seção 1, p. 18-19. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CES n. 04**, de 06 de abril de 2009. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf). Acesso em: 06 ago. 2015.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre, Artmed, 1996.

BROWNELL, K.D. Exercise and obesity treatment: psychological aspects. **Int. J. Obes.**, v. 19, p. 122-125, 1995.

BURDEN, P. R. Teacher development. In: HOUSTON W. R. (Org.). **Handbook of research on teacher education**. New York: Macmillan, p. 311 – 327, 1990.

CÂMARA, H. C. R. Critérios comportamentais utilizados por técnicos na avaliação do desempenho esportivo de futebolista das categorias de base, 2009.

CAMARGO, M. **Fundamentos de ética geral e profissional**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; FORNERIS, T. Coaching and transferring life skills: philosophies and strategies used by model high school coaches. **The Sport Psychologist**, v. 26, p. 243-260, 2012.

CAMPBELL, S. Coaching education around the world. **Sport Science Review**. Champaign, v. 2, n. 2, p. 62-74, 1993.

CAMPOS, C. **A justificação da periodização tática como uma fenomenotécnica**. A singularidade da intervenção do treinador como a sua impressão digital. Pontevedra. McSports, 2008.

CAPINUSSÚ, J. M.; PETIT, J. R. **Futebol: técnica, tática e administração**. Rio de Janeiro, Shape, 2004.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. Florianópolis, **Texto Contexto Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

CAROL N.; DWYER J.D. Nutrition and exercise: effects on adolescent health. **Annu. Ver. Publ. Health**, v. 12, p. 309-333, 1991.

CARRAVETTA, E. S. P. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento esportivo. Porto Alegre: Age, 2006.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

CASTRO, G.C., GONÇALVES, A. Intervenção e formação em educação física com destaque à saúde. **Motriz**. v.15, n.12, p. 374-382, abr./jun. 2009.

CHELLADURAI, P.; SALEH, S. D. Dimensions of leader Behavior in Sports: Development of a Leadership Scale. **Journal of Sport Psychology**, v. 2, p. 34-45, 1980.

CHOMSKY, N. **Para entender o poder**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 12, 2004.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONFED. Conselho Federal de Educação Física. **Recomendações sobre condutas e procedimentos do profissional de Educação Física na atenção básica à saúde**. In: Silva, F. M. (Org.). Rio de Janeiro: CONFED, 2010.

COOPER, K.H. **Saúde e boa forma para seus filhos**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1991.

COQUEIRO, R.S.; NERY, A. A.; CRUZ, C.V. Inserção do professor de educação física no Programa de Saúde da Família. Discussões preliminares. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, Ano 11, n. 103, dez., 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd103/professor-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 25 set. 2015.

COSTA, V. L. M. A formação universitária do profissional de educação física. In PASSOS, S. (Org.) **Educação física e esporte na universidade**. Brasília: Universidade de Brasília - MEC. 1988.

COSTA, I.T. Análise do perfil de liderança dos treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 185-194, jul./set. 2009.

COSTA, I.T.; SAMULSKI, D. O perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 175-184, 2006.

COSTA, I.T.; SAMULSKI, D.; MARQUES, M. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro 2005. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v. 14, p. 51-56, 2006.

COTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychol**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CRATTY, B.J. **Psicologia no esporte**. Prentice-Hall, Rio de Janeiro, 1983.

CUNHA E SILVA, P. **O lugar do corpo**. Elementos para uma cartografia fractal. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CUNHA, G. B.; MESQUITA, I. M. R.; ROSADO, A. F. B.; SOUSA, T.; PEREIRA, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinado de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 931-941, 2010.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach Education and Continuing Professional Development: Experience and Learning to Coach. **QUEST**, [S.l.], v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Locating the coaching process in practice: models 'for' and 'of' coaching. **Physical Education & Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 11, n. 1, p. 83-99, 2006.

CUSHION, C.; JONES, R. Power, discourse, and symbolic violence in professional youth soccer: the case of albion football club. **Sociology of Sport Journal**. Champaign, v. 23, n. 2, p. 142-161, 2006.

DAMÁSIO, L.; SERPA, S. O treinador no desporto infanto-juvenil. **Treino Desportivo**, v. 03, Edição Especial, p. 40-44, 2000.

DA MATTA, R. "As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social". In: VVAA. Op. cit., 1982.

DAÓLIO, J. **Educação física e futebol**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

DAÓLIO, J. **Jornal da Unicamp**, Universidade Estadual Campinas, Campinas, p. 12, ago. 2005.

DAVIDS, K.; ARAÚJO, D.; SHUTTLEWORTH, R. Applications of dynamical systems theory to football. In: Reilly, Thomas; Cabri, Jan; Araújo, Duarte (Eds.). **V Science and football: the proceedings of the fifth world congress on Science and football**. London and New York. Rowledge, p. 557-569, 2005.

DELUIZ, N. Formação do trabalhador em contexto de mudança tecnológica. In: **Boletim Técnico do Senac**, v. 20, n.1, 14-25, jan./abr., 1994.

DE MEIRELLES, L. A. F.; WHATELY MARTINS, P. H. M. O emprego do enunciado "padrão FIFA" na mídia após os escândalos no cenário do futebol. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 6, n. 12, 2015.

DIAS DE CARVALHO, A. **A educação como projeto antropológico**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

DRIGO, A. J. Modelos teóricos para a Formação de Técnico Desportivo. **Disciplina de Pós-graduação**, Ciências da Motricidade, Unesp, Rio Claro, 2013.

DRIGO, A. J.; CESANA, J. Processo de reestruturação produtiva e econômica, da formação

artesanal à industrial e a construção das profissões: recortes com a Educação Física brasileira, artesanato e profissão. **Revista Educação Skepsis**, São Paulo, vol. 3, n. 2, p. 1778-1819, jan./jul., 2011.

DRIGO, A.J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, n. 2, v.15, p. 396-406, abr./jun., 2009.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol** – Escola Brasileira. Belo Horizonte: Health , 2003.

DRUMOND, J.G.F. A Ética do Profissional de Saúde e a Educação Física. In: TOJAL, J.B. (Org). **Ética Profissional na Educação Física**. Rio de Janeiro: SHAPE/CONFEEF, p. 63-74., 2004.

DUARTE, R. Modelação do esforço em desportos colectivos. **Treino Desportivo**, v. 30, p. 54-62, 2006.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. The Development Maintenance of Expert Athletic Performance: Perception of World and Olympic Champions. **J App Sport Psychol**, v. 14, p. 154-171, 2002.

EGERLAND, E. M.; SALLES, W. D. N.; BARROSO, M. L. C.; BALDI, M. F.; NASCIMENTO, J. V. D. Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 31-38, 2013.

EISENSTEIN, E. Nutrición y salud en la adolescencia. In: MADDALENO, M.; MUNIST, M. M.; SERRANO, C.V.; SILBER, T.J.; OJEDA, E.N.S.; YUNES, J. **La salud del adolescente y del joven**. Washington, OPS/OMS, (Publicación científica, 552), 1995.

ELFERINK-GEMSER, M. et al. Development of the tactical skills Inventory for sports. **Perceptual and Motor Skills**, v. 99, p. 883-895, 2004.

ELIAS, N. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELLIS, M. **The business of physical education**. Champaign, Il: Human Kinetics Books, 1988.

EUROFIT. **Comite de experts sobre a investigacion em materia de desporto**. Test europeu de aptitudfisica. Conselho de Europa, 1988.

FABIANI, M.T. **O código de ética do profissional de educação física**. Disponível em: <[https:// www.psicologia.com.pt](https://www.psicologia.com.pt)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FACDEX. **Desporto escolar: desenvolvimento somatomotor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa**. Lisboa, Ministério da Educação, 1990.

FEIJÓ, O. Corpo e movimento. **Uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FEITOSA, W. M. N.; NASCIMENTO, J. V. Educação física: quais competências profissionais? In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, p. 87-98, 2006.

FERREIRA, H. B. Pedagogia do esporte: considerações sobre o processo de iniciação nos jogos desportivos coletivos – um estudo na modalidade basquetebol. 2004. 95f. **Monografia** de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FERREIRA, A. B. H.; **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. 2012. 93f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa, 2012.

FILGUEIRA, F. M. e GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem–treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, São Paulo, 2008.

FLEURANCE, P.; COTTEAUX, V. Construction de l'expertise chez les entraîneurs sportifs d'athlètes de haut-niveau français. **Avante**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 54-68, 1999.

FLICK, U. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FONSECA, H.; GARGANTA, J. **Futebol de rua: um beco sem saída – jogo espontâneo e prática deliberada**. Lisboa: Visão e Contextos, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: PUC, 1986.

FRANCO, G. S. **Psicologia no esporte e na atividade física: uma coletânea sobre a prática com qualidade**. São Paulo: Manole, 2000.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 31, ano 11, p 141-154, 1996.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FREIRE E.S.; REIS M.C.C.; VERENGUER R.C. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, p. 39-46, 2002.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. 2. ed. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação Física e esportes), 2003.

FREIRE, J.B.; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FRENCH, S.A.; ERRY, C.L.; LEON, G.R.; FULKERSON, J.A. Food preferences, eating patterns, and physical activity among adolescents: correlations of eating disorders symptoms. **J. Adolesc. Health**, v. 15, p. 286-294, 1994.

FRISSELLI, A.; MONTOVANI, M. **Futebol – Teoria e Prática**. Phorte Editora, 1999.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos**. 2006. 139f. Dissertação de Mestrado em Educação Física - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte e Basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2012.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 25, n. 1, 2014.

GALLAHUE, D.L., OSMUN, J.C. **Understanding Motor development: Infants, Children, Adolescents, Adults**, Dubuque: Brown & Benchmark publishers, 1995.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L.H.; SILVA, E.V.M. e Esporte. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 176-198, 2005.

GARGANTA, J. **Modelação táctica do jogo de futebol**. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. 292f. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1997.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos esportivos colectivos. In: Graça, A.; Oliveira, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. 3. Ed. Lisboa: Universidade do Porto, p. 11-25., 1998.

GARGANTA, J. Ideias e competências para “pilotar” o jogo de futebol. In: TANI, Go; BENTO, Jorge; PETERSEN, Ricardo. (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Guanabara Kogan, 2006.

GARGANTA, J. et al. Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. In: Tavares, Fernando. (Org.). **Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar**. Editora Fadeup, Porto, 2013.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade. **Revista Movimento**, n. 10, p. 40-50, Porto Alegre, 1999.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos** (Centro de estudos dos jogos desportivos). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Ltda, cap.6., p. 95-136., 1998.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas, **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, Ano 8, n. 45, fev., 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da Cultura**. LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GIGLIO, S. S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. 160f. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: Reflection in model youth sport coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 21, p. 16-34, 2001.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: conditions that influence reflection. **The Physical Educator**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 32-43, 2005.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GÓIS JÚNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set., 2003.

GOMES, M. **O desenvolvimento do jogar segundo a periodização tática**. Madrid, MCSports, 2008.

GONÇALVES, P; CARVALHO, D.M. **Visão Periférica e futebol**. São Paulo: Hipócrates, 1998.

GONZÁLEZ, J. L.; RODRÍGUEZ, C. G.; GARCÍA, G. M. **Manual de prácticas de psicología deportiva**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2001.

GOULD, D.; CARSON, S. Life skills development through sport: current status and future directions. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 1, n. 1, p. 58-78, 2008.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. The development of psychological talent in US Olympic champions. **Grant sponsored by the Sport Science and Technology Division of the United States Olympic Committee**, 2001. Disponível em: <<http://edweb3.educ.msu.edu/ysi/articles/USOCTalentDevelopment.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GOULD, D.; KRANE, V.; GIANNINI, J.; HODGE, K. Educational Needs of Elite US national team, Pan American, and Olympic coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 9, p. 332-344, 1990.

GRAÇA, A. **O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol**. 1997. 399f. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GRAÇA, A. Os comos e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. 3. Ed. Lisboa: Universidade do Porto, p. 27-34, 1998.

GRECO, P.J; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1998.

GRÉHAIGNE, J. F.; GODBOUT, P.; ZERAY, Z. How the “rapport de forces” evolves in a soccer match: the dynamics of collective decisions in a complex system. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 20, n. 2, p. 747-765, 2011.

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HADDAD, A. E. **Recomendações sobre condutas e procedimentos do profissional de Educação Física na atenção básica à saúde**. In: SILVA, F. M. (Org.). Rio de Janeiro: CONFEF, p. 13-15, 2010.

HEBBELINCK, M. Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: relatos cineantropométricos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 1, n. 4, p. 46-60, 1990.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: Parte I. 12º edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HELSEN W. F.; HODGES N. J.; VAN WINCKEL J.; STARKES J. L. The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. **J Sports Sci**. v. 18, n. 9, p.727-736, Sep., 2000.

HERBERT, E.; LANDIN, D.; SOLMON, M. The impact of task progressions on students' practice, quality and taskrelated thoughts. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v.19, p.338-54, 2000.

HUNGER, D.; NASCIMENTO, J. V., BARROS, M. V. G.; HALLAL, P. C. Educação Física. In: HADDAD, A. E. et al. (Ed.) **A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde**: 1991-2004. Brasília: INEP. p. 87-139, 2006.

IRWIN, G.; HANTON, S.; KERWIN, D. G. Reflective practice and the origins of elite coaching knowledge. **Reflective Practice**, Abingdon, v. 5, n. 3, p. 425-442, 2004.

JOBIN, C.; DUHANBEL, J.F.; SESBOUE, S. L' alimentation de l' enfant et de l' adolescentsportifis de hautniveau. **Pediatric**, v. 48, p. 109-117, 1993.

JONES, R. L.; ARMOUR, K.; POTRAC, P. Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, Education and Society**, v. 8, n. 2, p. 213-229, 2003.

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. **Sports coaching cultures: from practice to theory**. London: Routledge, 2004.

JÚLIO, L.; ARAÚJO, D. Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In: Araújo, D. (Ed.). **O contexto da decisão - a acção táctica do desporto**. Lisboa: Visão e Contextos Ltda, Cap.10. p. 159-178, 2005.

KANT, I. *RéflexionssurL'Éducation*. **Introduction, traductionet notes par Alexis Philonenko**. Paris: Libraire Philosophique J. Vrin, 1993.

KUNZ, E. **Perspectivas de Intervenção pedagógica da Educação Física para a formação de Sujeitos Autônomos**. Rio de Janeiro, 2003.

LÁZARO, J. P.; OLIVEIRA, M. Caracterização dos comportamentos pré-competitivos dos jogadores de futebol da 1ª Liga Portuguesa. **Treino Desportivo**, v.18, p. 28-32, 2002.

LAWSON, H. A. **Invitation to physical education**. Champaign, Il: Human Kinetics Publishers, 1984.

LEITE, W. S. S. Especialização precoce: os danos causados à criança. **Revista Digital EFDeportes** - Buenos Aires, ano 12 , n. 113, out., 2007.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 21, p. 191-209, 2007.

LENK, H. Deporte y filosofía. In: BAITSCH, H. et al. **El deporte a la luz de la ciencia: perspectivas, aspectos, resultados**. Madrid: INEF, 1974.

LEONCINI, P. M.; SILVA, M. T. Entendendo o futebol como um negócio: Um estudo exploratório. **Gestão e Produção**, v. 12, n.1, p. 11-23, 2005.

LEVINE; MEIHY. **Coletânea de estudos: Futebol e cultura**. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOBATO, P. L.; DIAS, T. R.; TEIXEIRA, M. M. Futebol: A importância das ferramentas de gestão para o sucesso do negócio/Soccer: The importance of management tools for business success. **Motricidade**, v. 8, n. S2, p. 240, 2012.

LOPES, M.; FRADE, V. **A construção de um futebol**. Que preocupações na relação treino-hábito dentro de uma lógica de periodização táctica/ Modelização Sistêmica? Universidade do Porto, FCDEF. Porto, 2005.

LOUREIRO, B. L. **Relação do atleta e sua formação frente à sociedade**. Guaíba, RS: Ulbra, 2007.

MACHADO, G.; GALATTI, L. R.; PAES, R. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Revista Motrivivência**, n. 39, p. 164-176, 2012.

MALINA, R. Basic principles of growth and maturation In: SILVA, M. C. et al. **Youthsports: growth, maturation and talent**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

MARCHI JÚNIOR, W.; FERREIRA, A. L. P. Formação acadêmica e intervenção profissional nos Esportes: repensando a Educação Física:[revisão]. **Motriz (Impr.)**, v. 15, n. 1, p. 162-172, 2009.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Preparação profissional em educação física. In S. Passos (Org.) **Educação física e esporte na universidade**. Brasília: Univ. de Brasília – MEC, 1988.

MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 5, n.1, p. 04-08, 2000.

MARQUES, J. A. A.; KURODA, S. J. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens. In: RUBIO, Kátia (Org.). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 125-137, 2000.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento de carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n.2, p. 103-119, abr./ jun., 2009.

MARTENS, R.; CRISTINA, R. W.; HARVEY, J.S.; SHARKEY, B. J. **El Entrenador: nociones sobre psicología, pedagogia, fisiología y medicina para conocer el éxito**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1995.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MARTINEZ, J.A.; HU, F.B.; GIBNEY, M.J.; KEARNEY, J.; MARTINEZ-GONZÁLES, M.A. Physical activity, sedentary lifestyle and obesity in the European Union. **Int. J. Obes. Relat. Metab. Disord.**, v. 23, p. 1192-1201, 1999.

MARTURELLI JUNIOR, M. **A organização do trabalho de treinadores de futebol: estratégias de ação e produtividade de equipes profissionais**. 2002. 102f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MATSUDO, V. K. R. Detecção de talentos. In: GHORAYEB, N.; NETO, T. L. B. **O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos**. São Paulo: Atheneu, 1999.

MATVÉIV L.P. **Fundamentos do treino desportivo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio**

**de Janeiro.** 2010. [?]f. Dissertação de Mestrado em Educação Física – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, R S. **Trabalhos Técnicos para Futebol.** Rio de Janeiro. Editora Sprint, 1999.

MELO, V. A. **Escola nacional de educação física e esportes: uma possível história.** 1996. [?]f. Dissertação de Mestrado em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MENEZES, R.; MARQUES R.; NUNOMURA M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 351-73, 2014.

MEREDITH, C.N. Exercise and fitness. In: Rickert VI. **Adolescent nutrition: assessment and management.** New York, Chapman & Hall, 1996.

MESQUITA, I. A magnitude adaptativa da técnica nos jogos desportivos. Fundamentos para o treino. In: TAVARES, Fernando et al. **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**, Universidade do Porto, 2008.

MESQUITA, I.; FARIAS, C.; GUILHERME, O; PEREIRA, F. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.1, p.25-38, jan./mar., 2009.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e do estudo de caso. In: TRIVIÑOS, A. N. S. (Org) [et al]. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** 2. Ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** 1999. 190f. Tese de Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MONTAGNER, P.C.; SILVA, C.C.O. Reflexões acerca do treinamento em longo prazo e a seleção de talentos através das “peneiras” no futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 2, v. 24, p. 187-200, 2003.

MONTEIRO, L. C. **Critérios de avaliação utilizados por “Olheiros” e observadores na seleção de talentos esportivos para o futebol no Brasil**, 2011.

MORENO, B. S.; MACHADO, A. A. O simbolismo inconsciente de jovens atletas frente à figura do técnico esportivo. **Movimento & Percepção**, 2004.

MORENO, H. **Fundamentos del deporte: análisis de la estructura del juego desportivo.** Barcelona: INDE, 1994.

MORRIS, T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. **Journal of Sports Sciences**, Melbourne, v.18, n.9, p. 715-726, 2000.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** FGV Editora, 2007.

MUSCH, E. A.; MERTENS, B. **L'enseignement des sports collectifs: une conception élaborée** à ISEP de 1.<sup>a</sup> Université de Gand, *Révue de l'Education Physique*, 31, p. 7-20, 1991.

NASCIMENTO, G.Y.; SORIANO, J.B.; FÁVARO, P.E. A perspectiva do erro e a avaliação das consequências da intervenção profissional em educação física: uma análise de conteúdo. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, n. 9, p. 393-400, 2007.

NUNES, A. C.; BRANDÃO, E.; JANEIRA, M. As habilidades técnicas e os níveis de competição em basquetebol. Um estudo no escalão de seniores femininos. In: OLIVEIRA, J. (Ed.). **Estudos 4**. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Saúde e Sá - Artes Gráficas, Cap.10. p. 105-111, 2004.

NUNES, H. F. P. **Esporte no contexto escolar: estudo do perfil dos professores de Educação Física que atuam como técnicos nas Olimpíadas Estudantis do município de São Paulo**. 2015. 205f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

OLIVEIRA, J. O Processo de Construção de um Modelo de Jogo de uma Equipa de Futebol. In **Documento orientador: sessão teórica**. Curso de Treinadores - Nível I da Associação de Futebol do Porto. Póvoa de Varzim. 2008. < [http:// www.afporto.com/afporto/index.html](http://www.afporto.com/afporto/index.html) >. Acesso em: 15 ago. 2015.

OLIVEIRA, J.; GRAÇA, A. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, 1995.

OLIVEIRA, J. L.; VOSER, R.C.; HERNANDEZ, J. A. E. A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, Año 10, n. 76, set., 2004.

OLIVEIRA, V. M. Formação profissional: primeiras influências. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 19, n 2, p. 4-13, jan., 1998.

OLIVIO JUNIOR, J. A.; DRIGO, A. J. **Pedagogia complexa do judô – um manual para treinadores de equipes de base**. São Paulo: Mundo Jurídico, 2015.

PAES, R.R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, p. 89-98, 2002.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: Especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.) **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PAIM, M.C.C.; STREY, M. N. Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte. *Revista Digital EFDeportes*. Buenos Aires, ano 10, n. 75., 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd75/mulher.htm>>. Acesso em: 18 out. 2015.

PAOLI, P.B. et al. **Fundamentos Técnicos do Futebol**. Viçosa: Canal Quatro, 2003.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 178f. Tese de Doutorado – PPGEF. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Gama Filho, 2007.

PAOLI, P. B. **Material didático da disciplina Treinamento Tático do curso de pós-graduação em Futebol da Universidade Federal de Viçosa**, 2008.

PASQUIM, H. M. A saúde coletiva nos cursos de graduação em educação física. **Saúde Sociedade**, v. 19, n.01, p. 192-200, 2010.

PEREIRA, A. A excelência em Educação Física e Desporto a partir de Histórias de Vida. In: Pereira, A. L.; Costa, A.; Garcia, R. P. (Org.). **O desporto entre lugares: o lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto**. Porto: Universidade do Porto, 2006.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 17, n. 2, 2º sem., 2006.

PILATTI, L. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, Marcelo. LUCENA, Ricardo. **Esporte, História e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n. 2, Abr./Jun., 2000.

PINTO, J. A tática no futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. In: Oliveira, J.; Tavares, F. **Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos**, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1996.

PLATONOV, V.N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POSKITT, E.M.E. Adolescence. In: **Practical paediatric nutrition**. London, Butterworths, 1988.

POTRAC, P.; JONES, R. Power, conflict and cooperation: towards a micro-politics of coaching. **Quest. Champaign**, v. 61, p. 223-236, 2009.

PRIORE, S.E. **Composição corporal e hábitos alimentares de adolescentes**: uma contribuição à interpretação de indicadores de estado nutricional. 1998. 211f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1998.

PRODESP. Projeto Desporto. **Desenvolvimento somato-motor e capacidade de prestação desportiva em crianças e jovens**. Porto Alegre, UFRGS, 1995.

RAMOS A.T. **Atividade física**: diabéticos, gestantes, terceira idade, crianças e obesos. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

RAMOS, F. S. Como treinam as Seleções Nacionais de futebol jovem - o percurso do jogador. **Treino Desportivo**, v.11, p. 32-44, 2000.

REBELO, A.; TORRES, S. CBF Nike - **As investigações da CPI futebol**. São Paulo, Casa Amarela, 2001.

REILLY, T.; BANGSBO, J.; FRANKS, A. Anthropometric and physiological predispositions for elite soccer. **J Sports Sci.** v. 18, n. 9, p. 669-683, Sep., 2000.

REVERDITO, R.; SCAGLIA, A. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. Phorte Editora, São Paulo, 2009.

REZENDE, A.; **Elaboração e estudo de uma metodologia de treinamento voltada para o desenvolvimento das habilidades táticas no futebol de campo com base nos princípios da teoria de formação das ações mentais por estágios idealizada por Galperin**. 2003. 309f. Tese de doutorado. UnB (Universidade de Brasília). Brasília, 2003.

RIERA, J. Estrategia, táctica y técnica desportivas. Apunts: **Educación Física y Deportes**, v. 39, p. 45-56, 1995.

RIERA, J. Análises de la táctica desportiva. **Apunts**, v. 40, p. 47-60, 1995.

RODRIGUES, F.X.F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional**. 2003. [?]/f. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROSA, S. E. M. **Aspirante à craque de futebol hoje ou marginal do amanhã?** Faculdade Anhanguera - Campus Sorocaba, Sorocaba, 2009.

RUGIU A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Trad. Maria de Lourdes Menon. Autores Associados: Campinas, 1998.

SÁENZ-LÓPEZ, P. El deporte como contenido y práctica educativa. In: CARRIZOSA, M. V.; PRECIADO, V. G.(Coords.). **Valores del deporte en la educación** (año europeo de la educación a través del deporte), Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid, p. 29-61, 2005.

SAGE, G. The future of the profession of physical education. In J.D. MASSENGALE (Ed.) **Trends toward of the future in physical education**. Champaign, II: Human Kinetics Publishers, 1987.

SALMELA, J. H. **Great Job Coach: getting the edge from proven winners**. Ottawa: Potentium, 1996.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte**. Teoria e Aplicação Prática. Belo Horizonte: Imprensa Universitária. UFMG, 1995.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte**. Manual para Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. Barueri. SP: ed. Manole Ltda, 2002.

SANMARTÍN, M. G. **Manual sobre valores en la educación física y el deporte**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003.

SANTANA, W.C. **Futsal: metodologia da participação**. Lido, Londrina/PR, 2001.

SANTANA, W. C. Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade. In: Paes, R. R.; Balbino, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p. 1-22, 2005.

SANTANA GONÇALVES, J. C.; CARVALHO, C. A. **A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências** Cadernos EBAPE. BR, vol. 4, núm. 2, jun., 2006, p. 1-27 Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, M. L. **A evolução da gestão no futebol no futebol brasileiro**. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 2002.

SANTOS, X. F. Futebol, jovens atletas e educação: uma imersão nos clubes de Recife. **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades e (Des) Igualdades** - UFBA, Salvador, 2011.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se ensina e o futebol que se aprende**. 1999. 242f. Faculdade de Educação Física. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. **O futebol e os jogos/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Faculdade de Educação Física. 2003. 164f. Tese de Doutorado. Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. Como ensinar Futebol: uma proposta de sistematização do processo de ensino-aprendizagem no futebol, tendo como ponto de partida as experiências realizadas na escolinha de futebol da FEF-Unicamp. **Revista virtual EFArtigos** – Natal/RN, v. 3, n. 20, fev., 2006.

\_\_\_\_\_. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. Phorte Editora, São Paulo, 2011.

SCHERER, M. I. “O processo de elitização no público frequentador dos estádios de futebol: o caso do estádio Pinheiro Borda (Beira-Rio) do Sport Club Internacional”. Salão de Iniciação Científica (22.: 2010 out. 18-22: Porto Alegre, RS). Livro de resumos, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

SCHINKE, R. J.; BLOOM, G. A.; SALMELA, J. H. The career stages of elite Canadian basketball coaches. **Avante**, [S.l.], v. 1, n. 1, p.48-62, 1995.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, Washington, v. 15, p.4-14, 1986.

SILVA, I. L.; et al. Ética e vida profissional. In: TOJAL, J.B. (Org). **Ética Profissional na Educação Física**. Rio de Janeiro: SHAPE/CONFEEF, p. 159-169, 2004.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imagens da educação no corpo**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

\_\_\_\_\_. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da Ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. de (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. 1 ed. São Paulo: Editora da Unesp, p. 73-89, 2009.

SOARES, G. J. A.; MELO, S. B. L.; BARTHOLO, L. T.; ROCHA, A. P. H. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 2, p. 252-263, abr./jun., 2011.

SORIANO, F. **A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol**; tradução Marcelo Barbão, São Paulo: Editora Lafonte, 2010.

SOUZA NETO, S. **A Educação Física na universidade - Licenciatura-bacharelado: as propostas de formação e suas implicações teórico-práticas**. 1999. 350f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1999.

SOUZA NETO, S.; ALEGRE, A. N.; HUNGER, D.; PEREIRA, J. M. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan., 2004.

SOUZA, P.; GRECO, P. J.; PAULA, P. Tática e processos cognitivos subjacentes a tomada de decisões nos jogos desportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. (Ed.). **Temas Atuais V - Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health Editora, p. 11-27, 2000.

STENHILBER, J. **Recomendações sobre condutas e procedimentos do profissional de educação física na atenção básica à saúde**. In: SILVA, F. M. (Org.). Rio de Janeiro: CONFEEF, p. 9-12, 2010.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. An evaluation of personal and contextual factors in competitive youth sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 3, n. 21, p. 340-355, 2009.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, p. 9-32, 2011.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; HUNGER, D. A. C. F. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, p. 73-93, 2013.

TANI, G. Perspectivas para a educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 5, n. 1, p. 61- 69, 1991.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011. 283f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro, 2011.

TOLEDO, L.H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed Ed., 2002.

TOURINHO FILHO, H.; TOURINHO, L. S. P. R. Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 12, p. 71-84, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and Coach Education. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. M. (Ed.). **The Handbook of Physical Education**. London: Sage, p. 516-539, 2006.

TUCKER, L. A.; FRIEDMAN, G. M. Television viewing and obesity in adult males. **Am. J. Public Health**, v. 79, p. 516-518, 1989.

VALOIS, R. F.; MCKEOWN, R. E.; SAUNDERS, R. P.; PATE, R. R.; WINNAILL, S. D. Relationship between physical activity high-school adolescents. **J. Sch. Health**, v. 65, p. 438, 1995.

VENUTO, A. A Astrologia como campo profissional em formação. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 761-801, 1999.

VERARDI, F.A.F.; BURGOS, L.T. Gestão e estrutura das categorias de base: uma visão no interior do Rio Grande do Sul. **Revista do Departamento de Educação Física e Saúde** e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul/Unisc. Rio Grande do Sul, n. 2, ano 14, abr./ jun., 2013.

VIEIRA, C. R. V.; PRIORE, S. E.; FISBERG, M. A atividade física na adolescência. **Adolescência latino-americana**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, ago., 2002.

VIEIRA, J. J. **Paixão Nacional e Mito Social**: A Participação do Negro no Futebol e Ascensão Social. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

WARDLEY, B. L.; PUNTIS, J. W. L.; TAITZ, L. S. The school child and adolescent. In: **Handbook of child nutrition**. 2. ed., New York, Oxford University, 1997.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**: Instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico incluindo considerações específicas d treinamento infantil e juvenil. 9ª Edição: Manole, 1999.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning How to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 12, n. 3, p.127-144, 2007.

ZABALA, A. **A prática educativa**: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZARIFIAN, P. **Objectif compétence**. Paris: Liaisons, 1999.